

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
SETOR CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

MÁRCIO APARECIDO PINHEIRO DA SILVA

**Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira – Seção
Regional de Mato Grosso do Sul – ANVFEB-MS: Identidades, Memórias e
Patrimônio Cultural (1980-1990)**

DOURADOS – 2014

MÁRCIO APARECIDO PINHEIRO DA SILVA

**Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira – Seção
Regional de Mato Grosso do Sul – ANVFEB-MS: Identidades, Memórias e
Patrimônio Cultural (1980-1990)**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: Movimentos Sociais e Instituições

Orientador: Prof. Dr. **Carlos Martins Junior**

DOURADOS – 2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

S586a Silva, Márcio Aparecido Pinheiro da.

Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira – Seção Regional de Mato Grosso do Sul – ANVFEB-MS: identidades, memórias e patrimônio cultural (1980-1990). / Márcio Aparecido Pinheiro da Silva. – Dourados, MS: UFGD, 2014.

145f.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Martins Junior.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados.

1. Segunda Guerra Mundial. 2. Força Expedicionária Brasileira - FEB. 3. Lugares da Memória.

CDD – 981.06

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.

©Todos os direitos reservados. Permitido a publicação parcial desde que citada a fonte.

MÁRCIO APARECIDO PINHEIRO DA SILVA

**Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira – Seção
Regional de Mato Grosso do Sul – ANVFEB-MS: Identidades, Memórias e
Patrimônio Cultural (1980-1990)**

Comissão Julgadora
Dissertação para Obtenção do Grau de Mestre
Programa de Pós-Graduação em História – PPGH/UFGD

Presidente e orientador: Dr. Carlos Martins Junior – Aquidauana (UFMS)

2º Examinador: Professor Dr. João Carlos de Souza – Dourados (UFGD)

3º Examinador: Professor Dr. Cesar Francisco Ferraz - Londrina (UEL)

Dourados, aprovado, em _____ de _____ de _____

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento deste trabalho só foi possível graças a diversas contribuições, as quais não podem deixar de ser mencionadas por mim.

Gostaria inicialmente de agradecer a Associação Nacional dos Veteranos da FEB – Seção Regional de Mato Grosso do Sul – ANVFEB-MS, em especial ao seu Presidente Agostinho Gonçalves da Motta, pela oportunidade de realizar a minha pesquisa no acervo documental da entidade e de aprofundar academicamente os meus conhecimentos sob o tema da Segunda Guerra Mundial e do processo de reintegração social dos Veteranos da FEB no Estado de Mato Grosso do Sul.

E os meus sinceros agradecimentos ao Professor Doutor Carlos Martins Junior, pelas orientações e contribuições teóricas e metodológicas nesta Dissertação, que foram de extrema relevância, pelas importantes sugestões e críticas ao meu trabalho, e à CAPES, cujo fomento foi essencial à dedicação que pude conferir ao projeto.

Ainda em minha lista de agradecimento há muitos nomes a contemplar. Não posso deixar de mencionar a generosidade e a simpatia dos Veteranos da FEB Agostinho Gonçalves da Motta, Manoel Siqueira, Moacir Aleixo, Andre Rizaldi e Marcos Evangelista em que ambos me concederam entrevistas e cópias dos seus documentos pessoais, os quais nortearam meu estudo sobre a constituição da ANVFEB-MS.

Não poderia deixar, também, de mencionar os queridos amigos e companheiros febiólogos, que fui conquistando ao longo da pesquisa da ANVFEB-MS, como o Sargento Luiz Miguel Balbuena (gestor e responsável pelo acervo histórico do Museu da Força Expedicionária Brasileira em Campo Grande - MS) e ao Sargento Wallas da Silva Freitas (o então gestor e responsável pelo acervo histórico do Museu Marechal José Machado Lopes, no 9º Batalhão de Engenharia de Combate – Carlos Camisão em Aquidauana - MS), pela ajuda, simpatia e disponibilidade no acesso ao acervo documental dos Museus da FEB no Estado.

Além destas pessoas, mais diretamente envolvidas com o conteúdo de minha Dissertação, devo muito a minha família e aos amigos que fiz ao longo das várias viagens feitas de Campo Grande a Dourados (Universidade Federal da Grande

Dourados - UFGD) e de Dourados a Campo Grande, precisamente a serem lembrados com carinho: Pedro Rabelo, Rafael Lugo Sanches (Bocão), Carlos Neppel (Carlão), Maurílio Dantielly Calonga e Fabrícia Santana de Oliveira. E também a minha querida esposa Maria Auxiliadora Rosa de Paula Pinheiro (Dorinha) pelo apoio emocional e incentivo ao desenvolvimento deste trabalho. Assim, a cada um deles, o meu mais profundo agradecimento! Simplesmente muito obrigado!

RESUMO

Esta dissertação se dedica a investigar a problemática acerca da constituição da Associação Nacional dos Veteranos da FEB – Seção Regional de Mato Grosso do Sul – ANVFEB-MS e da construção do patrimônio cultural sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, entre os anos de 1944-1945, nas cidades de Campo Grande e Aquidauana, vivenciada, particularmente, ao longo da segunda metade do Século XX. Ela parte da análise de alguns documentos institucionais e da história oral sobre a criação da Associação, Museus e dos Monumentos que relembram os feitos dos soldados da FEB durante a mobilização e o envio deste contingente militar para lutar ao lado dos países Aliados na Segunda Guerra Mundial, no teatro de operações do mediterrâneo, eventos estes que nortearam o processo de constituição da memória e da identidade dos Febianos no Estado de Mato Grosso do Sul.

E além de problematizar alguns conceitos sobre memória e identidade individual e coletiva à luz da reflexão sociológica acerca do processo de reintegração social dos Veteranos da Força Expedicionária, que participaram da Campanha Brasileira na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial.

A dissertação defende a hipótese de que a constituição das Associações dos Ex-Combatentes da Segunda Guerra Mundial foi fruto de um “Espírito de Corpo” desenvolvido entre os seus membros, fundado na camaradagem e solidariedade entre os Veteranos da FEB, desenvolvidos ainda na Itália. Fator que também se influenciou na construção e preservação de “Espaços de Memórias” e dos “Lugares de Memória”, nas décadas de 1980 e 1990, nas cidades de Aquidauana e Campo Grande, no Estado de Mato Grosso do Sul.

Palavras-chaves: Segunda Guerra Mundial; Força Expedicionária Brasileira – FEB; Lugares da Memória.

ABSTRACT

This thesis is devoted to investigate the issue about the constitution of the National Association of Veterans of FEB - Regional Section of Mato Grosso do Sul - ANVFEB-MS and construction of the cultural heritage of Brazilian participation in World War II, between the years 1944 -1945, in the cities of Campo Grande and Aquidauna, experienced, particularly during the second half of the twentieth century. It starts from the analysis of some institutional documents and oral history on the creation of the Association of Museums and Monuments that recall the deeds of the soldiers of the BEF during mobilization and sending this military contingent to fight alongside the Allies in the Second World War in the Mediterranean theater of operations, these events that guided the process of constitution of memory and identity of febianos in the State of Mato Grosso do Sul.

And besides discuss some concepts of individual and collective memory and in the light of sociological reflection on the social reintegration of Veterans Expeditionary Force, who participated in the Brazilian Campaign in Italy during World War II identity process.

The paper defends the hypothesis that the formation of Associations of Former Combatants of World War II was the result of a "Spirit Body" developed among its members, based on camaraderie and solidarity among veterans FEB also developed in Italy. Factor that also influenced the construction and preservation of "Spaces of Memory" and "Places of Memory", in the 1980s and 1990s, the cities of Aquidauna and Campo Grande, State of Mato Grosso do Sul

Key-words: II World War; Brazilian Expeditionary Force – BEF; Places of Memory.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	10
2. Capítulo 1: Um Histórico da Constituição e Participação da FEB na Segunda Guerra Mundial -1942-1945.....	22
3. Capítulo 2: A Criação das Associações dos Ex-Combatentes e Veteranos da FEB.....	48
7	
4. Capítulo 3: A Construção e Preservação do Patrimônio Histórico da Força Expedicionária Brasileira no Estado de Mato Grosso do Sul.....	84
5. Considerações Finais	121
6. Fontes	129
7. Referências Bibliográficas.....	131
8. Obras Consultadas	135
9. Anexos.....	136

1) Introdução:

O projeto “Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira – Seção Regional de Mato Grosso do Sul: Identidades, Memórias e Patrimônio Cultural (1980-1990)”, foi apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História da UFGD, em outubro de 2011. O objetivo geral da pesquisa é compreender como foi constituída a identidade Febiana, e conhecer as ações realizadas pela Associação da ANVFEB-MS, a fim de preservar seus feitos ao longo da história. Ainda serão descritos os elementos sociais e simbólicos que contribuíram na formação da memória dos Febianos no Brasil, bem como contextualizar o momento histórico, a partir de 1980, quando o Exército Brasileiro passou a referendar essas memórias no Estado de Mato Grosso do Sul. Além disso, pontuar algumas ações políticas que reaproximaram o Exército Brasileiro dos Veteranos da Associação da ANVFEB ao fim da ditadura civil-militar, o que favoreceu a consolidação do regime democrático no país, acompanhado por um lento processo de mudança da postura do Exército frente a sociedade civil¹, em geral, e também em relação à ANVFEB.²

Para tanto, serão desenvolvidos alguns objetivos específicos da pesquisa, tais como: descrever os elementos sociais que foram constituindo a identidade Febiana, elaborada a partir da constituição de várias Associações de Ex-Combatentes da Segunda Guerra Mundial no Brasil, nas décadas de 1940 e 1950, e que só veio a se consolidar a partir de uma ruptura interna desta Associação, algo que levou a criação de uma nova entidade, que foi a fundação da Associação da ANVFEB – Nacional no Rio de Janeiro, na década de 1960. Assim, essa identidade Febiana foi sendo gestada a partir dos conflitos internos ocorridos na Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, nas décadas de 1940, 1950 e 1960, sendo que nessa última Associação, a maioria dos seus membros foi sendo integrada por veteranos da FEB, os quais haviam atuado diretamente na Campanha Brasileira na Itália, entre os anos de 1944-1945.

Na Associação dos Ex-Combatentes do Brasil - AECEB, além dos Febianos, também havia aqueles soldados que eram Ex-Combatentes da FAB (Força Aérea Brasileira), Marinha de Guerra (Força Expedicionária Brasileira), e todos estiveram mobilizados em um esforço de guerra nacional pela participação do Brasil ao lado dos

¹ CASTRO, Celso. **A Invenção do Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2002, p.35.

² Associação Nacional dos Veteranos da FEB – Sede Nacional ficou sediada na Rua das Marrecas 136, no Rio de Janeiro – RJ.

países Aliados durante a Segunda Guerra Mundial, onde atuaram especificamente no Teatro de Operações do Mediterrâneo, entre os anos de 1944-1945.

E para melhor compreender a identidade destes Febianos, será descrito como transcorreu o processo de constituição da memória social desses veteranos de guerra, levando-se em consideração os vários desafios postos à entidade da ANVFEB, na recente história da constituição do Estado Sul-Mato-Grossense, na luta para constituir os seus espaços representativos, na sociedade civil e militar, podendo diferenciá-los em “lugares de memórias” e também os “espaços de memórias” em que foram sendo elaborados e pensados, a partir da segunda metade da década de 1980, no Estado.

É importante ressaltar que isso tudo ocorreu dentro de um período em que o Brasil estava passando por um importante momento histórico da política nacional. Uma transição da “Ditadura Militar” para uma “Nova República Democrática”, já estava consolidando, a partir da elaboração de uma nova Constituição Federal, promulgada em 1988.

No decorrer do período, entre o ingresso no Programa de Pós-Graduação em História e o início da escrita do texto da Dissertação, foi feita uma opção em manter o objeto de estudo, que é a constituição da ANVFEB-MS. Assim, a proposta inicial de desenvolver este trabalho voltado à história militar foi mantida.

É importante ressaltar que esta pesquisa, está distante do quadro teórico metodológico no qual se enquadrava a história militar brasileira até a década de 1970. A produção da história militar nacional, surgida a partir do fortalecimento do Exército no final do século XIX, era baseada em narrativa de combates, biografias de heróis militares, descrições de locais de conflito e de táticas vencedoras de grandes guerras. O referencial metodológico desses historiadores militares, do final do século XIX até pouco mais da metade do século XX, era a escola metódica, já que a tradição militar era fortemente influenciada pelo positivismo.

Nos últimos 60 anos, a historiografia brasileira vem sofrendo várias mudanças com o estabelecimento da história econômica e social, de onde aflorou a história quantitativa, privilegiando as fontes seriais, cuja exploração foi logo tornada mais abordável graças ao desenvolvimento da informática. Foi também a época em que, simultaneamente, começou a se desenvolver o que os historiadores americanos chamam

*Nova História Militar*³, que renunciava à tradicional abordagem da história militar caracterizada por se dedicar à narrativa de batalhas, táticas e chefes militares, quiçá à história das organizações militares com viés acentuadamente prospectivo.

Esse alargamento da história militar chegou com certo atraso ao Brasil. Para se compreender as razões disso, deve-se levar em consideração que a expansão do sistema universitário e o fortalecimento do campo científico no país, a partir da segunda metade do século XX (na década de 1960), deram-se ao mesmo tempo em que ocorreu a intensificação do envolvimento militar na política, em particular com o Regime Militar, que desestimulou a pesquisa acadêmica sobre as forças armadas.⁴

Não obstante, com o fim do Regime Militar assistiu-se a uma expansão da produção historiográfica no campo militar, agora sob a égide da *História Nova*. Nessa perspectiva, surgiram novos estudos que se debruçaram sobre temas como, entre outros, a origem social, os vínculos de sociabilidades, os sistemas de progressão e punição operantes nos quartéis e destacamentos. Além disso, também surgiram estudos sobre as ocasiões em que as forças armadas entraram em combate, a sua participação no processo de unificação territorial do Brasil, a formação dos oficiais e o tratamento dado aos veteranos de guerra.

Importante ressaltar que essa mudança no quadro teórico e metodológico, que ficou mais conhecida como a “Nova História Militar”, transcorreu entre as décadas de 1970\1990, quando os estudos militares brasileiros passaram a ser contextualizados de forma mais complexa, alcançando maior visibilidade nos meios acadêmicos e examinados com critérios específicos da historiografia, as fontes e as várias metodologias para produção do conhecimento historiográfico, agregando assim, condições para compreender a questão militar como parte da história nacional.⁵

O desenvolvimento da pesquisa deve-se à observação e ao interesse despertado ao longo da graduação no curso de História-Licenciatura na Universidade Federal de Mato

³ Essa nova corrente historiográfica pode ser conferida ou certificada através do seguinte livro: WEIGLEY, Russel F. (Org.). **Novas Dimensões da História Militar**. Rio de Janeiro: Editora Bibliex, Volume 1, 1981.

⁴ Deve-se considerar que os pesquisadores brasilianistas como Alfred Stepan, Frank McCann, John Schultz e outros, que encetaram competentes estudos no campo da história militar no Brasil nessa época, gozavam de maiores liberdades que seus colegas brasileiros e inclusive de apoio do governo brasileiro, com amplo acesso aos arquivos militares, como pode ser observado em STEPAN, Alfred. *Os Militares na Política*. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1975.

⁵ CASTRO, C. IZECKSOHN, V. KRAAY, H. “Da História Militar à “Nova” História Militar”. In: CASTRO, Celso & IZECKSOHN, V. KRAAY, H. **Nova História Militar Brasileira**. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2004, p. 11 a 41.

Grosso do Sul, pela forma como alguns dos países beligerantes que haviam combatido na Segunda Guerra Mundial ao lado dos Aliados, destacando-se entre estes, França, Inglaterra e Estados Unidos, realizaram um tratamento diferenciado na reintegração social em relação aos seus Ex-Combatentes de guerra, em comparação com os veteranos de guerra do Brasil.

Portanto, sobre a constituição da ANVFEB-MS, que transcorreu entre as décadas de 1980 e 1990, agora apresentadas as perspectivas e sob o título “Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira – Seção Regional de Mato Grosso do Sul: Identidades, Memórias e Patrimônio Cultural (1980-1990)”, que está constituído em três abordagens: a primeira, relacionada às memórias das vivências do front durante a Segunda Guerra Mundial (muitas delas traumáticas), o que acabou levando à materialização e consolidação dessa entidade, enquanto Seção Regional da ANVFEB-Nacional em Campo Grande, algo que foi fruto de ações políticas dos seus membros juntos à entidade Nacional, e as das Assembléias realizadas para elaboração de um estatuto e da criação de uma diretoria abrangendo os vários Veteranos da FEB que viviam no Estado de Mato Grosso do Sul, na década de 1980.

A segunda perspectiva será de apresentar uma trajetória histórica das ações sociais e políticas em que a Associação da ANVFEB-MS esteve envolvida para a construção e preservação das memórias dos Febianos junto à comunidade civil e militar nas cidades de Campo Grande e de Aquidauana na década de 1990, embora a cidade de Aquidauana, desde a década de 1940, já contava com a sede de uma importante Unidade Militar, que era o 9º Batalhão de Engenharia de Combate – Carlos Camisão, cuja instituição esteve mobilizada militarmente junto ao contingente militar da FEB na campanha do Brasil na Segunda Guerra Mundial, nos anos de 1942 a 1945.

E a última será apresentar um panorama histórico da constituição dos Museus e dos Monumentos sobre a FEB nas cidades de Aquidauana e de Campo Grande e ainda descrever quais foram os principais agentes sociais que estiveram envolvidos diretamente na constituição do acervo patrimonial e histórico sobre a memória dos Febianos no Estado de Mato Grosso do Sul.

E, referente ao trabalho com as fontes escritas é importante salientar que o material analisado está distribuído em dois locais distintos: o primeiro, na sede da Associação Nacional dos Veteranos da FEB – ANVFEB-MS e o segundo, nos acervos dos Museus da Força Expedicionária, com as suas sedes em Campo Grande, no prédio do antigo Comando-Geral da Policial Militar do Estado de Mato Grosso do Sul, e na

cidade de Aquidauana, localizada no 9º Batalhão de Engenharia de Combate – Carlos Camisão. Nesses dois locais é possível encontrar fontes impressas em mostruários da exposição dos museus sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial e outra parte disposta em acervos documentais, em reserva técnica.

Sobre as fontes orais⁶, já foram realizadas cinco entrevistas com os seguintes Veteranos da FEB: Moacir Aleixo, Marcos Evangelista, André Ragalzi, Manoel de Castro Siqueira e Agostinho Gonçalves da Motta e ainda, contará como apoio, as entrevistas realizadas pelos Acadêmicos de Jornalismo: Alan de Farias Brito, Renan Carvalho Kubota e Vinícius Alexandre Squinelo Lopes Zenetti, através do Projeto Experimental do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em que o resultado deste trabalho, com as entrevistas, foi a produção de um vídeo documentário, denominado “Memórias Febianas - Crônicas de Veteranos do Sul de Mato Grosso”, o qual contou com a participação dos seguintes Veteranos: Agostinho Gonçalves da Motta, Américo Zeolla, Atalida Ferreira, Benedito Ravedutti, Carlos Cardeal da Rocha, Mário Pereira da Silva, Moacir Aleixo, Izodoro Teodoro da Silva, Manoel de Castro Siqueira, Augusto Afonso Costa, João José Rodrigues, Américo Benetiz e Marcos Evangelista de Santana.⁷

A história oral contribuiu na pesquisa sobre ANVFEB-MS, pois ao realizar os depoimentos com os veteranos acima, utilizou-se por base um roteiro de perguntas pré-estabelecidas, buscando assim constituir uma “história de vida” e de “historia temática” em torno destas perguntas, estabeleceu-se quatro eixos temáticos sobre a vida dos veteranos da FEB, sendo o envolvimento deles com o Exército brasileiro e da sua participação na Segunda Guerra Mundial e da organização da ANVFEB-MS, e ainda procurou-se focar as perguntas sobre várias experiências adquiridas no transcorrer da Guerra e o processo de reintegração social ocorrido com o término do conflito na Europa a partir de 1945.⁸ E a escolha dos veteranos para realização desta pesquisa teve uso dos seguintes critérios: estar como a memória lúcida, ter aceitado realizar as

⁶ O sentido que me proponho a trabalhar com a História Oral, será como um dos vários instrumentos da pesquisa histórica, pois, é preciso apreender a memória não como um “arquivo de lembranças”, mas como um tempo em que as pessoas, além de recordar, atribuem significados ao seu passado e presente. RICOUER, Paul. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Campinas: Edunicamp, 2007, p.189.

⁷ Este projeto foi coordenador pela **Professora Dra. Daniela Ota** – Curso de Jornalismo – Departamento: Centro de Ciências Humanas e Sociais – **CCHS** – **UFMS**, o período que desenvolveram as entrevistas fora de 26 de Maio de 2009 a 11 de Novembro de 2009.

⁸ Esta metodologia sobre a Pesquisa da História Oral ficou estabelecida no Artigo escrito por ALBERTI, Verena. “Histórias Dentro da História”. IN, PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2010, p. 155-202.

entrevistas conforme os critérios estabelecidos na pesquisa e ainda ter participado de forma direta ou indireta da criação da Primeira Diretoria da ANVFEB-MS em 1985.

As fontes impressas utilizadas para escrita desse texto foram os ofícios, informativos, atas de assembleias e reuniões da ANVFEB-MS. Além disso, foi consultado um acervo documental sobre a constituição do Museu Expedicionário em Campo Grande e do Museu Marechal José Machado Lopes, em Aquidauana. Também foram digitalizadas e catalogadas fotos, que serão utilizadas ao longo deste trabalho, como importantes momentos históricos das ações da ANVFEB-MS junto à sociedade Militar e civil do Estado de Mato Grosso do Sul. Esse acervo fotográfico pode ser consultado nas sedes dos Museus Expedicionários, na ANVFEB-MS, e nas casas de alguns dos membros dessa Associação. Vale ressaltar que ao analisar a natureza das fontes fotográficas deve-se ter o mesmo olhar crítico com o qual se analisa um texto, entendendo que, assim como este, as imagens foram produzidas em uma determinada época (sejam elas pinturas, gravuras ou fotografias), ou seja, são herdeiras de um tempo, trazendo consigo um tipo de narrativa que, submetida a um interrogatório nato de um historiador, proporciona indícios do passado.⁹

Além das fontes elencadas, serão utilizados outros recursos materiais, que permitam acrescentar informações complementares ao processo de constituição e consolidação da ANVFEB-MS, a exemplo: livros de memórias, imprensa, boletins de serviço interno do Exército, lista de Veteranos Pensionistas ou Reformados pelo Exército e do Manual de Museologia do Exército; este último produzido pela Fundação de Cultura do Exército, como modelo para a organização dos Museus do Exército, no Brasil. Ainda serão apresentadas algumas listas de materiais bélicos doados pelos Veteranos da FEB, que se tornaram um dos elementos principais na constituição dos Museus da FEB, no Estado de Mato Grosso do Sul.

No decorrer da pesquisa realizada, foram consultadas as seguintes instituições: Biblioteca Pública Estadual Dr. Izaías Paim (Campo Grande – MS), Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (Campo Grande – MS), Fundação Barbosa Rodrigues (Campo Grande – MS), Arquivo Público Estadual (Memorial Apolônio de Carvalho – Campo Grande) e o Arquivo Histórico de Campo Grande, onde foram encontradas algumas obras e documentos que contribuíram de alguma maneira para a escritura do texto apresentado.

⁹ BURKE, Peter. **Testemunha Ocular – História da Imagem**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004.

Contudo, essa pesquisa busca compreender a identidade do veterano Febiano, elaborada a partir da ANVFEB-MS, em contraponto com a identidade do Ex-Combatente da Segunda Guerra Mundial, elaborada pela Associação dos Ex-Combatentes do Brasil – AECB. Ao mesmo tempo procura-se entender a constituição da memória dos Febianos, levando-se em consideração os chamados “Espaços de Memórias”¹⁰ constituídos a partir da segunda metade da década de 1980 e depois os “Lugares de Memórias”¹¹ que foram sendo constituídos na década de 1990.

Para tanto, se propõe que a dissertação seja composta por três capítulos. O primeiro capítulo, intitulado “Um histórico da constituição e participação da FEB na Segunda Guerra Mundial – 1942-1945” terá como objetivo geral traçar um panorama do contexto histórico brasileiro, no período em que eclodiu a Segunda Guerra Mundial na Europa, focando, sobretudo, como ocorreu a mobilização e a participação nacional da Força Expedicionária Brasileira no conflito a partir da Declaração de Guerra aos países do eixo, em 1942. Com isso visa-se, especificamente, entender como se deu a construção do “Espírito de Corpo” entre os soldados de infantaria da FEB, em meio a algumas das principais batalhas e combates desenvolvidos em território italiano, ao lado do V Exército dos países Aliados, entre os anos de 1944-1945.

A esse respeito é preciso ressaltar, primeiramente, que diante das dificuldades de reintegração social, quando de seu retorno ao Brasil após a guerra, os Ex-Combatentes tiveram de recorrer ao “Espírito de Corpo”, construído no *front* de batalha como um importante instrumento para a constituição, na década de 1940, da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil – AECB e, posteriormente, na década de 1960, para a constituição da Associação Nacional dos Veteranos da FEB - ANVFEB¹². Além disso,

¹⁰ Este conceito fica aqui entendido, como aqueles locais de convivências pessoais entre os Veteranos da FEB, familiares e amigo, constituindo assim em um espaço de sociabilidade dentro da ANVFEB-MS. RICOEUR, Paul. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Campinas: Edunicamp, 2007, p. 37.

¹¹ Este conceito fica aqui entendido, como aqueles espaços que foram sendo constituídos por instituições ou órgãos do Estado no sentido de representar uma memória oficial sobre a participação dos soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial entre os anos de 1944-45. NORA, Pierre. “Entre a Memória e a História. A Problemática dos Lugares”. Tradução de Yara Aun Houry, **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC/SP**, São Paulo: Editora EDUC, nº 10, 1993, p. 21-22.

¹² O historiador Dennison de Oliveira dá como exemplo marcante do processo de construção daquele “espírito de corpo” as ações conduzidas pelos Pelotões de Reconhecimento da 1ª Divisão de Infantaria da FEB. Na expressão desse autor, “independentemente das virtudes militares do efetivo empregado em ação de combate contra os inimigos, todos [os “Pelotões de Reconhecimento”] acabaram por forjar uma intensa solidariedade de grupo. Pois podemos entender que um fato estabelecido que o primeiro grupo social que sentimos pertencer é a família. Esse é o grupo de maior importância para o processo de constituição da identidade e da personalidade de qualquer pessoa. Contudo, mesmo a ligação familiar tende a se obscurecer ou mesmo se fraturar diante dos vínculos forjados entre indivíduos que travaram combates letais. O Grupo de Combate de Infantaria tende, assim, a se constituir numa segunda família,

pode-se afirmar que, junto às adaptações que o Exército Brasileiro teve que sofrer devido à sua articulação ao V Exército dos Países Aliados, ao qual também estava ligado o IV Corpo do Exército Norte-Americano – adaptações doutrinárias que dariam origem ao que viria a ser conhecido como “Exército de Mascarenhas” ou “Expedicionário”, de caráter mais democrático que o chamado “Exército de Caxias”, forjado a partir da doutrina estabelecida pela Missão Francesa realizada em 1918 e 1925 – e da própria condição social da maioria dos “cidadãos soldados”¹³ incorporados à FEB, esse “espírito de corpo” compôs mais um ingrediente a fomentar o que poderia ser chamado de “identidade febiana”.¹⁴

Por isso, também nos interessa apresentar um possível perfil social dos soldados integrados aos Três Regimentos da FEB e do 9º Batalhão de Engenharia de Combate – que na grande maioria possuía um baixo nível de escolaridade e oriundos de regiões distantes dos grandes centros urbanos, onde exerciam atividades profissionais de baixa qualificação e remuneração -, de modo a entender quem eram esses soldados, como foi a experiência do conflito para a maioria deles e, ainda, apresentar os elementos sociais e políticos que os motivaram a se organizar em Associações de Ex- Combatentes. Para tanto, serão utilizados como fontes, livros de memórias e depoimentos de ex-combatentes ligados à ANVFEB-MS, bem como depoimentos de familiares de veteranos de guerra, já falecidos.

Com isso, acredita-se ser possível compreender o significado da identidade febiana, a partir dos desdobramentos de disputas travadas no interior da AECB, que colocaram, de um lado, os militares que, embora mobilizados para guerra, não chegaram a embarcar para a Itália, ou que, embora presentes no teatro de operações mantiveram-se na retaguarda como quadro complementar de várias Unidades Militares da FEB, e, de outro lado, aqueles militares que efetivamente combateram o inimigo na linha de frente (algo ficou conhecido no meio militar dos febianos como soldados de Saco A e os de

numa família substituta ou, no limite, a única família que os indivíduos integram ou que consideram como relevante”. OLIVEIRA, Denison. **Os Soldados Alemães de Vargas**. Curitiba: Ed. Juruá, Coleção Semeando Livros, 2008, p.90.

¹³ O conceito de “**Cidadão-Soldado**” é tomado aqui no sentido atribuído por Eric J. Hobsbawm, ou seja, de uma mobilização nacional pela defesa da pátria, que no caso brasileiro esteve, naquele momento, sendo alvo dos ataques dos submarinos alemães e italianos na costa do Nordeste do país. HOBBSAWM, Eric J. **Nações e Nacionalismo desde 1870**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 104-105.

¹⁴ Entende-se por “febianos” aquele soldado que foi conscrito durante a Segunda Guerra Mundial, mesmo sendo civil ou militar, e que foi integrado em algum dos Três Regimentos da Força Expedicionária Brasileira, sendo o 1º Regimento do Rio de Janeiro - RJ, 6º Regimento de Caçapava – SP e 11º Regimento de São João Del Rei – MG e as outras Unidades Militares da FEB, a exemplo o 9º Batalhão de Engenharia de Combate, Intendência, Polícia do Exército, Enfermeiras, etc..

Saco B). E ainda procura-se demonstrar que tais disputas apontavam para o controle social da memória dos feitos da FEB, na Campanha da Itália, por parte de vários membros que ficaram conhecidos como Ex-Combatentes, esses soldados ligados àquela Associação, oficiais da ativa do Exército, o que, sobretudo para aqueles que estiveram na linha de frente dos combates, conhecidos como Veteranos da FEB, que tudo isso implicava no sucesso ou não na conquista de direitos políticos e sociais que os Ex-Combatentes da Segunda Guerra Mundial buscavam desde o fim da guerra, estas disputas ideológicas ocorriam, num país em que, entre as décadas de 1940 e 1980, ainda persistia um viés excludente e pouco democrático.

O segundo capítulo, intitulado “O processo histórico da constituição da AECEB e da ANVFEB”, terá como objetivo discutir o processo de reintegração social dos Ex-Combatentes da Segunda Guerra Mundial, durante as décadas de 1940 e 1950, período em que os mesmos tiveram que desenvolver uma nova luta: primeiro pela própria sobrevivência, depois pelo reconhecimento social, do “Tributo de Sangue à Pátria”, que tanto a sociedade civil quanto a militar não queriam reconhecer, devido ao contexto político, que envolvia o Estado Novo.

Diante da problemática do processo de reintegração social desses Ex-Combatentes, pretende-se destacar os aspectos sociais e políticos que levaram os mesmos a organizarem a Associação dos Ex-Combatentes do Brasil - AECEB e a Associação Nacional dos Veteranos da FEB - ANVFEB no Brasil, ressaltando que ocorreu uma diferenciação simbólica entre os membros destas duas Associações que, ao longo da pesquisa, será enfocada no processo da criação e consolidação da ANVFEB- Seção Regional de Mato Grosso do Sul, na década de 1980.

Deve-se levar em consideração que ambas as Associações (AECEB e ANVFEB) tiveram papéis importantes no contexto da reintegração social dos Ex-Combatentes da Segunda Guerra Mundial, a exemplo das mediações de seus membros junto às instâncias superiores do Estado, além do fato de se tornarem locais de convivência social entre os familiares dos veteranos e membros das sociedades civil e militar, promovendo encontros, congressos e a publicação de periódicos, por meio dos quais buscavam tratar de questões pertinentes às conquistas relativas ao processo de reinserção social dos “ex-combatentes”, durante as décadas de 1950 e 1960. Pretende-se mostrar que as duas Associações acabavam proporcionando e ajudando no esclarecimento dos direitos dos afiliados e familiares, junto às diversas autoridades estaduais e aos Comandos Militares de Região. Mostra disso, foram as atividades desenvolvidas pelos Ex-Combatentes da

FEB em várias comunidades e localidades do país, com destaque para a cidade de Campo Grande, onde particularmente a ANVFEB-MS, criada em 1985, tomara várias iniciativas para divulgar a memória da participação brasileira durante a Segunda Guerra Mundial na Itália, materializadas, entre outras, no oferecimento de cursos técnicos para os seus afiliados e familiares, em visitas à Escolas, e à outras instituições culturais (como a fundação Barbosa Rodrigues e a Fundação de Cultura Apolônio de Carvalho, ambas em Campo Grande), na publicação de artigos em jornais de grande circulação local e boletins informativos - conhecido como *Montese*¹⁵-, na participação em desfiles cívicos e homenagens das conquistas militares realizadas na Itália, bem como na coleta de fundos para construção de monumentos comemorativos e museus relativos a participação da FEB na Segunda Guerra Mundial.

O terceiro e último capítulo têm como título “Os lugares da memória e os monumentos históricos sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial no Estado de Mato Grosso do Sul”. Nele serão discutidas as principais ações desenvolvidas pela ANVFEB-MS junto às instituições militares do Estado de Mato Grosso do Sul caso, da 9ª Região Militar, Comando Militar do Oeste (CMO) e o 9º Batalhão de Engenharia de Combate – Carlos Camisão (9º BE Cmb), para composição dos dois Museus e Monumentos da Força Expedicionária Brasileira, localizados nas cidades de Aquidauana e depois de Campo Grande.

Em primeiro lugar será apresentado como transcorreu a constituição e a formação do patrimônio cultural sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, no Estado de Mato Grosso do Sul, sendo que este patrimônio está relacionado ao processo de construção dos Museus e Monumento sobre a FEB, ambos localizados em Campo Grande¹⁶ e do Museu Marechal José Machado Lopes, localizado no 9º Batalhão de Engenharia - Carlos Camisão em Aquidauana.¹⁷

¹⁵ Este jornal-informativo mensal fora produzido pela própria ANVFEB-MS, o qual teve o seu início de publicação e circulação mensal, em abril de 2006 e o seu término em dezembro de 2010, por falta de recursos financeiros.

¹⁶ Instalado, em 1995, no **Colégio Militar de Campo Grande**, no ano de 2002, por iniciativa do General Gilberto Barbosa de Figueiredo, então Comandante do Comando Militar do Oeste, o Museu da FEB foi transferido para o prédio da **5ª Seção Administrativa da 9ª Divisão Militar**, localizado na Avenida Afonso Pena, 2270, onde permanece até hoje. “Bravos combatentes preservam sua história”. **Correio do Estado**, Campo Grande, 05 de maio de 2010.

¹⁷ Trata-se do Museu do 9º Batalhão de Engenharia de Combate (9º BE Comb), única força militar de Mato Grosso a entrar em combate no front durante a Segunda Guerra Mundial, através da 1ª Companhia do 9º BE Comb. CRUZ JUNIOR, Raul Da. **Quebra Canela. A Engenharia Brasileira na Campanha da Itália**. Rio de Janeiro: Ed. Bibliex, 1980, p. 25.

Através das fontes que foram colhidas nas duas instituições, já citadas, que serão analisadas através do método comparativo, usado pela história não apenas com o objetivo de descrever os acontecimentos pretéritos, mas sim explicá-los, descobrir suas causas e evidenciar padrões em certos acontecimentos de diferentes sociedades, e mesmo destacar o que havia de único e singular em determinado acontecimento. Foi o que Marc Bloch defendeu em sua obra “Os Reis Taumaturgos”, comparando a ocorrência das curas das escrófulas em França e Inglaterra pelos monarcas dos respectivos países¹⁸. Ciro Cardoso comparou a propriedade fundiária em certas regiões da América Colonial para demarcar certos padrões de estrutura agrária, em especial, a concessão gratuita de terras por parte das administrações coloniais ibéricas, em oposição ao mercado de terras existente nas colônias britânicas e holandesas¹⁹. Já Boris Fausto, em conjunto com o historiador argentino Fernando Devoto, decidiu por fazer uma história comparada de Brasil e Argentina tendo em vista os pressupostos ditados por Marc Bloch – sociedades próximas no tempo e no espaço, buscando semelhanças e diferenças – bem como evidenciar as singularidades de ambos os países²⁰.

Assim, esta metodologia de pesquisa buscará esclarecer em qual das cidades Campo Grande ou Aquidauana, ocorreu maior assimilação e aceitação por parte da sociedade civil e militar, relativas à construção do patrimônio cultural, no qual em visita, esta mesma sociedade revive momentos marcantes da participação dos soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial. Para tanto serão consultadas listagens com total de visitantes nos dois Museus da FEB entre os anos de 1990 a 2010. E também em complementação a metodologia adotada, as principais atividades culturais voltadas para promoção da memória dos Veteranos da FEB, que foram realizadas pelos militares de suas respectivas Unidades - 9ª Região Militar e 9º Batalhão de Engenharia de Combate – serão elencadas. É importante ressaltar que este processo dialógico entre a ANVFEB-MS e o Exército se deu em torno de qual memória dos expedicionários deveria ser preservada.

Portanto, pode-se dizer que ao longo dos anos de 1990 esta memória foi sendo apropriada pela instituição do Exército brasileiro, buscando nisso, consolidar uma nova

¹⁸ BURKE, Peter. **História e Teoria social**. São Paulo: Unesp, 2000, p. 42.

¹⁹ CARDOSO, Ciro Flamarion. “Propriedade de terra e técnicas de produção nas colônias escravistas da América Latina e das Antilhas no século XVIII”. In, CARDOSO, Ciro Flamarion (Org). **Agricultura, Escravidão e Capitalismo**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1979.

²⁰ FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando. **Brasil e Argentina. Um ensaio de história comparada (1850-2002)**. São Paulo: Editora 34, 2004, p. 25.

imagem da instituição, diante do cenário de redemocratização do país, em que acabou ocorrendo estas modificações no tratamento em relação à temática dos Febianos junto à sociedade civil e militar, propondo assim, perpetuação de uma memória única sobre as várias experiências do conflito mundial, sofridas pelos soldados das Armas de Infantaria, Artilharia e Engenharia da FEB, no front de combate italiano.

Capítulo 1 - Um histórico da constituição e participação da FEB na Segunda Guerra Mundial – 1942-1945

“A FEB era um bom resumo do povo do Brasil, não só porque tinha soldados de todos os seus Estados e de todas as classes sociais e níveis de cultura, porque levava todos os seus defeitos e improvisações, todas as suas incoerências e mitos, todas as falhas e virtude desse povo”.²¹

Pode-se afirmar que a eclosão da Segunda Guerra Mundial no continente europeu desencadeou-se através da violação das fronteiras da Polônia com Alemanha pelas Divisões Blindadas Alemãs, processo assim descrito por Tullo Vigevani:

Em 1º de setembro de 1939 quando o primeiro soldado da *Wehrmacht* atravessou a fronteira da Alemanha com a Polônia, ninguém podia pressentir a que abismos levariam aquela guerra que apenas se iniciava. Os compromissos selados pela França e pela Grã-Bretanha com a Polônia, garantindo-lhe a integridade, funcionariam apenas parcialmente, já que a outra grande potência interessada, a União Soviética, acabava de assinar um grande acordo com a Alemanha, que ficou conhecido como Tratado Molotov-Ribbentrop. Ainda assim, França e Grã-Bretanha declararam guerra à Alemanha. Mas estes, até abril de 1940, não haviam lançado nenhuma grande ofensiva.²²

Esse acontecimento fez com que as nações do continente americano intensificassem como visto nas conferências de chanceleres do Panamá (1939), Havana (1940) e do Rio de Janeiro (1942), ações diplomáticas, visando ao amálgama de uma integridade continental, através do fortalecimento do Pan-Americanismo. Na expressão de Francisco Cesar Ferraz:

Com o início da guerra, o Departamento do Estado Norte-Americano se preocupava com as alianças políticas no continente. Nas conferências de chanceleres do Panamá (1939), Havana (1940) e do Rio de Janeiro (1942), a participação norte-americana teve o objetivo de ampliar o pacto de segurança continental e garantir uma “neutralidade” favorável aos seus objetivos estratégicos. Essa política de aliança, baseada na “boa vizinhança”, deveria ir além de seus aspectos diplomáticos e econômicos. Deveria abranger também o campo cultural, em sentido amplo.²³

²¹ BRAGA, Rubem. **Crônicas de Guerra com a FEB na Itália**. Rio de Janeiro: Editora do autor, 1964.

²² VIGEVANI, Tullo. “Origens e Desenvolvimento da Segunda Guerra: Considerações sobre a Querela dos Historiadores”. IN, COGGIOLA, Osvaldo (Org.). **Segunda Guerra Mundial: Um balanço histórico**. São Paulo: Editora da USP-FFLCH, História, 1995, p.21.

²³ FERRAZ, César Ferraz. **Os Brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2005, p.29.

No cenário do surgimento de um novo conflito mundial, foram assumidos novos compromissos entre os países da América, de que ‘todo, e qualquer atentado de Estado não Americano, contra a sua integridade ou a inviolabilidade do seu território, seria considerado como um ato de agressão, contra os Estados Americanos que assinaram esta Declaração’.²⁴

Neste contexto, o Brasil mantinha relações diplomáticas tanto com os Estados Unidos, quanto com a Alemanha, pois ao se iniciar a guerra na Europa, as relações internacionais do Brasil se caracterizavam por uma política de equidistância pragmática que consistia, basicamente, na aproximação simultânea com os Estados Unidos e a Alemanha. Entretanto, diante da evolução do conflito europeu, o Brasil tornou-se gradativamente mais comprometido com os norte-americanos para um posicionamento na guerra ao lado dos Aliados.²⁵

Entretanto, o Brasil era disputado por esses dois países, não somente pelo seu apoio político, era muito mais que isso, pois, o país possuía vários recursos naturais para o esforço de Guerra, tanto disputados pelos Aliados, quanto pelos países do Eixo para suprir a sua máquina de guerra, segundo o jornalista Ricardo Bonalume, que retratou esse contexto histórico do Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, da seguinte forma:

O Brasil desse período não possuía forças militares poderosas que pudessem auxiliar decisivamente seja ao Eixo, seja aos Aliados. Havia sim, duas coisas que poderiam interessar a um beligerante: matérias-primas, como a borracha e o ferro, produtos agrícolas como o café e o açúcar e uma posição geográfica estratégica. A costa do Nordeste é, no continente americano, o ponto mais perto da África, forças baseadas nessa região podem patrulhar com mais facilidade essa “cintura fina” do Atlântico. “O Nordeste também é um trampolim para a África e viria a ser um dos pontos vitais da rede mundial de transporte aéreo militar dos Aliados”.²⁶

Eis que em 7 de dezembro de 1941, Forças Aeronavais Nipônicas atacaram de surpresa a Base Naval Norte-Americana de *Pearl Harbor*, no Oceano Pacífico, fazendo com que a guerra chegasse às Américas. O chefe do governo brasileiro, presidente

²⁴ Declaração feita em conjunto entre os países “latino-americanos”, e no ano de 1939, durante a conferência do Panamá, foi declarada a neutralidade das Repúblicas Americanas diante da guerra na Europa. Subseqüente a isso, no ano de 1940, através da conferência de Havana, foi firmada a solidariedade continental em face de uma agressão externa a qualquer país do continente passando a vigorar a partir da Carta de Havana.

²⁵ McCANN, Frank. **Aliança Brasil - Estados Unidos (1937-1945)**. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1995, p.23.

²⁶ BONALUME NETO, Ricardo. **A nossa Segunda Guerra: Os brasileiros em combate, 1942-1945**. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 1995, p. 30.

Getúlio Vargas, dirigiu um telegrama ao presidente Roosevelt, informando-lhe que, reunido com o seu Ministério, resolvera que “O Brasil se declarasse solidário com os Estados Unidos, coerente com suas tradições e compromissos na política continental”.

Durante a Terceira Reunião de consulta dos Chanceleres, em 28 de janeiro de 1942, realizada no Rio de Janeiro, o Brasil acabou anunciando o rompimento de suas relações diplomáticas com a Alemanha, Itália e Japão.

E assim iniciaram as agressões bélicas por parte dos países do Eixo em relação à soberania do Brasil, a exemplo do afundamento dos navios mercantes brasileiros em águas internacionais e depois em águas territoriais do país, como foi o caso do navio Buarque, que afundou em 15 de fevereiro de 1942; três dias depois, foi a vez do navio Olinda, ambos torpedeados no litoral dos Estados Unidos em águas internacionais, esses ataques foram assumidamente realizados por submarinos italianos e alemães.²⁷ Continuaram os atos de agressão ao país e nos dias 16, 18 e 19 de agosto de 1942, torpedearam e afundaram mais cinco navios mercantes brasileiros, que se encontravam em navegação de cabotagem, foram eles: Araraquara, Aníbal Benévolo, Baependi, Itagiba e Arara, que fizeram muitas vítimas civis fatais.

Depois de longos protestos pela sociedade brasileira contra os ataques sofridos no Nordeste do país pelas forças do Eixo, finalmente em 22 de agosto de 1942, após deliberar com o seu Ministério, Getúlio Vargas, chefe do Estado Novo, reconheceu o estado de beligerância contra os países do Eixo.

Nos sete meses seguintes ao rompimento de relações diplomáticas do Brasil com os países do Eixo, aproximadamente de 19 navios mercantes brasileiros foram torpedeados na costa do país, causando centenas de perdas humanas. Nesse momento, é dada grande importância à ação de patrulhamento do Atlântico Sul, realizada pela Força Aérea Brasileira (FAB) – que mais tarde também iria atuar no *front* italiano – e por militares convocados ao serviço militar devido ao estado de guerra em que o país encontrava-se.

²⁷ O Jornal “O Globo”, do dia 26 de março de 1941, traz como manchete principal o bombardeamento de um navio com bandeira brasileira que havia sido torpedeado, por submarinos alemães, com a justificativa de um suposto equívoco na identificação de bandeira.

1.1: As Consequências da Declaração de Guerra ao Eixo e a Organização da FEB (1942-1944).

Após o ataque japonês à base naval dos Estados Unidos na Ilha de *Pearl Harbor*, no Oceano Pacífico, o Brasil, em janeiro de 1942, anunciou o seu rompimento das relações diplomáticas com Alemanha, Japão e Itália, com base na “Carta do Atlântico”, que previa o apoio recíproco entre os países americanos, em caso de ataque a algum destes por qualquer potência extracontinental.

Diante desse novo cenário da Segunda Guerra Mundial, o Brasil, a princípio, havia resumido sua participação no conflito mundial como simplesmente fornecedor de matérias primas vitais aos esforços de guerra dos países aliados.

Com esse novo cenário do conflito, o Brasil mudou a sua postura em relação ao conflito da Segunda Guerra Mundial, aumentou suas atividades militares, visando à segurança do seu litoral e concedeu aos Estados Unidos o uso das suas bases aéreas de transportes no Norte e no Nordeste, a fim de facilitar a ligação aérea entre a América e a Europa, usando para isso a África como escala. Em contrapartida, os Estados Unidos se comprometeram a fornecer equipamentos mecanizados e armamentos, visando à modernização das Forças Armadas Brasileiras, além de auxiliar na defesa do seu território. Assim, o país passou a aceitar o patrulhamento das suas águas territoriais e o envio de comboio de navios dos aliados para a região do Oceano do Atlântico Sul. Como se pode verificar no seguinte contexto:

Com a invasão do norte da África, com o qual, a partir daquele momento, a balança da guerra passou a favorecer os Aliados, o Presidente Roosevelt teve, em Natal, Rio Grande do Norte, o histórico encontro com o Presidente Getúlio Vargas. Nos entendimentos, então realizados pelos dois Presidentes, foram acertadas várias medidas a respeito do esforço e da colaboração comuns com que o Brasil e os Estados Unidos mutuamente se apoiariam na nova fase da guerra. Entre elas, figurava a organização, em Natal, da base aérea de Parnamirim, que seria um dos pontos de apoio para a travessia do Atlântico, segundo a rota Natal-Dacar, que passou a ser chamada de “Corredor da Vitória” ou “Trampolim do Atlântico”. Encarou-se, também, a possibilidade da participação de Forças do Brasil no novo Teatro de Operações que seria aberto no Mediterrâneo, ficando entendido que elas seriam empregadas, de preferência, em área de população latina, pelas vantagens que tal fato representaria, tanto de ordem psicológica, como de facilidade de entendimento e de ambientação.²⁸

²⁸ TAVARES, Aurélio de Lyra. **História da Arma de Engenharia: Capítulo da FEB**. João Pessoa: Editora Universidade Federal da Paraíba - UFPB, 1966, p. 23.

E após uma visita do Ministro da Guerra, General Dutra aos Estados Unidos, acabou-se definindo colaboração entre o Brasil e os países Aliados, a qual seria prestada de acordo com as seguintes condições: a organização de uma Força Expedicionária constituída com um Corpo de Exército, sendo composta por três Divisões de Infantaria e uma Força Aérea, modelo igual ao adotado nos Exércitos dos Estados Unidos.

Todas essas organizações militares ficariam subordinadas estrategicamente ao alto Comando Militar Norte-Americano. E ainda todo material bélico seria de origem norte-americana, além disso, havia um acordo de envio de técnicos ao Brasil quando requisitados, e os oficiais brasileiros iriam realizar estágios nos Estados Unidos. Por outro lado, podem-se verificar quais eram os interesses militares e logísticos dos EUA em manter um acordo bilateral com o Brasil no combate aos países do Eixo durante a Segunda Guerra Mundial, sendo que:

A política militar Norte-Americana, com relação ao Brasil, tinha três aspectos principais durante o período do Estado-Novo – 1937-1945: 1º) Assegurar a superioridade militar brasileira sobre a Argentina para permitir aos Estados Unidos lidar, através de um procurador, “por meio fortes” (palavras de Roosevelt) com os platinos; 2º) Manter o uso, pelos EUA, das bases áreas na região do Nordeste brasileiro; 3º) “Evitar que as potências européias fornecessem armas e algumas missões militares às nações Latino-Americanas”. Esse último ponto seria conseguido mediante fornecimento aos vizinhos do Brasil de armas e missões militares americanas.²⁹

De fato, o argumento que passou a ser utilizado frequentemente pelos diplomatas norte-americanos junto à Comissão Brasil - Estados Unidos, em fins de 1942, foi de que, uma vez passado o perigo de uma ação imediata e concreta das Forças do Eixo de invadir e romper as defesas continentais do país, ou seja, o Nordeste brasileiro, não haveria mais razões ponderáveis de continuar com o mesmo ritmo de atendimento àquelas bases aéreas e navais.³⁰

²⁹ Discurso do General-de-brigada John Wekherling (Dep. CS, G2 do Exército Americano) ao General-de-Divisão Clayton Bissell (G2), n.p., 06 de junho de 1945, OPD 336 Brasil, WWII RS, NA, Op. Cit. IN, FRANK, D. McCan, Jr. **Aliança Brasil e Estados Unidos – 1937-1945**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995, p. 357.

³⁰ LINS, Maria de Lourdes Ferreira. **A Força Expedicionária Brasileira: Uma Tentativa de Interpretação**. São Paulo: Editora Unidas Ltdas, 1975, 47.

Assim, em 22 de agosto de 1942, o Ministro das Relações Exteriores, Osvaldo Aranha, declarou oficialmente guerra contra a Itália e a Alemanha.³¹ Logo depois, o Presidente Getúlio Vargas iria instituir a FEB:

A entrada do Brasil na Segunda Guerra começou com a concretização da Força Expedicionária Brasileira (FEB), pois a sua criação ocorreu através da Portaria Ministerial 47-44 do dia 13 de agosto de 1943, que regulamentou a criação da 1º DIE – Divisão de Infantaria Expedicionária, que era composta de Unidades de Infantaria, Artilharia, Engenharia e Saúde.³²

Nesse contexto, o país já possuía uma Divisão de Infantaria Expedicionária – DIE, a qual deveria ser reestruturada nos moldes do Exército Norte-Americano, cuja estrutura organizacional militar seria composta por Três Regimentos de Infantaria, Três Grupos de Artilharia 105 mm, um Grupo de Artilharia 155 mm, um Batalhão de Engenharia, um Esquadrão de Reconhecimento, um Batalhão de Saúde, uma Companhia de Quartel-General, uma Companhia de Intendência, uma Companhia de Transmissões, uma Companhia de Manutenção, um Pelotão de Polícia, uma Banda de Música, um Destacamento de Saúde, e um Pelotão de Sepultamento.³³

Um dos problemas enfrentados pelo Brasil para participar da Segunda Guerra Mundial foi a falta de contingente militar nos quartéis. Essa organização militar inicial da Força Expedicionária Brasileira teve de se render à realidade nacional, pois só foi possível a mobilização militar de soldados para formação de uma única 1º Divisão de Infantaria Expedicionária (DIE), e que fora composta por todas as Unidades Militares do país.

Vale lembrar que a seleção difusa dos combatentes por diversas regiões do país fazia parte estratégia do Alto Comando do Exército para evitar a projeção de novas lideranças militares. Além disso, visava também conferir à FEB um caráter nacional e, simultaneamente, impedir que essas regiões, devido ao desfalque excessivo dos efetivos militares, ficassem por demais vulneráveis a possíveis ameaças trazidas pelos “inimigos internos” do Estado Novo.

³¹ MARINHO, Irineu. “GUERRA! O Governo do Brasil Reconhece o Estado de Beligerância com a Alemanha e a Itália”. *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 22/08/1942, p.68.

³² SCALO, Livia; LORENZ, Sandra da Rosa; LIMA, Thiara (Orgs). **Herói de Duas Guerras: Jornada de um Ex-combatente**. Campo Grande: Editora UFMS, 2006, p.30.

³³ FLOHLICH, Sírío Sebastião. **Longa Jornada: Com a FEB na Itália**. Brasília: Editora do autor, 2011, p. 09.

Essa nova estrutura organizacional da FEB provocou críticas pelo Exército dos Estados Unidos, porquanto, na época já havia uma Divisão de Infantaria Expedicionária (DIE) completa, organizada e bem aparelhada, treinada no Nordeste brasileiro, essa Unidade Militar é que seria enviada para o exterior, algo que não ocorreu.

Entre outros fatores logísticos e de pessoal, que impediram a total mobilização de 60 mil soldados para completarem as Unidades Militares da FEB, estava a preocupação do governo em proteger o Nordeste, pois era uma região extremamente vulnerável aos possíveis ataques dos alemães, não sendo viável desaparelhá-la militarmente.

Outra crítica, realizada pelos militares norte-americanos, era em relação ao baixo índice de higiene (preparo físico) e alfabetização do pessoal local, que não atendia às novas exigências feitas pelos oficiais norte-americanos, quando haviam estabelecido várias regras e normas de saúde física e psíquica para o alistamento dos soldados de infantaria que deveriam integrar-se à composição da FEB³⁴.

Ainda havia um terceiro fator, que foi o difícil recrutamento militar de jovens soldados nos principais centros urbanos do país para comporem as fileiras da FEB, que acabou levando os militares brasileiros a realizar o recrutamento em regiões mais distantes. Com isso, ocorreu um prejuízo para a economia local dessas regiões mais interioranas do país, pois na verdade, a guerra acabava levando a principal força produtiva que existia naquelas localidades, que em sua maioria eram jovens.

Mas, na realidade, o país só colaborou com apenas uma Divisão Expedicionária de soldados, e alguns aviadores da Força Aérea Brasileira - FAB, que vieram compor o IV Corpo de Exército Norte-Americano. Essa Unidade Militar fazia parte do V Exército Aliado na Itália, exemplo foi o de “Serviços Gerais”, que estritamente era indispensável à vida e ao emprego das tropas em combate, tal Corpo Expedicionário acabou se perfazendo de um total de efetivo de 25.445 homens.

A maioria das Unidades Militares que constituíram a FEB pertencia à 1ª Região Militar do Rio de Janeiro, à 2ª Região Militar de São Paulo, à 4ª Região Militar de Minas Gerais, que enviou o 11º RI (Regimento de Infantaria – São João Del Rei) e à 9ª Região Militar de Mato Grosso, que também enviou o 9º BE Cmb (Batalhão de Engenharia de Combate) da cidade de Aquidauana, sendo que esta Unidade foi reforçada pelos contingentes militares da 1ª Cia Escola de Engenharia Militar (Atual

³⁴ Como estava posto nos requisitos de avaliações médicas exigidas pelo Exército dos Estados Unidos, como podemos verificar no manual de saúde do livro: Gonçalves, Paiva. **Seleção Médica do Pessoal da FEB**. Rio de Janeiro: Editora Bibliex, s/ ano de publicação, p. 25.

Instituto Militar de Engenharia – Rio de Janeiro – IME) e conjuntamente com o 1º Batalhão de Pontes (Itajubá – MG).

A mobilização das unidades foi a operação mais difícil e delicada que o EM (Estado Maior) do Exército Brasileiro teve de enfrentar durante a fase do conflito. E ainda os voluntários e os convocados que se apresentavam nos quartéis eram submetidos a um rigoroso processo seletivo para verificar a higidez física e a aptidão psicológica para se integrar às forças da FEB e combater na guerra. Isso era muito comum no período, conforme relatou o Sr Agostinho Gonçalves da Motta, na preparação do embarque da FEB para a Itália:

“Houvera muitos desertores e na hora do embarque nós fomos em cima de um caminhão com 04 soldados armados e um Sargento na cabine para a Estação Ferroviária de Três Lagoas. Aí o trem passou e nós fomos para o Rio de Janeiro, onde demorou cinco dias de viagem e fomos incorporados ao 11º Regimento de Infantaria, e lá no morro do Capistrano, e ali ficamos fazendo instrução diariamente, inspeção médica de novo, agora com a equipe norte-americana, então nós fomos para lá e estávamos 100% preparados, porque o exame era muito rígido. Aí naquele intervalo a gente tinha instrução diariamente com armamentos diferentes, pois aqui no Brasil, ainda não tínhamos usado”.³⁵

No caso dos soldados que eram convocados para irem à guerra, não havia muitas facilidades para escaparem da convocação do governo, pois nesse contexto foi criado o Código Militar Brasileiro, de 1944, instituído especificamente para a situação de guerra enfrentada pelo país e listava, em seu capítulo VII, entre os crimes militares, um item específico sobre a “inobservância do dever militar” em tempos de guerra. Dentre as atitudes consideradas como crimes de guerra, o mesmo capítulo se detém à falta de cumprimento de ordem diante de uma ação militar do inimigo, o que poderia conferir aos soldados até oito anos de prisão. Já o Capítulo IX, que aborda as consequências da deserção, o código prevê, no seu artigo 300, a detenção de até seis anos aos “convocados que, no caso de mobilização total ou parcial, deixarem de apresentar-se, dentro do prazo marcado, no centro de mobilização ou ponto de concentração”.

Outra problemática com que o Estado Maior do Exército Brasileiro teve de lidar foi também a falta de pessoal para ocupar as funções especializadas e da mudança organizacional do próprio Exército, pois a instituição obedecia ao modelo do Exército

³⁵ Entrevista realizada com o Presidente da ANVFEB-MS, senhor Agostinho Gonçalves da Motta, em 25 de março de 2011, p. 02.

Francês, além do que, os armamentos do Brasil eram, em sua maioria, de origem européia, dos fins do século XIX ou de início do XX, tais como os fuzis Manser, as metralhadoras Madsen de 1895 e 1908 e os canhões Schneider e Krupp:

Naquele momento de mobilização nacional para a Guerra, o Exército Brasileiro ainda obedecia aos modelos da doutrina francesa que fora introduzida nas Escolas de Formação, Especialização e Aperfeiçoamento de Oficiais pela Missão Militar Francesa, que esteve no país após o término da Primeira Guerra, que aconteceu através de duas visitas, sendo a primeira em 1918 e a segunda em 1925. E ainda os equipamentos e armamentos que o Brasil possuía eram todos de procedência estrangeira, eram antiquados e em número insuficiente para atender as novas exigências da guerra moderna na Europa.³⁶

Assim, os militares brasileiros tiveram de se adaptar aos novos equipamentos e armas do período moderno. Equipamentos de comunicações e de engenharia que não existiam em nossas unidades como telégrafo, teletipos, criptógrafos, detectores de minas, que eram manipulados por homens em sua maioria analfabetos e de regiões agrícolas, distantes dos grandes centros urbanos³⁷, como as cidades de Campo Grande, Aquidauana, Miranda, Bela Vista, Corumbá, Ponta Porã, Paranaíba e Três Lagoas no sul do antigo Estado de Mato Grosso.

E ainda, os oficiais de carreira que compuseram a Força Expedicionária Brasileira obtiveram o seu ensino profissional militar moldado pelo estatuto da Escola Militar de Realengo, em 1918 e 1919³⁸, ou seja, ligados aos princípios da Missão Francesa que lhes prestou assessoria nas primeiras décadas do século XX.³⁹ Isso foi um reflexo da

³⁶ SCALO, Livia; LORENZ, Sandra da Rosa; LIMA, Thiara (Orgs). **Herói de Duas Guerras: Jornada de um Ex-combatente**. Campo Grande: Editor da UFMS, 2006, p.30.

³⁷ Esta situação de readaptação destas Novas Unidades Militares pode ser verificada nos seguintes livros: LOPES, José Machado. **O 9º Batalhão de Engenharia de Combate na Campanha da Itália**. Rio de Janeiro: Ed. Fonte/ Seleta, 1981 & TAVARES, Aurélio de Lyra. **História da Arma de Engenharia: Capítulo da FEB**. João Pessoa, Paraíba. Editora Universidade Federal da Paraíba, 1966, p.32.

³⁸ Para saber mais sobre os pormenores das transformações ocorridas no Ensino e na Formação dos Militares do Brasil, consultar a seguinte obra: MOTTA, Jehovah. **Formação do Oficial do Exército: Currículos e Regimes na Academia Militar, 1810-1944**. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1998.

³⁹ Entretanto, é importante ressaltar que a doutrina militar francesa não se baseava somente em idéias defensivas, pois, as táticas de infantaria adotadas na França eram bastante agressivas, orientadas pelo ataque frontal concentrado mediante apoio de armas automáticas e coordenado com densas barragens de artilharia calculada a partir de detalhados estudos do terreno. Tal característica da doutrina francesa foi influência preponderante em vários Exércitos entre as duas guerras mundiais e continuou se mostrando importante no momento em que os brasileiros davam seus primeiros passos nos Apeninos Italianos. MAXIMIANO, César Campiani. **Barbudos, Sujos e Fatigados: Soldados Brasileiros na Guerra Mundial**. São Paulo, Editora GRUA, 2010, p. 41.

modernização militar no período entre guerras, não foi exclusividade do Brasil, mas a procura tipicamente se caracterizou por vívidos debates e experiências inovadoras nos EUA e Europa e sua disseminação ao redor do mundo em países onde os novos princípios eram mal compreendidos ou incompatíveis com a realidade nacional de forças armadas incipientes e com baixo grau de profissionalização.

Sobre esse processo de mobilização nacional pela participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, é importante ressaltar como transcorreu o uso ideológico da Guerra pelo governo de Vargas, tendo por objetivo o fortalecimento das suas políticas governamentais, tanto interna como externamente. Pois, algumas das várias medidas e ações que o Estado brasileiro tomou nesse cenário de guerra foram todas no sentido de fazer a exaltação do nacionalismo, como se pode perceber através do seguinte exemplo:

A Segunda Guerra Mundial foi o grande catalisador do processo de nacionalização no Brasil. Os controles sociais impostos pela ditadura de Getúlio Vargas, através do Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP tornaram-se ainda mais estreitos com a entrada à força do Brasil na Guerra. Foi nessas circunstâncias que se logrou a imposição à força da homogeneidade cultural a toda população aqui residente, como os imigrantes alemães, italianos e japoneses.⁴⁰

Outra justificativa de entrar na Guerra era de construir uma grande força militar no sul do continente para contrapor ao poder político e militar da Argentina:

Pois, para Getúlio Vargas, a participação armada na Segunda Guerra Mundial significaria ao mesmo tempo uma reestruturação do seu governo segundo uma orientação mais populista, enquanto o povo era distraído pelos fatos militares. Para a facção democrata, a participação brasileira era um comprometimento de que o Governo que enviava tropas para combater o nazi-fascismo na Itália, restauraria, evidentemente, a democracia no país. Já para as Forças Armadas, era uma oportunidade sem paralelo de se tornarem uma força de combate moderna, de estatura internacional, fortalecendo, desse modo, sua participação na sociedade brasileira e frente às Forças Armadas dos países vizinhos.⁴¹

Pouco antes da entrada efetiva do Brasil na Segunda Guerra Mundial, o governo brasileiro nomeou o General Leitão de Carvalho, até então Comandante do Teatro de Operações do Nordeste, o Vice-Almirante Álvares de Vasconcelos e o Coronel Aviador Vasco Alves Seco, para participarem da Comissão Militar, onde deveriam representar o

⁴⁰ OLIVEIRA, Denison. **Os Soldados Alemães de Vargas**. Curitiba: Edit. Juruá, Coleção Semeando Livros, 2008, p.149.

⁴¹ FRANK, D. Mccan, Jr. **Aliança Brasil e Estados Unidos – 1937-1945**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995, p. 272.

Brasil junto à Comissão Mista Militar Brasil e Estados Unidos, a qual tinha por objetivo debater sobre a defesa do continente americano de possíveis invasões militares pelos países do Eixo.

Todavia, no transcorrer das reuniões e discussões realizadas em Washington, o Estado-Maior do Exército Norte-Americano mudou de rumo os objetivos da Comissão, tendo em vista a nova situação estratégica internacional, após o desembarque das tropas Aliadas na região norte da França, Normandia em 1942. Com isso, a atitude dos militares americanos não era mais de defesa, mais sim de ofensiva contra os países do Eixo.

A comissão brasileira ficou surpresa com a mudança da estratégia, mas propôs aos norte-americanos que continuassem a enviar os materiais destinados à defesa do país, que seriam parcialmente empregados em possíveis ações militares contra o Eixo.

Sobre parâmetros legais, as relações diplomáticas desenvolvidas entre o Brasil e os EUA, no período de 1937 a 1945, só vieram a ocorrer quando os interesses dos norte-americanos eram de ter o Brasil como seu principal aliado no continente americano. Os EUA acabavam utilizando o território brasileiro como estratégia militar para combater os submarinos dos alemães e de envio de tropas militares norte-americanas e brasileiras a fim de poderem combater no continente africano e italiano, para conter os avanços das forças militares do Eixo, naquela região do mundo.

Pode-se considerar que a Força Expedicionária Brasileira foi criada do zero e foi sendo estruturada praticamente com material bélico dos Estados Unidos, que ainda antes de mandar as tropas brasileiras para a Itália precisavam ainda armá-las.

Somente no dia 2 de julho de 1944 foi possível o Brasil enviar um escalão de 5.081 soldados, e nesse contexto também foi enviada a 1ª e 2ª Companhias do 9º Batalhão de Engenharia de Combate (9º BE Cmb – essa Unidade Militar foi comandada pelo então Coronel José Machado Lopes), tendo ocorrido sua chegada na cidade de Nápoles em 16 de julho de 1944, data que ficou marcada na história militar brasileira. O Brasil acabou sendo a única das nações sul-americanas, que organizou o envio de uma Força Expedicionária para intervir militarmente em um conflito bélico na Europa.

Na sua composição militar, a FEB foi formada em sua maioria por conscritos, pessoas jovens, tendo na média de idade em torno de 17 aos 25 anos de idade, que nunca haviam saído do país e sequer visto neve ou escalado algo mais alto que uma colina. Havia um número reduzido de militares de carreira, que já haviam participado de algum tipo de combate, por exemplo, os poucos Oficiais da Reserva – R2, que

participaram do combate contra o movimento conhecido, como a “Intentona Comunista” de 1935 que, naquele contexto da história do Brasil, não foi marcado por combates ferozes e sangrentos, pois se caracterizou por conflitos internos do próprio Exército Brasileiro contra as influências do Partido Comunista Brasileiro (PCB) na formação ideológica dos soldados e sargentos.

Portanto, pode-se concluir que desde a criação da FEB até o embarque do 1º escalão transcorreu quase um ano. Nesse período percebem-se três momentos bem distintos referentes à entrada do Brasil no conflito. O primeiro é dado pela declaração de Guerra às ditas forças do Eixo, o segundo se pauta pelo início da formação da Força Expedicionária e, finalmente, o terceiro é quando se efetiva o envio de tropas da FEB à Itália.

No período dedicado à preparação e treinamento das tropas, inúmeros foram os desencontros entre os governos do Brasil e dos Estados Unidos, desde os relativos à liberação de equipamento militar necessário para a atuação das forças brasileiras, até os decorrentes da ausência de uma definição quanto à área de atuação da FEB. Finalmente liberados os armamentos norte-americanos de que o Brasil necessitava no início de 1944, e superada a resistência britânica à presença de uma força brasileira no Mediterrâneo, o primeiro contingente de tropas brasileiras embarcou em 02 de julho de 1944 rumo à Itália.

Portanto, em meados da década de 1940, o Brasil vivia ainda sob o Estado Novo, regime ditatorial centrado na figura de Vargas, que tinha nos militares sua principal base de apoio. Porém, o desenrolar da guerra e a vitória cada vez mais próxima dos Aliados anunciavam o fim desse regime e a necessidade urgente de uma mudança de postura do presidente. Nesse contexto, o empenho pessoal de Vargas na consolidação da FEB pode ser entendido como parte do projeto de construção de uma imagem para o pós-guerra, desvinculada do modelo autoritário, notadamente influenciado pelo fascismo europeu, inaugurado com o golpe em 1937. No quadro político interno, a tentativa de legitimar, através de uma consulta popular que acaba não se realizando, a Constituição de 1937, já dava mostras dessa iniciativa.

1.2: Campanha da Força Expedicionária Brasileira nos Cenários dos Conflitos da Segunda Guerra Mundial na Itália

Quando o Brasil entrou definitivamente na guerra, os Exércitos Aliados já haviam retomado o continente africano e o sul da Itália, dentro do Teatro de Operações do Mediterrâneo. Os alemães estavam instalados defensivamente na chamada “Linha

Gótica”, frente que se estendia por cerca de 280 Km, do Mar Tirreno ao Adriático, nas proximidades da região de Bolonha, onde, às dificuldades naturais do terreno acidentado, foram acrescentadas casamatas de concreto e um complexo sistema de túneis.

A FEB deslocou-se para a Itália em três etapas, no navio de transporte norte-americano USS Mann, foi o primeiro escalão, tendo o seu destino final, a cidade de Nápoles.

A 1ª DIE foi incorporada ao V Exército Norte-Americano, em território italiano, cuja Unidade Militar era comandada pelo então General Mark Clark. A entrada em combate da FEB, ou seja, seu batismo de fogo, só ocorreu em setembro de 1944, quando a primeira tropa brasileira teria que cumprir uma missão em solo italiano. A Unidade em ação nesse primeiro momento no *front* foi a 1º Companhia do 9º BE Cmb,⁴² conforme Lima Júnior:

Começa o combate. O batismo de fogo das tropas brasileiras se deu em 15 de setembro de 1944, foram três dias de investidas até que os soldados da FEB se sagram vitoriosos em Camaiole. Daí por diante duras jornadas, igualmente vitoriosas, deram aos brasileiros a consagração diante do inimigo. Avançaram a Linha Gótica e tomaram Monte Prano.⁴³

E, assim que os Febianos iam chegando à Itália, os pracinhas brasileiros começaram a receber fardamentos e armamentos novos, fornecidos pelo Exército dos Estados Unidos. Com relação aos agasalhos, não houvera muitos problemas de adaptação, já que eram de excelente qualidade.

A FEB foi subordinada no *front* ao IV Corpo de Exército dos Estados Unidos que era integrado ao comando do V Exército Norte-Americano, as Unidades Militares da FEB, por sua vez, foram destacadas inicialmente para uma das mais difíceis frentes de batalha do *front* italiano. Na primeira fase de sua atuação (entre os meses de setembro e outubro de 1944), a FEB recebeu a missão de substituir as tropas norte-americanas em pontos avançados da Linha Gótica.

Nas operações no vale do Rio Reno, muitas vidas brasileiras foram ceifadas. Principalmente os Montes Belvedere, Castelo e Castelnuovo eram os pontos mais fortificados e de difícil conquista.

⁴² Foi relatado pelo Comandante da 2ª Cia do 9º Batalhão de Engenharia de Combate – 9º BE Cmb, conforme está escrito em seu livro de memórias. LIMA JÚNIRO, Raul da Cruz. **Quebra Canela: A Engenharia Brasileira na Campanha da Itália**. Rio de Janeiro: Editora da Bibliex, 1981 p.25.

⁴³ SCALO, Livia; LORENZ, Sandra da Rosa; LIMA, Thiara (Orgs), Op. Cit., p. 45-46.

A respeito desse conflito em si, têm-se ainda as notícias e as memórias escritas por ex-combatentes e pelos jornalistas Joel Silveira⁴⁴ e Rubem Braga⁴⁵ (na época eram correspondentes de guerra pelo Jornal “O Globo” e “Diário Carioca”, respectivamente) e até por pessoas que vivenciaram o conflito aqui no Brasil na década de 1940, tendo vários trabalhos de memória publicados, desde o soldado de patente mais baixa até o comandante da FEB, o General de Divisão Mascarenhas de Moraes⁴⁶. Todos esses possíveis testemunhos da guerra procuraram transmitir suas visões a respeito das experiências, que às vezes são positivas e, em outras, até negativas.

As contribuições deixadas pelos nossos correspondentes de guerra enviados à Europa foram as que mais se destacaram perante o público, como os maiores divulgadores das ações da FEB em território italiano. Se por um lado, os aspectos do cotidiano do pracinha na retaguarda foram apresentados a contento, a parte de combate contou com uma cobertura deficiente, isto ocorreu pelos seguintes fatores:

Deve-se lembrar, todavia, que não houvera nenhum preparo prévio para que, os então jornalistas brasileiros pudessem desempenhar melhor as suas funções de cobertura da guerra. Já, os correspondentes americanos, antes de seguirem para o Teatro de Operações, passavam por um estágio em bases das forças armadas, estabelecendo contato com a tropa, recebendo treinamento militar básico, aprendendo a ler mapas de campanha e diversos outros conhecimentos úteis. Porém, mais do que o despreparo dos correspondentes foi a censura que o Departamento de Imprensa e Propaganda - DIP, impôs aos jornalistas, o que mais prejudicou a cobertura da FEB.⁴⁷

Depoimentos de alguns “Ex-Combatentes” da Segunda Guerra Mundial⁴⁸ destacam como se deram as relações de poder desenvolvidas entre as instituições militares, no caso o Exército brasileiro, em relação ao governo brasileiro, o qual acabou realizando algumas interferências políticas nas decisões do alto Comando Militar da FEB, e que acabaram afetando nas ações previstas e desenvolvidas militarmente na Itália, pelo Estado-Maior da FEB, conjuntamente com o V Exército dos Aliados.

⁴⁴ SILVEIRA, Joel. **O Inverno da Guerra**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2005.

⁴⁵ BRAGA, Rubem. **Crônicas de Guerra – Com a FEB na Itália**. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1964.

⁴⁶ MORAES, João Batista Mascarenhas. **A FEB pelo seu Comandante**. São Paulo: Editora Instituto Progresso, São Paulo, 1947, 2ª Edição;

⁴⁷ NEVES, Luis Felipe da Silva. “A Força Expedicionária Brasileira: 1944-19145”. IN, COGGIOLA, Osvaldo (Org.). **Segunda Guerra Mundial: Um balanço histórico**. São Paulo: Editora da USP-FFLCH, HISTÓRIA, 1995, p. 302.

⁴⁸ O livro que conta com vários depoimentos, retrata bem, alguns questionamentos sobre atuação dos oficiais da FEB durante a campanha na Itália. ARRUDA, Demócrito Cavalcante; e Outro. **Depoimento de Oficiais da Reserva Sobre a FEB**. Rio de Janeiro, 3ª Edição: Editora Cobraci Publicações, 1962.

E ainda os “ex-combatentes” da FEB tiveram outros momentos marcantes durante o conflito da Segunda Guerra Mundial. Um exemplo foi noticiado no Rio de Janeiro, período em que ainda se faziam os preparativos e treinamentos das tropas da FEB para o envio ao cenário do conflito na Europa. Nessa ocasião, os soldados brasileiros logo trataram de realizar a escolha de um símbolo que representaria os pracinhas em combate na Itália. Em um primeiro momento foi escolhido um coração de cor “Verde” com a inscrição dentro: “BRASIL”, como se pode observar na figura:



Figura 1: Este foi o emblema utilizado no fardamento dos soldados da FEB em treinamento no Brasil, entre os 1942-1944.

Fonte: Este emblema foi reproduzido do original que se encontra no Museu da FEB (Campo Grande – MS). Consultado em 06-06-2011

E com o primeiro escalão da FEB, já em territórios italianos, os soldados brasileiros resolveram mudar o símbolo do seu fardamento militar para uma “Cobra Fumando”, o qual se tornou o emblema definitivo, conforme se pode verificar na figura:



Figura 2: Esse foi o emblema utilizado no fardamento dos soldados da FEB na Campanha Brasileira na Itália.

Fonte: Imagem foi reproduzida em 06-06-2012, a peça da original encontra-se exposta no Museu do 9º BE Cmb (Aquidauana – MS).

Nesse momento na Itália, quase todos os soldados diziam que a “A cobra está fumando”, portanto, o emblema da FEB é formado por uma “Cobra Verde” fumando um cachimbo, tendo ao fundo a cor “Amarela” e acima a palavra “Brasil”, em branco com fundo azul. Essas cores utilizadas no emblema são as mesmas da bandeira do Brasil, e por último, a “Cobra Fumando” é circundada por uma linha em vermelho, referencia ao sangue da guerra. O uso de um distintivo de unidade foi mais um costume americano que os brasileiros adotaram, exatamente no momento em que a motivação moral de parte da 1º Divisão Expedicionária encontrava-se em seu ponto mais baixo após os sucessivos reveses sofridos na Linha Gótica. O major Vernon Walters (foi oficial de ligação entre o IV Corpo de Exército Norte-Americano junto ao Estado Maior da FEB durante a campanha brasileira na Itália) conjecturou que o uso de um distintivo de unidade ajudaria a elevar o moral da tropa, o que de fato surgiu efeito positivo. Pois, ciente da importância que os soldados atribuíam a seus emblemas divisionários, Walters então sugeriu a Mascarenhas de Moraes que a 1º D.I.E. adotasse um sinal de distinção que afirmasse seu espírito de luta e sua identidade. Após algumas sugestões, ficou decidido que a expressão “a cobra está fumando”, já popular entre a tropa, seria usada como inspiração para a criação de um distintivo Divisionário.⁴⁹

⁴⁹ Uma vez alcançado um acordo quanto ao motivo da insígnia, Walters contactou os estúdios Disney, que desde o começo do conflito estavam envolvidos tanto no esforço de guerra quanto na política de boa

E também desenvolveram a “Canção dos Expedicionários”, embora não conhecida durante a Campanha da Itália, tornou-se simbólica para os soldados, pois a letra retrata um tipo de experiência rara entre os brasileiros, que foi de deixar o país para efetivamente combater contra um inimigo, e que no pós-guerra foi um elemento a mais no processo de consolidação da identidade dos veteranos da FEB.

Todos estes elementos significaram uma construção simbólica e de unidade social da tropa, sendo que os “Ex-Combatentes” da Segunda Guerra Mundial se utilizaram para a construção identitária dos seus membros dentro das Associações dos Ex-Combatentes, através de cerimônias e reuniões mensais em que realizaram mensalmente na sede das Associações, onde sempre estava presente a bandeira e o hino da FEB, e com destaque para o emblema da “Cobra Fumando”.

Entretanto, existem diversas explicações para a origem da “Cobra Fumando”; segundo entrevista com o veterano da FEB, Senhor Agostinho da Motta, ele relata que ela pode estar relacionada a uma resposta àqueles brasileiros que durante o conflito mundial eram contrários à participação da FEB na guerra e que consideravam mais fácil uma “Cobra Fumar” do que o Brasil participar da Guerra.⁵⁰ E fora sobre essas possíveis motivações, que levaram os soldados brasileiros a escolherem o emblema da “Cobra Fumando”.

E ainda, sobre a atuação da FEB na Itália, pode-se destacar a presença de algumas autoridades militares brasileiras, que estiveram no *front* italiano para estimular o “espírito de corpo” entre os soldados, como se pode verificar, em:

O equacionamento de fatores estimulativos das tropas ressalte-se igualmente a visita do General Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra do Brasil, aos campos de operação no vale do Serchio, Itália, no dia 17 de outubro de 1944, época em que a Força Expedicionária Brasileira se achava em plena luta contra o inimigo.⁵¹

vizinhança. Depois de algumas semanas, a versão dos desenhistas da Disney chegou à Itália. Walters apostou que o emblema surtiria o mesmo efeito entre os brasileiros. Mas o desenho final foi simplificado por Ewaldo Meyer, um terceiro-sargento especialista em croquis e mapas que trabalhava no Estado-Maior da D.I.E, assim o emblema poderia ser bordada em tecido. Apesar da rusticidade das versões iniciais, os distintivos tornaram-se imediatamente populares entre os Expedicionários. MAXIMIANO, César Campiani. **Barbudos, Sujos e Fatigados: Soldados brasileiros na Guerra Mundial**. São Paulo, Editora GRUA, 2010, p.304 e 305.

⁵⁰ Entrevista concedida pelo Senhor Agostinho Gonçalves da Motta, Veterano da FEB e também atual Presidente da ANVFEB-MS, realizada em 25 de Março de 2011 em sua residência, localizada na Rua Campos dos Elíseos, nº 554, Bairro Vilas Boas – Campo Grande – MS.

⁵¹ LINS, Maria de Lourdes Ferreira. **A Força Expedicionária Brasileira: Uma Tentativa de Interpretação**. São Paulo: Editora Unidas Ltdas, 1975, p. 107.

Entre os principais desafios que os soldados brasileiros tiveram de enfrentar chegando a Itália, pode-se destacar a dura adaptação ao território italiano, uma adversidade climática, relevo e as novas estratégias militares norte-americanas nas suas composições, bem diferentes daquelas que existiam no Brasil, conforme retratou o Veterano Agostinho Gonçalves da Motta:

Então chegamos ao porto de Nápoles (foi enviado para Itália no Segundo Escalão, sendo integrado a 3º Companhia, 1º Batalhão do 11º Regimento de Infantaria de São João Del Rei), uns entraram em uma barcaça. Eu fui dentro da barcaça e nessa barcaça a gente vomitava “até as tripas” e fomos até a região de Livorno e lá desembarcamos e fomos todos para uma cidade, onde recebemos novas instruções, armamento e fardamento novo e tudo era financiado pelos Americanos. Ai foi que criaram a “Cobra Fumando”, porque o nosso distintivo antes era um coração. Tudo era Americano, comida, tudo! Então a gente não tinha mais que enfrentar aquela rigidez do Exército brasileiro com os comandados, eles já (os soldados e oficiais americanos) eram companheiros, amigos. A gente saía junto na hora de folga, e eles almoçavam junto da gente. Mas o Exército Americano, possuía um Exército de negros e outro de brancos, mais eles admiravam o nosso Exército, pois éramos todos juntos, negro, índio, japonês e branco.⁵²

Dentro desse contexto histórico do conflito, podem-se destacar alguns aspectos mais sutis do cotidiano da guerra, os quais envolveram as diferenças de alimentação e clima como mais uma das dificuldades encontradas pelos brasileiros na Itália. Sobre este cenário de dificuldades o Veterano Manoel de Castro Siqueira apresentou as seguintes características:

Sobre a higiene do corpo não havia, pois lá, nós passávamos de vinte, até vinte cinco dias sem tomar banho, nós só tínhamos um talco para tomar banho, sendo daquele jeito, tudo era muito gelado. Então, quando estávamos em descanso do *front*, resolvíamos comer comida de panela, pois quando estava mobilizado na linha de frente só recebíamos caixas de ração. E quando os soldados americanos iam substituir onde nós estávamos no *front*, saíamos, e assim tínhamos um dia de descanso da guerra, mas logo depois voltávamos ao *front* de combate para substituir os americanos na região de Torre de Nerone, foi quando recebemos um grande bombardeio sobre nós, neste momento, eu tirei a minha mochila, e adentrei debaixo de um tanque, foi neste instante que vi três companheiros morrerem despedaçados, e um ficou ferido no pé, e outros ficaram sofrendo vários ferimentos, há, eu escapei porque entrei debaixo do tanque. Quando passou o bombardeio intenso, eu saí e procurei a minha mochila, peguei tudo que era meu e coloquei nas costas, e aí fiquei lá, como agente já estávamos, chamamos o Cabo Paulo Roci para ajudar a nossa tropa

⁵² Entrevistado possui as Medalhas de Guerra e Campanha, participou das batalhas de Monte Castello, Montese, Castel Nuovo. Sendo que a entrevista ocorreu na sua residência em Campo Grande no dia 25 de Março de 2011, p. 03. A Entrevista completa em Anexos.

(que era 5º Companhia de Pelotão de Petrechos, pertencia ao Segundo Batalhão do 6º Regimento de Infantaria - Caçapava - SP) a se recuperar.⁵³

Não obstante, as baixas temperaturas que às vezes chegavam aos 25 graus negativos, pode-se perceber que esse momento de aclimatização dos soldados brasileiros, por meio de vários relatos, que destacam um dos maiores desafios das tropas brasileiras – oriundas de um clima tropical. Rubem Braga, correspondente de guerra, enviado pelo Jornal “Diário Carioca”, relata que, em conversa com um tenente, este afirmara que “o pior aqui, para os homens, é a chuva e o frio. Pois, chove dia e noite dentro de um *foxhole*⁵⁴ isso não é tão confortável quanto um apartamento em Copacabana”.⁵⁵ E também tinham de enfrentar outra dificuldade dentro dos buracos de trincheira que era quando os pés dos soldados febianos começavam a congelar:

O problema do pé de trincheira acometia com gravidade as tropas empenhadas no *front* durante o inverno, e seus efeitos eram tão preocupantes quanto as baixas causadas pelo inimigo, uma vez que ferimentos por exposição ao frio só afetavam unidades de combate, as quais sempre estiveram em demanda durante a Campanha da Itália. Quando a Intendência americana começou a distribuir o material de inverno para a FEB, galochas de feltro e sola de borracha estavam incluídas entre os paramentos especiais para neve. Reza a lenda que a capacidade de improviso dos brasileiros bastou para erradicar o pé de trincheira por meio de um subterfúgio simples, que não havia ocorrido aos americanos: os expedicionários perceberam que, se dispensassem o borzeguim de combate e calçassem as galochas forradas com palha e jornal, manteriam os pés aquecidos e a circulação sanguínea adequada.⁵⁶

Assim pode-se verificar que foi duro o processo de adaptação dos soldados brasileiros, pois de repente eles se viram fora do seu país tropical e enfrentando um frio extremo. Para proteger-se, deveriam cavar trincheiras no solo duro e coberto de neve,

⁵³ Entrevista realizada na sua residência em Campo Grande no dia 01 de Novembro de 2012, p. 03. A Entrevista completa em Anexos. Com base nas descrições realizadas neste depoimento, pode-se ressaltar que além de acostumarem-se às situações de total falta de higiene da vida em buracos, os expedicionários também se habituaram a cenas chocantes e a paisagens macabras, como a presença de cadáveres insepultos, pois isso era algo constante no *front*, e fazia-se necessária a rápida adaptação a novas situações que se impunham para a sobrevivência, como a ausência de escrúpulos em conviver com restos mortais. MAXIMIANO, César Campiani. **Barbudos, Sujos e Fatigados: Soldados Brasileiros na Guerra Mundial**. São Paulo: Editora GRUA, 2010, p. 120.

⁵⁴ Assim eram chamados pelos americanos os abrigos ou “tocas” individuais feitos pelos soldados que ficavam nas frentes de batalhas (infantes), a fim de se protegerem de possíveis ataques inimigos. Posteriormente, os pracinhas brasileiros passaram a denominar seus abrigos do mesmo modo: **foxholes**.

⁵⁵ BRAGA, Rubem. **Crônicas de Guerra na Itália**. Rio de Janeiro: 3º Ed. Record, 1996, p.36.

⁵⁶ MAXIMIANO, César Campiani. **Barbudos, Sujos e Fatigados: Soldados Brasileiros na Guerra Mundial**. São Paulo: Editora GRUA, 2010, p. 176.

subir montanhas íngremes sob fogo de metralhadoras, canhões e morteiros, lutar com soldados alemães que eram experientes e mais bem equipados militarmente, pois faziam parte da *Wehrmacht* (as forças armadas da Alemanha na Segunda Guerra Mundial). O exemplo destes desafios enfrentados pelos soldados brasileiros foi as várias tentativas de tomada de Monte Castelo, em uma delas contou com a participação do Veterano André Ragalzi:

Chegando à região de Monte Castelo, ficamos em baixo do morro. Eu estava na primeira tentativa de tomar o Monte, peguei frio, neve (A Unidade Militar em que ele estava era 2º Companhia, do 1º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria – Caçapava – SP). E aí quando começou a se intensificar a caída da neve, não podíamos mais subir. Então esperamos dias, mas nós fazíamos patrulhas e depois voltávamos para lugar em que estava o Posto de Observação da Companhia. E aí os Alemães aproveitavam para jogaram boletins de propaganda nazista sobre nós. Em alguns destes boletins, nos diziam que não existia Infantaria para subir no Monte Castelo, aí ficamos em baixo, mais todos os dias eles nos davam vários bombardeios sobre nós, isso ocorria na hora do almoço, do jantar, sempre se utilizando de uma Artilharia pesada, nisso muitos dos soldados morriam ou saiam aleijados ou feridos pelos estilhaços das bombas.⁵⁷

Sobre o processo de adaptação dos soldados brasileiros ao combate nos territórios italianos, pode-se verificar que essas dificuldades já existiam desde quando chegaram à cidade de Nápoles:

Durante a fase de treinamento, realizado próximo a Nápoles, a má qualidade dos uniformes e coturnos brasileiros tornou-se evidentemente um problema. O material de proteção contra chuva mostrou não ser à prova d'água, uniformes desbotavam e encolhiam e os coturnos se desmontavam. Os acordos da Comissão Mista de Defesa Brasil - Estados Unidos (JBUSDC) previam que os EUA forneceriam capacetes e armamento, mas uniformes pessoais eram responsabilidades dos brasileiros. Não era uma questão de uniformes tropicais que se mostrassem inadequados ao inverno italiano; era evidente que necessitariam de ajuda quando a neve chegasse, mas

⁵⁷ Entrevista realizada na sua residência em Aquidauana no dia 19 de Julho de 2012, p. 03. A Entrevista completa nos Anexos. Sobre este período da tomada de Monte Castelo a temperatura chegou aos extremos de 25 graus negativos. Assim nos meses de inverno cobraram alta conta em doenças respiratórias, congelamento e exaustão, totalizando, juntamente com as baixas em combate, 5.027 homens retirados da linha entre os meses de dezembro de 1944 e fevereiro do ano seguinte. Fora as investidas iniciais contra Monte Castelo e as operações no vale do rio Serchio, a FEB esperariam até o Plano Encore (a ofensiva de fevereiro de 1945) para se verem novamente envolvida em grandes combates. A respeito da propaganda de guerra que era realizada por ambos os lados, havia o Serviço de Propaganda Alemão procurava influenciar as opiniões e o moral dos brasileiros de três maneiras: com panfletos escritos em português disparados sobre as linhas; alto falantes difundindo noticiários e com um programa transmitido por rádio diariamente, o “Auriverde”. MAXIMIANO, César Campiani. **Barbudos, Sujos e Fatigados: Soldados Brasileiros na Guerra Mundial**. São Paulo: Editora GRUA, 2010, p. 121 e 334.

então ainda era verão e os uniformes não aguentavam os rigores do treinamento de combate.⁵⁸

Outro fator aos quais os soldados brasileiros tiveram de se adaptar diz respeito à coordenação das ações das diferentes armas, ponto fundamental para o êxito de algumas missões e batalhas. Segundo Pacífico Pozzobon, “o êxito de qualquer missão dependia da capacidade dos homens responsáveis pelas transmissões, que acompanhavam a Infantaria, no contato direto com o inimigo, e faziam a ligação com a Artilharia, na retaguarda. De nada adiantaria o infante localizar o inimigo, se não pudesse transmitir ao artilheiro a sua localização exata, para que bombardeasse as posições inimigas”. E complementa afirmando que “a coordenação das tropas em movimento se dava por rádio, usados pelos comandantes de Regimentos, Batalhões e Companhias. Na retaguarda, o telefone era mais confiável”.⁵⁹ Dentro das missões de patrulhamento realizadas no *front* de combate, sempre ocorriam confrontos contra os seus inimigos, ocasionando assim alguns ferimentos por diversos elementos, como explosivos, bombas e de armas automáticas, conforme relatou o Veterano Agostinho Gonçalves da Motta:

Não cheguei a ser ferido por armas, mas quando eu estava em um deslocamento de tropas, acabei perdendo parte da audição do lado direito, devido há um deslocamento de ar, devido a uma explosão de morteiro, próximo a minha unidade de patrulha. Mas, a respeito ao atendimento médico aos feridos em combate, vinham os padioleiros (Eram Enfermeiros das Unidades Militares) e a Cruz Vermelha para recolher os feridos ou mortos no *front* de combate, era algo espetacular, pois até quando fiquei no Hospital de Campanha em Livorno por três dias, eles realizavam um tratamento muito bom, possuíam enfermeiras para os soldados brasileiros feridos.⁶⁰

Em outro caso de soldado ferido e que teve que se utilizar de tratamentos médico e hospitalar durante as ações da FEB na Itália, foi o caso do Veterano Moacir Aleixo:

Após a tomada de Monte Castelo, minha Unidade Militar (que foi 5º Companhia de Pelotão de Metralhadoras, pertencia ao Segundo

⁵⁸ FRANK, D. Mccan, Jr. **Aliança Brasil e Estados Unidos – 1937-1945**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995, p. 319-320.

⁵⁹ FLOHLICH, Sírio Sebastião. **Longa Jornada: Com a FEB na Itália**. Brasília: Editado pelo Autor, 2011, p. 31 e 32.

⁶⁰ Entrevista realizada na sua residência em Campo Grande no dia 06 de Julho de 2012, p. 02. A Entrevista completa em Anexo. A respeito deste depoimento, pode-se ressaltar que uma Metralhadora como a MG-42 (Ficou mais conhecida entre os Febianos da Infantaria por Lurdinha) era capaz de serrar um corpo humano ao meio com facilidade e um estilhaço do tamanho de um abridor de latas arrancava a perna de um homem de constituição grande. O corpo humano oferece pouca resistência ao deslocamento de ar causado por explosivos de artilharia e o resultado de um impacto próximo pode ser a desintegração completa de um homem. Sendo que membros, órgãos e troncos humanos eram constantemente vistos nas frentes de combate. MAXIMIANO, César Campiani. **Barbudos, Sujos e Fatigados: Soldados Brasileiros na Guerra Mundial**. São Paulo: Editora GRUA, 2010, p. 139.

Batalhão do 11º Regimento de Infantaria - São João Del Rei - MG) ficou em um Posto de Observação Avançado, aí em um deslocamento noturno, ocorrido em 26 de fevereiro de 1945, sendo às duas horas da manhã, eu fui ferido por uma mina pessoal, quando pisei, parei e olhei para trás meio desconfiado, aí ela explodiu, a explosão pegou as minhas pernas. Neste momento a Guerra acabava para mim, bom, entre os meses de março, abril e maio eu fiquei hospitalizado no Hospital de Campanha em Livorno. Mas quando terminou a Guerra, eu ainda estava hospitalizado, e aí por conveniência de transporte do V Exército para com os feridos de guerra, fui transferido para um hospital especializado nos Estados Unidos, mais já estava quase bom, estava quase andando. Sendo que em maio, quando terminou a Guerra, saí da Itália e fui para um Hospital Militar nos Estados Unidos, na cidade de Nova Orleans, lá eu cheguei a tomar oito injeções diárias, isso ocorreu por 45 dias, que chegou a um total de 360 doses de penicilina. Após o término da minha recuperação hospitalar, eu e mais alguns companheiros viemos de navio americano para Recife, em Pernambuco, nesta cidade ficamos por mais de 45 dias, depois o navio desceu até o Rio de Janeiro, e maior parte do tempo em que fiquei no Rio de Janeiro, estava dentro do Hospital Militar, isso ocorreu entre julho e agosto de 1945, logo depois o meu pai foi me buscar.⁶¹

E ainda podem ser destacadas algumas outras experiências dos soldados de Infantaria no *front* de combate, no qual as Unidades Militares da FEB se viram diante de inovações sobre táticas militares chegaram até suas fileiras, como as equipes especiais de patrulheiros. Talvez o mais famoso de todos os grupamentos especiais tenha sido o “Pelotão de Choque” do sargento Max Wolf Filho. Em assaltos às posições inimigas, grupamento *ad hoc* eram também constituídos com o armamento extra à disposição dos comandantes de companhia. Mesmo com a dotação extra de submetralhadoras, fuzis automáticos e lança-rojões disponíveis nos postos de comando das companhias, a quantidade de armas automáticas conferidas aos pelotões de fuzileiros segundo as tabelas de organização era considerada insuficiente, e em inúmeras situações, tanto brasileiros como americanos, sentiram-se sobrepujados pelo maior poder de fogo de que dispunha a infantaria alemã. Enquanto o grupo de combate alemão de nove homens continha duas armas automáticas, os grupos de 12 homens

⁶¹ Entrevisto possui as Medalhas de Campanha e Sangue do Brasil, sendo que entrevista foi realizada na sua residência em Campo Grande no dia 13 de Julho de 2013, p. 03. A Entrevista completa nos Anexos. Nestes casos em que mais de seiscentos feridos de guerra foram enviados aos Estados Unidos para tratamento, destaca-se uma tendência pró-americana, pois estes homens puderam comparar a entre o atendimento médico e respeito à condição de veterano nos EUA e a mísera atenção recebida pelos combatentes feridos e recambiados diretamente ao Brasil, onde, pela ineficácia do tratamento médico (ao começar pelo transporte naval brasileiro que os levava de volta para casa no chamado regime de “pinga-pinga”), os pacientes precisaram queimar colchões e pedir alta para conseguir escapar do ‘arremedo de cuidados que recebiam pelo Exército brasileiro. MAXIMIANO, César Campiani. **Barbudos, Sujos e Fatigados: Soldados Brasileiros na Guerra Mundial**. São Paulo: Editora GRUA, 2010, p. 347.

como os que a FEB tinha podiam contar apenas com um exemplar do Browning Automatic Rifle, que os brasileiros chamavam de F.M (Fuzil-Metralhadora). Os “Pelotões de Choque” sugeriram entre o Exército Americano, nos estágios iniciais da campanha italiana.⁶²

Tais alterações na organização básica das divisões de infantaria são exemplo da rápida necessidade de mudanças e adaptação que os próprios combatentes precisavam introduzir, com a finalidade de superar as limitações doutrinárias, por natureza rígida, se considerada a rápida evolução dos processos de combates no território italiano.

Assim, a guerra acabou exigindo muito mais esforços e superação dos soldados brasileiros, podendo notar que essa superação foi devido a um fator de que a maioria dos “cidadãos-soldados”⁶³ que foram integrados à FEB tinham entre si algumas características sociais semelhantes, como por exemplo:

Eram jovens de todos os cantos do país, em sua maioria do campo, analfabetos, operários urbanos e uma pequena parte oriunda de outros setores ou estudantes. Esse era o perfil do combatente brasileiro que veio da herança de outros conflitos como a Guerra do Paraguai.⁶⁴

Foi com base nesse perfil social que se constituiu a maioria dos soldados brasileiros durante a Segunda Guerra Mundial, algo que acabou ajudando na atuação deles no pós-guerra através das Associações de Ex-Combatentes, isso por que devemos levar em consideração a forma em que foram recebidos pela maioria da população, pois desconheciam os seus feitos na Itália e também a política adotada pelo Estado em relação ao seu processo de reintegração social, que quase foi nula, tudo isso acabou influenciando de alguma forma no processo de formação e construção de uma identidade febian e de uma memória específica sobre os acontecimentos relacionados à Segunda Guerra Mundial, o que acabou ocorrendo em vários Estados do país.

E ainda, faz-se importante ressaltar que as memórias a respeito da participação da FEB na Segunda Guerra Mundial, continuaram sendo construídas posterior a esses eventos e por interesse do Exército brasileiro.

Pode-se ainda afirmar e considerar que foram as Associações dos Veteranos da Segunda Guerra, em conjunto com a instituição do Exército brasileiro uns dos principais

⁶² MAXIMIANO, César Campiani. **Barbudos, Sujos e Fatigados: Soldados Brasileiros na Guerra Mundial**. São Paulo: Editora GRUA, 2010, p. 41.

⁶³ O conceito de “Cidadão-Soldado” é tomado aqui no sentido atribuído por Eric J. Hobsbawm, ou seja, de mobilização nacional pela defesa da pátria, que no caso brasileiro estava, naquele momento, sendo alvo dos ataques de submarinos alemães na costa do Nordeste. HOBBSAWM, Eric J. **Nações e Nacionalismo desde 1870**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 104-105.

⁶⁴ SCALO, Livia; LORENZ, Sandra da Rosa; LIMA, Thiara (Orgs), Op. Cit., p. 37.

agentes históricos na ação de constituir e preservar um grande acervo memorial e social desses Ex-Combatentes em seus espaços de memória, os quais estão representados na constituição dos Museus e Monumentos sobre a FEB, e ambos foram sendo construídos a partir da década de 1980 e 1990, no Estado de Mato Grosso do Sul.

Um dos maiores problemas enfrentados pelos veteranos da FEB em relação ao processo de elaboração e preservação da memória da Guerra, foi o tratamento que os mesmos tiveram ao término do conflito em 1945. Pois, nem o Exército, Estado e a sociedade civil brasileiro não conseguiram realizar um processo adequado de reintegração social dos mesmos, apesar de terem existido algumas tentativas neste sentido, por exemplo, foi a “Comissão de Readaptação dos Incapazes das Forças Armadas (CRIFA), criada em 1945 pelo Exército, e a Legião Brasileira de Assistência (LBA), criada em 1942 pelo governo de Vargas, elas não foram eficazes na tarefa de atender os Ex-Combatentes da FEB.⁶⁵

E outro fator que dificultou esta reintegração social dos Ex-Combatentes foi o fato de que o Brasil ainda estava vivendo sob o regime do Estado Novo, o qual temia que os soldados febianos, com as experiências adquiridas de combate na Itália, pudessem de alguma forma organizarem-se militarmente para tomar o poder político da nação, entretanto, o que levou a queda do poder político de Vargas foi devido ao cenário interno em que o país encontrava-se vivendo, como o “Movimento do Queremismo” que fazia oposição a política de Getúlio Vargas. Com consequência, antes mesmo da chegada ao país, a tropa da FEB foi desmobilizada ainda em território italiano, assim, as Unidades Militares já estariam dispersas e fracas militarmente. Com isso os soldados febianos não se rebelariam contra o governo de Getúlio Vargas. A respeito desta rápida desmobilização das forças da FEB, fica mais compreensível através do depoimento do Veterano Agostinho Gonçalves da Motta:

A guerra acabou para nossa unidade em 28 de abril, foi quando houve a rendição das últimas forças alemãs e italianas ocorrida na região de Fornovo, mais o fim da Segunda Guerra só acabou em maio. Neste período eu estava em Alexandria, onde estávamos acampados nos antigos quartéis dos Alemães, então 05 de maio teve o fim da Guerra, ficamos em grande alegria. Em que me lembro, acredito que foi entre os dias 15 a 20 de maio, toda a minha unidade deslocou-se para cidade de Francolise, e desta localidade, partimos para um novo

⁶⁵ Para saber sobre mais da atuação da CRIFA e LBA no processo de reintegração social dos Ex-Combatentes da Segunda Mundial no Brasil, verificar no livro de Francisco Ferraz. FERRAZ, Francisco César Alves. **A Guerra que Não Acabou: A Reintegração dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira – 1945-2000**. Londrina: Editora Eduel, 2012 p. 260 a 263.

acampamento perto da cidade de Nápoles. Neste intervalo de tempo, aproveitei e viajei até Roma, e ainda fui até aquela cidade que foi destruída pelo vulcão, que era o Vesúvio.⁶⁶

Contudo, ainda foram recebidas como heróis, mas logo que acabaram os desfiles militares no Rio de Janeiro, todos os veteranos da FEB foram direcionados, pelos oficiais do Exército, a irem para os seus Estados ou quartéis de origem, fato que acabou gerando uma separação dentro da instituição militar do país, tendo um Exército com inspiração de Duque de Caxias e outro de inspiração Febiana. Esta divisão foi fruto, segundo o historiador Cesar Campiani, pelo contato dos soldados brasileiros com o modelo de Exército Norte-Americano, como se pode verificar na seguinte passagem:

Um dos vises de análise dos resultados dos contatos entre brasileiros e americanos argumenta que apenas uma parcela reduzida dos combatentes da FEB, sobretudo um grupo pouco numeroso de oficiais, teria voltado da guerra com posições favoráveis ao posterior estreitamento dos laços políticos e culturais entre Brasil e os Estados Unidos e que tal corrente de opinião estaria limitada, sobretudo a um grupo específico de oficiais. No entanto, há uma quantidade enorme de cartas, diários, jornais de trincheiras e memórias de guerra (para não falar em entrevistas) de soldados e graduados manifestando forte admiração pela sociedade americana, seus princípios igualitários e a capacidade de mobilização industrial do país. A troca de experiências entre brasileiros e americanos nos campos de batalha italianos influenciou, sim, o surgimento nas baixas camadas hierárquicas da FEB de um apreço pela democracia.⁶⁷

Tendo em vista que a campanha desenvolvida pela FEB na Itália, não implicou perdas substanciais de vidas humanas e nem da ocupação estrangeira do território brasileiro, por tropas inimigas, esses fatores acabaram não marcando a memória social da sociedade brasileira, pois, logo que acabaram as festas de recepção aos soldados vitoriosos da FEB, eles acabaram caindo no esquecimento.

Nesse mesmo contexto de desmobilização da FEB, o Brasil estava passando pelo processo de redemocratização, que durante o ano de 1945 delineava-se um momento favorável para o Exército. Com o regresso da FEB, a ditadura varguista, que já dava sinais de falência, foi definitivamente asfixiada, assegurando a presença dos militares no novo cenário político que se configurava. Os acontecimentos que se sucederam comprovam isso. Pouco meses depois do desfile, com o fim do Estado Novo, o general

⁶⁶ Entrevista realizada na sua residência em Campo Grande no dia 06 de Julho de 2012, p. 03. A Entrevista completa em Anexo.

⁶⁷ MAXIMIANO, César Campiani. **Barbudos, Sujos e Fatigados: Soldados Brasileiros na Guerra Mundial**. São Paulo: Editora GRUA, 2010, p.346-347.

Eurico Gaspar Dutra foi eleito presidente numa disputa em que outro principal candidato, Eduardo Gomes, é significativo lembrar, era também membro das Forças Armadas.

Portanto, a guerra é um evento humano em que os valores morais são explicitamente colocados à margem, em que os julgamentos morais e simbólicos sobre o certo e o errado são reavaliados em prol dos instintos de sobrevivência. As diversas experiências que os “cidadãos-soldados” da FEB obtiveram nos principais cenários do conflito da Segunda Guerra Mundial no Teatro de Operações dos Exércitos Aliados em território italiano, fornecem elementos sociais, psicológicos e militares, que foram importantes para a construção de uma memória e da identidade febianana no Estado de Mato Grosso do Sul. Ressaltando que essas representações sociais que os veteranos da FEB formaram de si e do evento histórico em que estiveram direta ou indiretamente envolvidos, serão discutidas nos próximos capítulos.

Capítulo 2º: A Criação das Associações dos Ex-Combatentes e Veteranos da FEB

2.1: A Criação da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil - AECB e Associação Nacional dos Veteranos da FEB - ANVFEB

Depois de cumprida a missão na Itália, os Ex-Combatentes retornaram ao Brasil, divididos em vários escalões. A operação de retorno à pátria teve início em 11 de julho de 1945, quando o primeiro contingente embarcou em Nápoles, e foi concluída com a chegada do último escalão ao porto do Rio de Janeiro, em 3 de outubro do mesmo ano.

Com a desmobilização da FEB, ainda na Itália, a maioria dos “Cidadãos-Soldados” que participaram da Segunda Guerra Mundial, por não serem militares de carreira, foi licenciada das fileiras do Exército tão logo chegaram ao Rio de Janeiro. Na época, o exército não dispunha de uma estrutura que permitisse incorporar às suas fileiras todos os soldados que haviam voltado da guerra.

Entretanto, o que se pode destacar nesse processo de desmobilização militar dos soldados da FEB, foi à urgência com que a cúpula do Ministério da Guerra procurou efetuar-lo. Conduzido de forma apressada, ela teve desdobramentos significativos no processo de reintegração social dos Ex-Combatentes, lançado-os repentinamente do heroísmo à invisibilidade social. A precipitação em desmobilizar a FEB, para além da tentativa de agilizar questões de ordem burocrática, pode indicar uma estratégia de “apagar” sua memória, tornando-a “invisível” historicamente. O reduzido espaço destinado à FEB nos livros didáticos de História do Brasil evidencia, em parte, a eficácia dessa medida. Na maioria das vezes, a menção à memória da FEB limita-se às questões relacionadas à política externa e à derrubada da ditadura varguista não se detendo mais detalhadamente nas ações dos combatentes.⁶⁸

A chegada dos Ex-Combatentes à Capital Federal (Rio de Janeiro) causou, de início, comoção popular, festas de boas-vindas e desfiles os esperavam, e a empolgação tomou conta de todos, pois foram recebidos como heróis; o mesmo acontecera nas outras cidades, além do que, havia o pagamento dos soldos devidos, o que dava aos Ex-Combatentes uma sensação de reconhecimento e bem estar (neste momento estavam cobertos de glórias e recompensados financeiramente). Mas, esses Combatentes da FEB logo iriam cair no esquecimento e o grande entusiasmo do regresso diminuiu muito, e os, agora Veteranos de Guerra, buscaram retornar as suas vidas e rotinas normais. Os

⁶⁸ Sobre a FEB na memória escolar ver FERRAZ, Francisco César Alves. **A guerra que não acabou: A Reintegração social dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)**. Tese (Doutorado em História Social) – FFLCH\USP, São Paulo, 2003.

desejos da maioria dos Veteranos da FEB eram de voltar ao seu trabalho ou, no caso de alguns deles que estavam desempregados antes da partida, conseguir um emprego e retornar a sua vida. Mas, esses Ex-Combatentes, não eram mais homens comuns, eram diferentes, pois passaram meses vivendo em outro meio social, presenciando os horrores de uma guerra, já não eram mais os mesmos. Isso ficou evidente, no surgimento de dificuldades na readaptação e nos conflitos em seus empregos, famílias e na sociedade. Os problemas começaram, quando se deu início a desmobilização (oficial) da FEB.⁶⁹

Nos dias subsequentes ao desembarque da FEB as homenagens continuaram ecoando entre a população. Na capital, a festa não terminou após o desfile. Em muitas vilas e ruas enfeitadas, vizinhos, amigos e parentes organizaram recepções de boas vindas para comemorar a chegada dos combatentes em suas casas. Apesar do inesquecível momento de glória que foi o desfile pelas ruas do Rio de Janeiro, e que, a maioria deles, nunca mais voltaria a vivenciar, a expectativa era voltar logo para casa. Para os que residiam em outros estados, não sem razão, a expectativa era ainda maior. As questões administrativas que precisavam resolver com o Exército antes de retornar para suas cidades de origem, os impediu de voltarem todos juntos de uma só vez. Por isso, foram chegando aos poucos. Mas a despeito disso, seu retorno não deixou de ser comemorado com festa em suas várias localidades de origem. Fogos de artifício anunciavam a todo o momento a chegada de mais um combatente em um dado lugar do Brasil. Em toda parte eles eram alvo de curiosidade e admiração. O assédio da população em geral e, em especial, das moças, fazia-os se sentirem como artistas de fama internacional. Facilmente reconhecidos pelo uniforme da FEB eram, com frequência, cercados nas ruas por desconhecidos ansiosos em ouvir suas histórias de guerra. A farda, marca da identidade do combatente, era então usada como um troféu e um símbolo, o mais visível, da nova identidade heróica. Assim, embora o Exército tivesse proibido o uso dos uniformes da FEB logo após o licenciamento, muitos ignoraram, enquanto foi possível, essa determinação e continuaram circulando fardados pela cidade “para aparecer e aproveitar estes minutinhos de glória”.⁷⁰

⁶⁹ PIMENTEL, Carlos Henrique. “Confronto Político nas Forças Armadas: A Associação de Ex-Combatentes do Brasil”. Artigo publicado nos **Anais do IV Seminários de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina**. Londrina: Editora UEL, 2010, p. 75-76.

⁷⁰ RIBEIRO, Patrícia da S. **As Batalhas de Memória: Uma História da Memória dos Ex-Combatentes Brasileiros**. Dissertação (Mestrado em História Social), Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense- UFF, Niterói-RJ, 1999, p.182.

Nem todos os escalões e unidades da FEB, porém, tiveram a mesma recepção festiva. Na manhã de 13 de agosto, o 9º Batalhão de Engenharia desembarcou do navio “Pedro II”, no cais do porto do Rio de Janeiro. Nenhuma homenagem ou recepção festiva fora programada. Para tornar a situação mais constrangedora, os familiares e amigos foram proibidos de aguardar o desembarque no cais. O Ministério da Guerra justificou, explicando que aquelas medidas de segurança foram efetuadas preventivamente contra a ação dos comunistas. Indignado, o comandante do Batalhão recém-chegado, o tenente-coronel José Machado Lopes, mesmo com a presença do Ministro da Guerra no navio, tomando a palavra, por meio do alto-falante da embarcação, declarou que estava voltando para casa uma tropa vitoriosa, e não prisioneira. Acrescentou que se tratava de uma ofensa aos que cumpriram na guerra, heroicamente o seu dever.⁷¹

Em relação ao processo de reintegração social dos Ex-Combatentes de Guerra, vale destacar os casos dos EUA⁷² e da Inglaterra, países que criavam uma legislação específica para tratar do processo de integração social destes veteranos de guerra na sociedade civil, conforme Francisco Ferraz:

Em considerações as políticas diplomáticas adotados pelos vencedores e vencidos sobre o destino dos “Ex-Combatentes” teria agora uma atenção mais específica. Em alguns países, antes mesmo de se configurar a vitória, já havia comissões de estudo, designadas pelos governos nacionais, para definir políticas substantivas de reintegração física, social e econômica dos desmobilizados, feridos e incapacitados de guerra. O melhor acompanhamento dos problemas físicos, materiais, psicológicos e sociais dos “Ex-Combatentes”, leis mais efetivas, a natureza distinta da Segunda Guerra Mundial e a maneira de como a guerra seria lembrada pelos combatentes, pelos que ficaram no *front* doméstico e pelas gerações posteriores, contribuíram para desenvolver uma nova configuração política e social dos veteranos de guerra.⁵

Nos EUA, antes mesmo do término do conflito na Europa, o Congresso Nacional, já havia aprovado um pacote de leis que dava conta de como os veteranos da Segunda Guerra Mundial iriam ser reintegrados à sociedade comum, da aprovação de benefícios, da assistência médica e de apoio na criação de Associações de Ex-

⁷¹ LOPES, José Machado. **9º Batalhão de Engenharia de Combate na Campanha da Itália**. Rio de Janeiro: Editora da Bibliex, 1981, p. 139-140.

⁵ FERRAZ, César Alves. “As Guerras Mundiais e seus Veteranos: Uma Abordagem Comparativa”. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 28, nº 56, 2008, p. 463-486.

Combatentes de Guerra estariam voltadas ao apoio dos seus familiares, o que propiciou uma tamanha crença no processo de reintegração social destes “Ex-Combatentes”, foi um conjunto de Leis simples, mais eficiente, como foi G.I Bill Of Rights, sancionado pelo Presidente Franklin Delano Roosevelt, em 21 de Junho de 1944, ou seja, quase um ano antes da guerra encerrar-se na Europa e mais de um ano antes seu fim no Teatro de Operações do Pacífico.

Enquanto isso, no Brasil, estas questões permaneceram sem soluções, o que levou os soldados brasileiros sobreviventes dos campos de batalha na Itália a travar uma nova guerra, pela sua sobrevivência e pelo não esquecimento dos seus feitos em favor do país. Em decorrência disso, assistiu uma constituição e organização de Associações de Ex-Combatentes do Brasil, conforme podemos verificar abaixo:

Embora os combatentes da FEB tenham sido recrutados em base regimental, as Associações foram criadas em todo o Brasil com base regional. A análise da documentação consultada demonstrou que, a partir do retorno dos Expedicionários aos locais de origem, o soldado que havia lutado pelo Brasil, passou a ser o soldado de cada Estado do país, forjando um sentimento de identidade mais regional que nacional, contrariando o imaginário militar do período “Ser soldado é ser brasileiro”.⁷³

Além disso, depois de vários meses juntos, a separação foi traumática e muitos se sentiram abandonados pelo Estado brasileiro, como se depreende do depoimento do Sr. Agostinho Gonçalves da Motta:

Foi muito difícil, porque quando cheguei, eu não tinha roupa, a minha roupa era apenas de militar e depois que demos baixa, tivemos que viajar fardados. Chegamos a São Paulo para pegar uma passagem para Três Lagoas. Chegamos a Três Lagoas, foi àquela festa danada, mais aí começou a decepção, pois a gente queria ter um serviço, como, por exemplo, trabalhar na Noroeste do Brasil (Estrada de Ferro), mas eles não queriam dar trabalho, pois diziam que a gente estava louco. Então o que morreu de companheiros por falta de assistência e de amparo social.⁷⁴

Foi nesse contexto social de pós-guerra que os Ex-Combatentes da FEB resolveram se unir através de Associações. Pois, todos estavam necessitando de um maior amparo social e legal do Estado e também, de cobrar um maior reconhecimento

⁷³ ROSA, Alessandro dos Santos. **A Reintegração dos Ex-Combatentes da Força Expedicionária Brasileira (1946-1988)**, Curitiba: UFPR, Dissertação de Mestrado em História Social, 2010, p. 130.

⁷⁴ Entrevista realizada com Presidente da ANVFEB-MS, senhor Agostinho Gonçalves da Motta, em 25 de março de 2011, p. 08.

do seu “tributo de sangue” ao país e à sociedade à qual os Ex-Combatentes haviam defendido em batalhas na Itália. Assim, constituíram e fundaram a Associação dos Ex-Combatentes do Brasil – AECB, que foi criada apenas três meses após o retorno da FEB ao país, ou seja, em outubro de 1945. Tendo como sede o Silogeu Brasileiro, situado na Avenida Augusto Severo, nº 4, no Rio de Janeiro, e, como presidente, o filho do ex-chanceler Oswaldo Aranha⁷⁵, o cabo Oswaldo Gudolle Aranha, que serviu na artilharia da FEB.

Logo depois da criação da AECB, os pracinhas que combateram na Itália perceberam que muitos “Veteranos”, que se encontravam participando destas Associações, na realidade, não foram à Guerra, porém estavam recebendo benefícios por parte do Estado, a exemplo disso foi a chamada Lei da Praia.

Os veteranos da FEB sentiram-se prejudicados porque a nova Lei beneficiava, além dos militares que viviam próximo ao litoral, também àqueles que moravam no interior, que nem se envolveram em nenhum combate direto contra o inimigo e nem realizavam patrulhas no litoral do país. Para se compreender melhor como transcorreram os critérios sobre a Lei da Praia, basta atentar à seguinte passagem:

A Lei foi criada na década de 1960, por força da legislação federal, todos aqueles soldados que, de alguma forma, serviram à pátria na chamada “Zona de Guerra”, foram equiparados legalmente aos que estiveram na guerra e se tornaram beneficiários das vantagens destinadas, a princípio, apenas a estes. Deste modo, o termo “Ex-Combatente” passou-se então a designar todos aqueles que estavam à disposição das Forças Armadas durante o período da guerra. Ao utilizarmos esta denominação, devemos ter em mente que tratamos de um grupo de militares heterogêneo nas experiências sociais e de guerra, mas que se vinculam pelo mesmo discurso de que cada qual ao seu modo, pois os mesmos contribuíram para a garantia da soberania nacional.⁷⁶

Por isso se formou uma Associação de Ex-Combatentes e não era só composta de Veteranos da FEB, haja vista que os “Ex-Combatentes” e os “Veteranos” da FEB tinham significados bem diferentes entre si. Pois, Associações dos Ex-Combatentes do Brasil sempre estiveram mais ligadas diretamente com os militares da ativa e aceitavam que a diretoria Nacional da AECB e suas Seções/Regionais pudessem e fossem

⁷⁵ Como Ministro das Relações Exteriores de 1938 a 1944, foi importante defensor da necessidade de uma política de solidariedade continental entre o Brasil e os EUA, frente aos perigos iminentes da guerra enfrentando forte oposição da facção neutralista do governo Vargas, acusada de simpatizar com o Eixo e que incorporava, dentre outros, os generais Dutra e Góis Monteiro, respectivamente, Ministro da Guerra e Chefe do Estado-Maior do Exército.

⁷⁶ CARVALHO, Virgínia Mercês Guimarães. **Ex-Combatentes do Brasil: Entre a História e a Memória (1945-2009)**. Pernambuco, UFP, Dissertação de Mestrado em História Social, 2009, p. 76.

conduzidas por militares da reserva ou da ativa. Já no caso dos Veteranos da FEB, estes queriam ter maior autonomia para dirigirem a sua própria Associação, sem maiores interferências dos militares em suas ações de reintegração social.

Embora não houvessem protestos públicos pela “ampliação” do número de “Ex-Combatentes” que fossem contemplados pelas novas leis, muitos dos Veteranos Expedicionários sentiam-se desconfortáveis num quadro associativo em que eram minoria ou apenas uma tênue maioria.

Assim, dentro desse grupo social maior, chamado de “Ex-Combatente” da Segunda Guerra Mundial, emergiu um segmento diferenciado que se autointitulou de “Veteranos da FEB”. Assim, todos os Veteranos da FEB são um “Ex-Combatente”, mas nem todo “Ex-Combatente” pode ser considerado um Veterano da FEB.

A denominação, “Veterano da FEB”, refere-se aos soldados que participaram efetivamente da Campanha Brasileira no Teatro de Operações do Mediterrâneo durante a Segunda Guerra Mundial, entre os anos de 1944-1945, onde estes adquiriram experiência de guerra diferenciada dos outros militares que ficaram no Brasil.

Em contrapartida, todos aqueles soldados que apenas desempenharam atividades consideradas serviços de guerra em território nacional, como o patrulhamento do litoral brasileiro e segurança das unidades militares em zonas consideradas de guerra, ganharam o “título” de Ex-Combatentes da Segunda Guerra.

A partir desta distinção entre os grupos sociais de Ex-Combatentes da Segunda Guerra Mundial, é que se pode ter um melhor entendimento das tensões e acomodações sociais e políticas ocorridas entre eles, e assim compreender melhor por que esses dois grupos sociais distintos de Ex-Combatentes de Guerra sempre foram tratados como um grupo homogêneo pela memória militar do Exército brasileiro.

Entre as principais intenções, que a AECB tinha inicialmente, era o desejo de poder dar maior segurança social a esses “Cidadãos-Soldados” abandonados pelo Estado, e ainda, ajudar na cobrança do cumprimento da legislação que foi criada através de Leis e Decretos, mais na maioria das vezes, Ex-Combatentes da FEB sofriam também com a burocracia do Estado, como ressaltou Joaquim Xavier em seu livro de memória:

A pletera de leis e decretos destinados a beneficiar os Ex-Combatentes tinha que ser posta em prática. Mas, não havia um órgão único para cuidar do assunto. A burocracia tornou-se um processo lento, agravado pelo fato de haver total desconhecimento por parte dos interessados. A primeira legislação posta em prática foi o Decreto-Lei

nº 8.794, de 23 de janeiro de 1946, isto é, seis meses após o desembarque do 1º Escalão da FEB.⁷⁷

E a exemplo claro deste contexto de conquistas sociais na legislação brasileira foi sem dúvida, a Constituição Federal de 1988, a qual contou com a interferência de várias Associações da ANVFEB e AECB. Esta Constituição acabou por assegurar os direitos de aproveitamento no serviço público, assim como também de conceder uma pensão especial, que veio a corresponder ao um soldo de um Segundo Tenente do Exército, e também promoveu assistência médica e hospitalar, aposentadoria e prioridade na aquisição de casa própria. Todos estes benefícios ficaram estabelecidos no Art. 178, das Disposições Transitórias.

E ainda, logo após o início da década de 1990, o governo federal procurou reforçar, de alguma forma, as leis já existentes sobre os benefícios aos “Ex-Combatentes da Segunda Guerra Mundial”, onde acabou sendo incluídas, algumas questões em relação aos seus dependentes, conforme está disposto na seguinte lei:

Na Lei de Nº 8.059, de 04 de julho de 1990, o Presidente da República sancionou esta lei que dispõe sobre concessão de pensão especial aos Ex-Combatentes da Segunda Guerra Mundial e aos seus dependentes. No seu artigo primeiro se ficou definido assim: Esta lei regula a pensão especial devido a quem tenha participado de operações bélicas na Itália, nos termos da Lei de Nº 5.315, de 12 de setembro de 1967, e aos respectivos dependentes.⁷⁸

Essas ações do Estado podem ser consideradas como políticas de memória, que além da intenção de realizar a reintegração à sociedade e das compensações econômicas, uma das principais expectativas em torno dos efeitos dessas políticas é a de que sejam capazes de promover uma pacificação dos traumas dos Ex-Combatentes. Aliás, nos últimos anos, essa tem sido a tônica da atuação das políticas de memória para o caso da FEB.

É bem provável que a proposta de criação do que viria a se transformar numa Associação voltada para a defesa dos interesses daqueles que estiveram em combate na Europa durante a Segunda Guerra Mundial tenha sido gestada ainda na Itália, em conversas casuais entre os soldados, nos momentos de descanso no *front* de combate, como sugere a fala do Veterano da FEB, Agostinho Gonçalves da Motta, lembrando

⁷⁷ SILVEIRA, Joaquim Xavier. **A FEB Por Um Soldado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989, p. 243.

⁷⁸ MELLO, José Luiz Ribeiro. **A Legislação dos Ex-Combatentes**. Rio de Janeiro: Ed. Expedicionários, 1978, p.70.

frases de colegas com o seguinte teor: “Quando a guerra acabar e ao chegar ao Brasil, poderíamos abrir uma Associação”.⁷⁹ Por sua vez, Livia Scalo, Sandra Lorenz e Thiara Liema atestam que:

A luta pelo reconhecimento social e econômico dos Veteranos foi encabeçada pelas Associações dos Ex-Combatentes do Brasil. As constantes queixas e descumprimentos de Leis por parte do Poder Público, logo após o retorno da guerra, *trouxeram à tona a idéia que havia nascido ainda na Itália, o de realizar uma organização em Associação para os febianos e seus familiares.*⁸⁰

É possível afirmar que tal proposta estava fundamentada, de um lado, em alguns elementos essenciais à vida militar, sobretudo em situações de combate e, por outro, em decorrência da própria conjuntura política do país, marcada pela ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas, que afetava diretamente os Febianos.

Assim, após a criação da Associação Nacional dos Ex-Combatentes do Brasil, que inicialmente os seus dirigentes foram praças e oficiais da reserva do Exército e ainda sendo constituída por várias outras Seções Regionais criadas pelos Estados no Brasil, inclusive em Mato Grosso, uma dessas Seções chegou a funcionar em Campo Grande, e fora fundada em 1951⁸¹ -, essa instituição agregava elementos pertencentes à Força Aérea, à Marinha de Guerra e à FEB que havia, ou não, entrada em combate na Itália.

Tal equiparação teria se constituído em fator determinante para um processo de fragmentação que, a partir do início da década de 1960, resultaria na criação de uma segunda entidade: a Associação Nacional dos Veteranos da FEB.⁸²

Contrapondo, há outro ponto de vista desse processo social inicial de constituição das primeiras Associações dos Ex-Combatentes no Brasil, pode-se referenciar Francisco Ferraz (2003) que afirma, quando os Expedicionários Brasileiros se encontravam ainda na Itália, já ali mesmo, começaram a cogitar a formação de uma Associação de Ex-Combatentes no Brasil, pois esse modelo organizacional já era uma grande força social

⁷⁹ Entrevista concedida pelo Presidente da ANVFEB-MS, senhor Agostinho Gonçalves em sua residência, em 10 de Março de 2011.

⁸⁰ SCALO, Livia; LORENZ, Sandra da Rosa; LIMA, Thiara (Orgs). **Herói de Duas Guerras: Jornada de um Ex-combatente**. Campo Grande - MS: Ed. UFMS, 2006, p. 67. (Grifo é meu).

⁸¹ Livro de Ata Geral: Reunião ordinária da Assembléia Geral da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, pg. 02.

⁸² Estatuto da Associação Nacional dos Veteranos da FEB – ANVFEB – RJ, aprovado em 30 de novembro de 1971 e que veio a sofrer alterações, introduzidas em 15 de agosto de 1972, 23 de setembro de 1975, 27 de junho de 1978, 24 de outubro de 1980 e 3 de setembro de 1984.

e política em países como França, Alemanha, Estados Unidos, Austrália e Inglaterra, como se pode verificar:

Este poder era decorrente de um processo histórico em que se aglutinavam os movimentos por direitos sociais e o recrutamento, através dos Estados nacionais, de milhões de jovens para tornarem-se cidadãos-soldados, para a defesa da pátria, desde a segunda metade do século XVIII. Quando estes jovens retornavam dos campos de batalha, requereram os seus direitos e cobraram as promessas de benefícios e amparo feitas antes de pegar em armas pela Nação. As Associações de Ex-Combatentes ficaram em evidência maior ainda no período entre – guerras, do século XX. Seu impacto nas nações que os enviaram para a guerra foi imenso, tanto do ponto de visto econômico (pressão por empregos e pensões), social (difícil reintegração às rotinas sociais cotidianas) e político (pressão por maior participação nos destinos das nações as quais defenderam com o próprio sangue; formação de grupos de veteranos com finalidades político-partidárias. Seus membros contavam-se aos milhões de homens.⁸³

Segundo o mesmo historiador, essas dimensões de importância nunca poderiam ser alcançadas pelas associações brasileiras de Ex-Combatentes, uma vez que o número de homens envolvidos diretamente no conflito representava pouco mais de 0,06% da população brasileira em 1945. Embora o recrutamento para a guerra tenha sido nacional, na Itália havia pouco mais de 25 mil indivíduos, em sua grande maioria dos campos e com baixa escolaridade.

Os militares que conjecturavam uma associação quando retornassem ao Brasil se preocupavam muito mais em perpetuar a lembrança e os laços criados a partir de suas experiências na Itália do que em desempenhar algum papel político no cenário nacional. Assim, a Associação dos Ex-Combatentes do Brasil seria uma maneira de propagar uma memória social da participação brasileira na Segunda Guerra e manter o vínculo construído na Itália, de camaradagem no *front* e reforçar os mais diversos laços de solidariedade.⁸⁴ Assim o senso de camaradagem se desenvolveu ao redor de vários núcleos de pertencimento. Especialmente após a guerra, onde a identidade de expedicionário sobrepunha-se entre os veteranos da FEB, mas o “Espírito de Corpo”

⁸³ FERRAZ, Francisco César Alves. **A guerra que não acabou: A Reintegração social dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)**. São Paulo: USP/FFLCH, Tese de Doutorado em História Social, 2003, p.243.

⁸⁴ Esses laços poderiam ser inclusive políticos uma vez que Ferraz assegura a partir da entrevista de Jacob Gorender, que “a idéia de criar organismos de reunião social, também defesas de interesses dos Expedicionários agregava Expedicionários de toda natureza, inclusive os (poucos) comunistas, que se organizavam informalmente em células nas unidades combatentes” durante a participação da FEB na Segunda Guerra Mundial. FERRAZ, Francisco César Alves. **A Guerra que Não Acabou: A Reintegração dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira – 1945-2000**. Londrina: Editora Eduel, 2012 p.243.

relacionado às unidades militares de origem também se fazia presente, tendo sido especialmente significativo no decorrer da campanha na Itália.

Com o objetivo de construir e preservar uma memória específica da guerra dentro das Associações de Ex-Combatentes do Brasil, voltou-se para uma discussão dessa problemática, para tanto é preciso destacar o conceito de “memória social”, desenvolvido pela psicóloga Ecléa Bosi, que afirma:

Descrevendo a substância social da memória – o fator principal é o modo de lembrar, que pode ser individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique. O tempo da memória é social, não só porque é o calendário do trabalho e da festa, do evento político e do fato insólito, mas também porque repercute no modo de lembrar.⁸⁵

Por esse e outros fatores sociais, que segundo Ferraz (2003), foram aceitos nas Associações da AECB, somente aqueles que eram considerados, de um ponto de vista legal, Ex-Combatentes brasileiros, ou seja, aqueles que tivessem tomado parte, concretamente, em operações de guerra na “Campanha da Itália” ou que tinham sido mobilizados pelo Ministério da Guerra para realizarem patrulhamento militar no litoral do país.

Entretanto, à medida que esse conceito legal de Ex-Combatente foi sendo estendido a outras categorias (como militares que foram mobilizados para realizar patrulha no litoral ou regiões do Brasil consideradas como “Zona de Guerra”, como foi o caso do Estado de Mato Grosso), as afiliações passaram a incorporá-las também. Do mesmo modo, anos depois, os Ex-Combatentes estrangeiros, radicados no Brasil, também foram aceitos como membros-sócios das AECB - Seções Regionais, como foi caso da Legião dos Expedicionários Paranaense.⁸⁶

E ao mesmo tempo, contrária à política desenvolvida pela Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, ocorreu a criação de outra entidade, a qual teve a sua sede localizada na Rua das Marrecas, nº 35 (Lapa), no centro do Rio de Janeiro, local doado pelo então governador do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda. Porém, vale a pena ressaltar que tudo isso começou no ano de 1963, quando foi criado o “Clube dos

⁸⁵ BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 3ª Edição, São Paulo: Editora Cia das Letras, 2009, p. 31.

⁸⁶ Panfleto explicativo sobre a constituição da **Casa do Expedicionário em Curitiba**, material foi produzido pela Secretária de Estado de Cultura – Paraná, 2011, p.02- 03.

Veteranos da Campanha da Itália”, que logo foi substituído o nome por “Associação dos Veteranos da FEB (AVFEB)”, em 1969, e depois, em 1972, a entidade passou para o atual nome, que é Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB), e que atualmente se localiza a *Casa da FEB*.⁸⁷

Entretanto, antes de abrigar a *Casa da FEB*, o casarão da Rua das Marrecas passou por uma grande reforma e foi transformado, com recursos levantados pelos próprios Ex-Combatentes, num pequeno prédio de cinco andares. No primeiro piso, encontrava-se a portaria e o Museu do Ex-Combatente, que matinha, em exposição permanente, armas, uniformes, bandeiras e outros equipamentos utilizados pelas tropas brasileiras na campanha da Itália, além de objetos que foram apreendidos dos alemães feitos prisioneiros. No segundo andar, o Museu da Imagem e do Som, há uma biblioteca e pequeno auditório, utilizado para as reuniões dos associados. Sendo que o acervo do Museu da Imagem e do Som, onde se podem encontrar, entre outros documentos, fotos, postais, correspondências e depoimentos gravados, já a biblioteca contava com exemplares como diários, depoimentos, livros e jornais relativos ao período, arquivos audiovisuais e documentais sobre a Segunda Guerra Mundial e outras reminiscências produzidas por praças e oficiais da FEB, e que, também conta com um acervo documental doado pelos próprios associados. O terceiro andar era reservado ao lazer. O grande salão estava dividido em dois ambientes: uma sala de jogos e outra de convivência. No quarto andar ficava o setor de assistência social e jurídica e no quinto e último andar, localizava-se o setor administrativo e a sala da direção.⁸⁸

Ressaltando que essa entidade ficou responsável por coordenar todas as Seções Regionais da ANVFEB existentes no país, cuja única exigência para sua filiação era que os pretensos membros apresentassem um diploma de Medalha de Campanha. Como se pode observar na figura abaixo:

⁸⁷ CARVALHO, Virgínia Mercês Guimarães. **Ex-Combatentes do Brasil – Entre a História e a Memória (1945-2009)**. Pernambuco: UFP, Dissertação de Mestrado em História Social, 2009, p. 81.

⁸⁸ RIBEIRO, Patrícia da Silva. **Em Luto e Luta: Construindo a memória da FEB**. Rio de Janeiro: FVG, Tese de Doutorado em História Contemporânea do Brasil – CPDOC, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, 2013, p. 194.



Figura 3: Esse é o modelo de um dos “Diplomas de Campanha”, documento que após término da Segunda Guerra Mundial, comprovaria a participação do pracinha na Campanha da FEB na Itália, entre os anos de 1944-1945.

Fonte: É uma cópia do modelo original, que se encontra exposto no Museu da FEB – José Machado Lopes – 9º BE Comb – Aquidauana - MS

Todavia, eram diplomados com essa distinção apenas aqueles soldados que realmente haviam participado da Campanha Brasileira na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial, sendo o diploma a única condição para o pertencimento ao quadro social dos febianos, já os Ex-Combatentes de Guerra, que eram chamados de “Praieiros” não podiam pertencer a essa nova instituição de veteranos de guerra.

Mas, vale ressaltar, que a Associação de Ex-Combatentes do Brasil não se dissolveu. Sua sede se localizava, até 2013, na Rua do Lavradio, nº 38 (Lapa/RJ), num prédio doado em 1954, pelo então Ministro da Fazenda, Oswaldo Aranha. As duas Associações contam com núcleos espalhados por vários Estados do Brasil e a principal diferença entre elas diz respeito ao fato de que na AECB eram aceitos todos os Ex-Combatentes que, de alguma forma, estiveram envolvidos no esforço de guerra – como determinado pela Lei nº 616⁸⁹ que ampliou o conceito legal de Ex-Combatentes.

⁸⁹ Decretada em 02 de fevereiro de 1949, a lei alterou os artigos 1º e 6º da Lei nº 288, de 08 de junho de 1948. De acordo com o art. 1º os oficiais das Forças Armadas, que serviram no teatro de guerra da Itália, ou tenham cumprido missões de patrulhamento, vigilância e segurança do litoral, e operações de guerra e de observações em qualquer outro teatro de operações definidas pelo Ministério respectivo, inclusive nas ilhas de Trindade, Fernando de Noronha e nos navios da Marinha de Guerra, que defenderam portos nacionais em zonas de operações de guerra, passaram a ser considerados Ex-Combatentes. Assim, quando fossem transferidos para a reserva remunerada, ou reformado, esses oficiais seriam previamente promovidos ao posto imediato, com os respectivos vencimentos integrais. Posteriormente, 12 de setembro de 1967, foi instituída a Lei nº 5.315 regulamento o art. 178 da Constituição do Brasil que dispõe sobre os

Posteriormente à separação das entidades, tanto a Associação dos Ex-Combatentes do Brasil como a Associação Nacional dos Veteranos da FEB, foram reconhecidas como sendo de utilidade pública federal, estadual e municipal, tendo na sua constituição o objetivo maior de dar apoio aos veteranos e seus familiares. As Associações atuaram sempre como meios institucionais de intermediação na luta por mais justiça, na forma de reivindicação por mais benefícios e cumprimentos dos direitos já existentes.

Já os veteranos da FEB, mesmo sofrendo no *front* de batalha da Segunda Guerra Mundial, ainda tiveram forças para construir uma história de vida de superação de cada um, o que faz com que os que ainda estão vivos recebam do Estado e da sociedade civil o seu devido reconhecimento histórico-social.

Evidente que a maioria que foram da Infantaria da FEB, teve na sua trajetória de vida um exemplo da construção de uma identidade social, pois, aqueles soldados vêm sempre buscando o seu reconhecimento e valorização perante o Estado e a sociedade civil e militar. Isso começou quando, já organizados em Associações, eles buscaram seus direitos.

Eles também sempre fizeram questão de participar de eventos, como os desfiles cívico-militares e de comemoração das vitórias dos Aliados na tomada de posições inimigas na Itália ou mediante construção de monumentos históricos que imortalizaram e preservaram as memórias da participação dos “pracinhas” na Segunda Guerra, como podemos verificar na seguinte foto:



Ex-Combatentes da Segunda Guerra Mundial, definido os termos nos quais poderiam comprovar legalmente sua condição. Disponível em <http://www.dataprev.gov.br> – Acesso em : Junho de 2013.

Figura 4: Esta fotografia registrou o momento histórico que foi a inauguração em **26/08/1999** do Monumento histórico em homenagem aos Veteranos da ANVFEB-MS, o qual está localizado na praça do expedicionário em frente ao prédio do **9º SIP** (Seção de Inativos e Pensionistas do Exército Brasileiro) e do **Museu da FEB** na Avenida Afonso Pena, 2270, centro de Campo Grande - MS. Ao centro temos os Veteranos da **ANVFEB-MS**, Carlos Cardeal, Agostinho Gonçalves da Motta e Toshio Myhaira, Ataliba Ferreira e ajoelhado Moacir Aleixo, os outros Veteranos são de outros Estados do Brasil que vieram para participar da inauguração desse monumento histórico na cidade.

Fonte: É do acervo pessoal do Presidente da ANVFEB-MS Agostinho Gonçalves da Motta.

E ainda ANVFEB-Nacional acabou criando um Estatuto, definindo funções, direitos e deveres dos seus Associados, o qual serviu de parâmetro para o funcionamento das Seções Regionais. Eis alguns artigos que ficaram registrados no Estatuto da ANVFEB, em relação ao seu funcionamento e objetivos institucionais:

Art. 1º - A Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB) anteriormente, Associação dos Veteranos da FEB (AVEFEB), fundada em 16 de julho de 1963, com a denominação de Clube dos Veteranos da Campanha da Itália, é uma sociedade civil, de duração ilimitada, de jurisdição nacional, sem fins lucrativos, com sede e foro na cidade do Rio de Janeiro, e será regida pelo presente Estatuto.

Parágrafo Único – A ANVFEB poderá ter Seções Regionais, em quaisquer localidades do país, organizadas de conformidade com este estatuto e com o Regulamento para as Seções Regionais.

Art. 2º - A ANVFEB, nos termos de Declaração de Princípios que deu origem (Clube dos Veteranos da Campanha da Itália), tem por finalidades:

- a) promover e incentivar manifestações cívicas e patrióticas, comemorativas dos grandes feitos da Força Expedicionária Brasileira (FEB) e do Primeiro Grupo de Caça da Força Aérea Brasileira (FAB), na campanha da Itália;
- b) Cultuar a memória dos novos mortos na Segunda Guerra Mundial e desenvolver, entre os veteranos de guerra, os laços de sadia e consciente camaradagem e fraternidade, nascidos durante a Campanha da Itália;
- c) Sugerir, estimular e participar em medidas de amparo aos veteranos de guerra e seus herdeiros;
- d) Organizar e patrocinar reuniões cívicas, sociais, culturais e artísticas, bem como outras atividades que proporcionem recreação, convívio e conforto aos sócios e seus familiares;
- e) manter relações com instituições congêneres;
- f) colaborar com os poderes públicos e instituições congêneres, quanto a assuntos referentes às suas finalidades precípuas;
- g) Proporcionar, dentro de suas possibilidades, assistências aos veteranos de guerra, suas viúvas, ascendentes e filhos, principalmente, aos inválidos e as crianças;
- h) Organizar e manter um Museu especializado sobre a Campanha da Itália.⁹⁰

⁹⁰ **Estatuto da Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB)**, aprovado em 30 de novembro de 1971 e com as alterações introduzidas em 15 de agosto de 1972, 23 de setembro de 1975, 27 de junho

Segundo o ex-presidente da seção do Rio de Janeiro da ANVFEB, Luiz Paulino Bonfim, a nova Associação “foi uma entidade criada mais pelos oficiais da ativa e por uns poucos elementos que haviam voltado à vida civil (...). O que levou realmente à criação da ANVFEB foi a procura de uma entidade em que os combatentes que haviam ido para a Itália se sentissem “mais em casa”.⁹¹

Entretanto, pode-se afirmar que seus objetivos e funções eram praticamente os mesmos da AECB: tornar-se um ponto de encontro de veteranos, uma entidade de expressão pública de suas posições e reivindicações, um órgão de auxílio e orientação dos direitos dos veteranos e um centro cultural dedicado à preservação e ao estímulo da memória da FEB. No que diz respeito à formação dessas Associações, o historiador Francisco Ferraz afirma que:

Apesar de congregar apenas efetivos veteranos da FEB, não houve cisão, mas colaboração mútua nas políticas nacionais desenvolvidas pelas AECB e da ANVFEB. Em algumas localidades do país, participam das mesmas solenidades, em clima cordial e solidário, e convidam-se entre si, nas cerimônias e eventos que promovem a memória da FEB. Nestes momentos, é possível diferenciar os membros destas Associações, através do uso das boinas, ambas possuem cores diferentes, as verdes são dos membros da AECB e as Azuis são dos membros da ANVFEB.⁹²

Esses foram os elementos simbólicos estabelecidos entre as Associações da AECB e da ANVFEB, para que assim fosse fácil distinguir os membros de ambas as entidades em eventos comemorativos da Segunda Guerra Mundial e também em desfiles cívicos, como o “Dia de 7 Setembro”, em todo o Brasil.

Portanto, após o processo traumático de desmobilização das tropas da FEB no retorno ao Brasil, os Ex-Combatentes se deparam com dois grandes desafios: a rearticulação do grupo dispersado após o desembarque, e a construção de uma nova identidade baseada, no binômio Combatente/Ex-Combatente. Assim, à medida que passava o tempo e que se somavam conquistas – com benefícios assegurados por lei -, a Associação foi se configurando, cada vez mais, como um *lugar de sociabilidade*

de 1978, 24 de outubro de 1980 e 3 de setembro de 1984, p. 01-02 – Documento do acervo pessoal do Veterano da FEB Senhor Agostinho Gonçalves da Motta.

⁹¹ Luiz Paulino Bonfim. Correspondência eletrônica. Rio de Janeiro, 4 maio de 2002. Apud, FERRAZ, Francisco César Alves. **A Guerra que não Acabou: A Reintegração Social dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)**. São Paulo: USP/ FFLCH, Tese de Doutorado História Social Paulo, 2003.

⁹² FERRAZ, Francisco César Alves. *Ibidem*.

fundamental para a preservação da identidade do grupo, sendo a guardiã de sua memória.

2.2 – O Processo Histórico da Constituição da ANVFEB-MS.

No caso do Estado de Mato Grosso do Sul, primeiramente ocorreu a fundação da Associação de Ex-Combatentes do Brasil – AECB, no ano de 1948, quando se criou a Secção-Regional de Campo Grande, tendo sua sede localizada, na época, na Rua Dom Aquino.

Pode-se compreender melhor esse momento histórico através da entrevista concedida pelo então Veterano da FEB Senhor Agostinho da Motta: “Foi em 1948, havia o cinema Santa Helena em Campo Grande, nos fundos dele funcionava a Associação. Foi feita a primeira reunião e aí fundamos a Associação. Eu fiz parte da primeira diretoria, como diretor desportivo. Mas a Associação não funcionava direito”.⁹³ Esse momento marcante está registrado através do meio fotográfico, como se pode conferir:



Figura 5: Abertura da reunião da constituição da AECB - Seção Regional de Campo Grande em 29-12-1948.

Fonte: Foto do acervo pessoal do Presidente da ANVFEB-MS Senhor Agostinho Gonçalves da Mota.

⁹³ Parte da entrevista realizada com o Veterano da FEB, Senhor Agostinho Gonçalves da Motta. Atual presidente da Associação Nacional da FEB – Seção Regional de Mato Grosso do Sul.

E ainda cabe destacar que nesse contexto, encontravam-se muitos dos “Ex-Combatentes” que retornaram do conflito da Europa, havendo em torno de uns trezentos “Ex-Combatentes” da FEB, que ainda estavam vivos, segundo algumas estimativas realizadas pelo Veterano Agostinho Gonçalves da Motta.

E logo depois da criação da Seção Regional da AECB – Campo Grande, o então prefeito da cidade de Campo Grande criou a Lei de Número 78, de 1º de julho de 1949, que passou a reconhecer a entidade como de utilidade pública municipal⁹⁴.

Logo após a criação da AECB-Seção Regional de Campo Grande, a entidade realizou a distribuição de um boletim informativo, que solicitava a presença de todos os Ex-Combatentes do Brasil para participarem da organização da 1º Assembléia Geral, cuja data expressa de distribuição do informativo foi a do dia 08 de junho de 1951, comunicando que o objetivo da Assembléia Geral era o de eleger uma nova diretoria para a entidade, como segue descrito no documento da época:

ASSOCIAÇÃO DOS EX-COMBATENTES DO BRASIL

Seção de Campo Grande – Mato Grosso

Campo Grande, 08 de junho de 1951

PREZADO COMPANHEIRO EX-COMBATENTE

I – A Comissão de Ex-Combatentes abaixo assinalada têm a honra de convidar o prezado companheiro e Exma. Família, para a Assembléia Geral Ordinária que a Associação dos Ex-Combatentes de Campo Grande convocará para o dia 17 do corrente mês, às 8 horas no Centro Beneficente Português, para as eleições dos componentes da nova Diretoria. Nesse dia será servido um churrasco de confraternização.

II – Contando com a presença do nobre companheiro não só para as eleições como para maior brilhantismo da Assembléia e francos conagraçamentos dos Ex-Combatentes da 2º Guerra, aviamos as nossas eternas saudações expedicionárias.⁹⁵

Sobre a legitimidade desta eleição, teve na nova diretoria da entidade dos Ex-Combatentes do Brasil – AECB, que se encontravam presentes naquela Assembléia-Geral os seguintes membros da comissão eleitoral: José Américo Zeolla, Paulo Katayama, Carlos Martins de Lima, Hugo de Andrade, Aziz Salamene, Agostinho Gonçalves da Motta e Justiniano Echeverria, e ambos iriam futuramente participar da fundação da ANVFEB-MS.

⁹⁴ Consultar o Documento no Anexo 2;

⁹⁵ **Livro Ata:** Reunião da Associação dos Ex-Combatentes, 1951, Livro Ata da Assembléia Geral da Associação dos Ex-Combatentes da FEB, p. 02 (Documento nº 01 em Anexo).

Assim, a AECB passou a ter sua sede oficial em duas salas comerciais do 2º andar do Edifício Nakao, localizado na Rua 14 de Julho, esquina com a Rua Dom Aquino, bem no centro da cidade de Campo Grande, sendo que esse espaço foi cedido pelo então proprietário do Edifício, Senhor Nair Atibe, filho de um turco, que tinha admiração e apreço pela causa dos Ex-Combatentes da Segunda Guerra, segundo entrevistas realizadas com os veteranos da FEB, Agostinho Gonçalves da Motta e Moacir Aleixo. E nesse espaço cedido, também começou a funcionar o museu da Associação, onde ficava exposto um grande acervo documental, materiais bélicos, livros e medalhas dos Ex-Combatentes na Segunda Guerra Mundial, sendo que todo este material histórico iria compor, na década de 1990, o Museu oficial da FEB em Campo Grande.

É importante ressaltar que também existiu outra sede regional da AECB no Estado de Mato Grosso do Sul, que funcionou até a década de 1980, na cidade de Corumbá, e segundo informações obtidas através da filha do veterano da FEB, o Senhor Clemente Alcides, senhora Flaviane Alcides, e segundo informações da mesma, a entidade teve o seu funcionamento na Rua 15 de Novembro, no centro da cidade e, por falta de recursos financeiros e de pessoal para trabalhar na sede da Associação, a solução foi fechar suas portas em 1986.

Ainda na década de 1960, os Ex-Combatentes da FEB realizaram várias manifestações e campanhas junto às autoridades governamentais e da sociedade civil local, para que o governo brasileiro realizasse o processo de transladação dos restos mortais dos Expedicionários da Segunda Guerra Mundial, que ainda se encontravam em solo italiano, enterrados no cemitério de Pistóia. Pode-se perceber esse momento marcante da história da Associação, através do desfile cívico de 7 de setembro 1960, na cidade de Campo Grande:



Figura 6: Foto de um desfile cívico de 7 de setembro da década de 1960, em que os Ex-Combatentes da FEB exibiam a seguinte mensagem escrita em uma faixa, “**Ex-Combatentes de Campo Grande, em homenagem aos mortos de Pistóia**”, frase com que reivindicavam a vinda para o Brasil dos restos mortais dos Expedicionários da Segunda Guerra Mundial, que se encontravam ainda no cemitério de Pistóia, na Itália.

Fonte: acervo pessoal do Presidente da ANVFEB-MS Senhor Agostinho Gonçalves da Mota.

Como se pode destacar na foto acima, que na década de 1960 as manifestações realizadas pelos Ex-Combatentes da FEB, em sua maioria⁹⁶ não contavam com efetiva participação dos militares das Forças Armadas, nas suas ações sociais de protesto contra o Estado, a exemplo principal do Exército, instituição essa que se tornaria, nas décadas de 1980 e 1990, o principal agente de promoção e constituição do patrimônio cultural sobre a participação da FEB na Segunda Guerra Mundial.

Entretanto, a criação da sede ANVFEB-MS em Campo Grande se deu em virtude de haver alguns conflitos internos e divergências políticas, entre membros da Diretoria da Seção Regional – AECB-Campo Grande, que na verdade já era reflexo da divisão da sede Nacional da AECB no Rio de Janeiro, na década de 1960, pois, segundo as justificativas apresentadas pelos membros que compuseram a 1ª Diretoria da ANVFEB-MS foram que não tinha muito espaço de ação e divulgação das conquistas dos Veteranos da FEB no Estado de Mato Grosso do Sul, ficando restrito à capital do Estado.

Estes desentendimentos também ocorreram, porque a Diretoria da AECB não aceitava a participação das mulheres dos veteranos da FEB nas reuniões mensais da

⁹⁶ Estas informações foram obtidas pelo presidente da ANVFEB-MS, Agostinho Gonçalves da Motta, segundo estimativas de membros vivos que Associação possuía na época.

Associação, e ainda, por causa das posições políticas dos mesmos, pois eram contrários diante do descaso que sofriam parte das autoridades do Estado de Mato Grosso do Sul e do Governo Federal. Em função disso, os membros que eram realmente veteranos da FEB, resolveram criar outra Associação.

Assim, alguns dos membros descontentes desta última Associação dos Ex-Combatentes – Seção Campo Grande, resolveram unir-se no ano de 1985 para a constituição de uma nova Associação, que viria ser a Seção Regional da Associação Nacional dos Veteranos da FEB – ANVFEB-MS. E ainda, vale à pena destacar que essa nova entidade tinha por objetivo em primeiro lugar, construir uma identidade própria para os Veteranos da FEB e realizar uma luta por mais direitos perante o Estado Brasileiro (seja nos níveis Federal, Estadual ou Municipal), e de realizar a promoção, junto à comunidade local do reconhecimento e da preservação da memória dos cidadãos-soldados que estiveram participando da Segunda Guerra Mundial

Entretanto, para atingir estes dois objetivos, pode-se destacar que foram sendo gestados em momentos distintos, pois o primeiro foi na década de 1980, onde se lutava ainda por mais direitos e a consolidação dos benefícios sociais, já realizados a partir da década de 1960 e, a partir da década de 1990, com a aprovação da nova Constituição Federal (1988), a luta focou-se em torno da preservação da memória dos Ex-Combatentes da Segunda Guerra Mundial, o que desembocaria na elaboração de museus e monumentos da FEB e na consolidação de uma identidade específica junto às comunidades militar e civil da sociedade Sul-Mato-Grossense.

Ressaltando que a criação da ANVFEB-MS em Campo Grande foi fruto de uma viagem que os Veteranos da FEB realizaram em 1985 para participarem do “IV Encontro Nacional dos Veteranos da FEB”, na cidade do Rio de Janeiro, sobre esta veio a transcorrer da seguinte maneira:

Neste contexto histórico reunimo-nos em um grupo de 35 veteranos e suas esposas, e ambos alugamos um ônibus da empresa “Seriema” para viajar para o Rio de Janeiro, mais não tínhamos as condições financeiras para realizar este empreendimento, pois o orçamento inicial da viagem ficaria entorno de 3.500 Mil Cruzados. Então pedimos ajuda ao então Prefeito de Campo Grande Juvêncio da Fonseca e também ao Governador do Estado Wilson Barbosa Martins, nisso conseguimos arrecadar um total de 4 Mil Cruzados, sendo que o total de gastos da viagem ficou em torno de 3 Mil Cruzados e Mil

Cruzados que sobrou nós realizamos o custeio de alimentação e hospedagem do grupo na cidade do Rio de Janeiro.⁹⁷

Depois que voltara do Rio de Janeiro transcorreu-se a primeira reunião informal entre os membros que iriam constituir a ANVFEB-MS, conforme relatou o Agostinho Gonçalves da Motta:

Assim, a nossa primeira reunião se deu na Rua 26 de Agosto, pois não tínhamos lugar para nos reunir. Então criamos uma diretoria provisória. Nossa sede é na Rua 13 de Maio, nº 4111, onde funcionava a Associação de Esporte Clube – Da Casa das Indústrias, mas não existia mais nada no local; o então Aziz Salamene, que fez parte da nossa primeira reunião falou para fazermos um “Contrato de Comodato” de 10 anos e aí assumimos o prédio. Era um barracão velho, caindo aos pedaços, tudo arrebitado. Depois de um mês, criamos a diretoria definitiva da Associação, e os membros da Associação elegeram para Presidente José Maravieski e o Aziz Salamene para Vice-Presidente.⁹⁸

Por sua vez, a ANVFEB-MS, teve o seu primeiro encontro oficial entre os seus membros, que ocorreu em 14 de maio de 1985, sob a direção do Veterano José Maravieski, com o objetivo de fundar a Diretoria da Associação dos Veteranos da FEB no Estado, que anos depois iria ter a sua sede definitiva na Rua 13 de maio, nº 11.258⁹⁹, e ainda posteriormente, em 1995¹⁰⁰.

Assim, entre aqueles primeiros Expedicionários que viajaram para o Rio de Janeiro, também participaram desta primeira reunião, em 14 de maio de 1985, em Campo Grande, outros Expedicionários que iriam ser membros da ANVFEB-MS, como podemos destacar os seguintes nomes: João Amâncio de Souza Queiroz (Coronel da Reserva); Alcindo Jardim Chagas; Aziz Salamene; Justimiano Echeverria; Manoel Dutra Martins; Américo Zeolla; Mário Pereira da Silva; Toshio Miyhria; Francisco Barbosa da Silva; Salvador Dias de Souza; José Maravieski (Major da Reserva); Carlos Cardeal da Rocha (Militar aposentado como funcionário pelo extinto Serviço Nacional de Informação - SNI); Moacir Aleixo e Agostinho Gonçalves da Motta, Maciel, Maciel Costa Siqueira, Alírio Velagiere de Castro, Augusto Afonso Costa, Ataliba Ferreira,

⁹⁷ Entrevista realizada com o Veterano da FEB, Senhor Agostinho Gonçalves da Motta, que é o atual presidente da Associação Nacional da FEB – Seção Regional de Mato Grosso do Sul, realizada 10 de julho de 2012 na sede da ANVFEB-MS.

⁹⁸ Entrevista realizada com Presidente da ANVFEB-MS, senhor Agostinho Gonçalves da Motta, em 25 de março de 2011, p. 06.

⁹⁹ Livro Ata: Reunião da Assembléia Geral de Criação da Associação Nacional dos Veteranos da FEB – Seção Regional de Mato Grosso do Sul, 1985, p. 05.

¹⁰⁰ Conforme o Ofício de nº 35, de março de 1998.

Ademir Alves Correia, João Batista Ferreira Filho, Acácio Alves Garcia, Claudio Alves Mera, José Maciel da Rocha, Carlos da Silva, Custódio Rodrigues da Costa, Eduardo Celestino Martins, Francisco Ferreira, Humberte Neder Ijeda Teodoro da Silva, João José Rodrigues da Silva, José Dias Vieira, Marcos Evangelista, José Ota, Cristovão Pereira dos Santos, Roberval Jacob Oliveira, Deomiro Alves, Zulmiro José Araujo, Paulo Katayama, Waldemar Marcelino dos Santos, Sebastião E. Silva, Alaor Fialho, Diomedes de Matos Fonseca, Heli José do Nascimento, Salvador Dodar, Albino Costa Barbosa, Generoso da Costa Benevides, Dinarte Chulapá, Dorileu Dias, Massihosé Heame, Nivaldo Candido Benevides, Iamase Maiore, Aramis Guimarães.

Ambos os veteranos da FEB e conjuntamente as suas referidas esposas e filhos estiveram presentes na reunião entre os primeiros membros da ANVFEB-MS, os quais decidiram eleger uma Diretoria Provisória para a entidade, como foi registrado em Livro Ata - Geral da Associação, como se pode verificar na passagem abaixo:

Aos quatorze dias do mês de maio do ano de mil novecentos e oitenta e cinco, nesta cidade de Campo Grande, Estado de Mato Grosso do Sul, na sede da Seleta – Sociedade de Caridade e Humanitária (SSCH), situada na Rua 26 de Agosto, Nº 270 – Bairro de São Francisco, às vinte horas, reuniram-se os Veteranos da II Segunda Guerra, abaixo assinados, com a finalidade de estudar a criação da Associação Regional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira de âmbito estadual (Regional de Mato Grosso do Sul), nos moldes do regulamento para as Seções Regionais da Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB), regulamento esse calcado no Estatuto daquela Associação Nacional.

A partir daí passou-se à discussão do assunto relativo à criação efetiva da seção regional. Antes o procedimento legal o “Regulamento para a criação do Regimento” os veteranos presentes indicaram, por aclamação, uma Comissão que decidirá os trabalhos para a criação da referida Associação Regional, esse ficou assim constituída:

Presidente: José Maravieski;

Vice-Presidente: Aziz Salamene;

Tesoureiro: Américo Zeola;

Secretário: Justiniano Echeverria;

Relação Pública: Agostinho Gonçalves da Motta;

Ficou deliberado pela unanimidade dos presentes que todos irão aplicar-se à Associação Nacional dos Veteranos da FEB, para depois reunirem-se em Assembléia Geral para a criação da Seção Regional, tudo de acordo com o Estatuto, Regimento Geral daquela Associação e o Regulamento para as Seções Regionais.¹⁰¹

¹⁰¹ Ata completa dessa primeira reunião entre os expedicionários e que encontra em (Documento em Anexo II)

A nova entidade passou a funcionar como elemento de intermediação entre os veteranos da FEB junto às instâncias estatais superiores. A Associação passaria também a atuar de forma decisiva no processo de reinserção social de outros veteranos, utilizando-se, entre outras estratégias, de promoções de cursos técnicos aos afiliados e membros de suas famílias, de realizar encontros e congressos periódicos tratando de questões relativas aos seus direitos de desenvolver diversas atividades em várias comunidades da cidade de Campo Grande, tais como visitas à escolas e a outras instituições culturais para divulgar a memória da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial.

Além de tudo isso, a Associação buscou editar boletins informativos sobre os mais variados assuntos relacionados à entidade e aos seus associados, de organizar homenagens e desfiles cívico-militares (destaque-se nas cerimônias de recebimento de medalhas, condecorações e diplomas para os Ex-Combatentes da FEB) se constituem em momentos de extrema relevância individual ou coletiva, pois através destas premiações, busca-se reconhecer a coragem e do destemor, trazendo consigo a representação da moral do combatente e do grupo em que está inserido¹⁰², além da coleta de fundos para a construção de monumentos comemorativos sobre a FEB no Estado.

Assim, em agosto do ano de 1985, ocorreu nova Assembléia Geral para eleger uma nova e definitiva Diretoria da ANVFEB-MS e com objetivo de aprovar o estatuto, o qual seria permanente para a organização e o funcionamento da entidade, conforme descrito, como e onde ocorreu esta Assembléia:

Foi na cidade de Campo Grande, capital, a qual ocorreu através de uma convocação, que se deu no dia **17 de Agosto de 1985**, na sua sede, localizada no prédio da Rua 13 de Maio, nº 4.101, dirigida pelo então veterano Senhor José Maravieski, que era sócio da ANVFEB¹⁰³, de matrícula de nº 11.258, e fora presidente da comissão organizadora para eleição da Diretoria da ANVFEB- Seção Regional – MS.¹⁰⁴

¹⁰² NASS, Sirlei de Fátima. **Legião Paranaense do Expedicionário: Indagações Sobre a Reintegração Social dos Febianos Paranaenses (1943-1951)**. Curitiba: UFPR, Dissertação de Mestrado em História-Social, 2005, p. 71. A respeito do tema, ver também Oliveira, Denison. **Os Soldados Alemães de Vargas**. Op. Cit., p. 94

¹⁰³ Associação Nacional dos Veteranos da FEB – Sede Nacional no Rio de Janeiro – RJ.

¹⁰⁴ Livro de Atas Gerais que conta esta Assembléia Geral da Associação ocorrida entre os Veteranos da FEB- Seção Regional do Estado de Mato Grosso do Sul, pagina 01. (Documento em Anexo)

Logo após a aprovação do estatuto¹⁰⁵ da Associação da ANVFEB-MS, os “Ex-Combatentes” da FEB presentes em Assembléia elegeram por “aclamação” o Veterano Agostinho Gonçalves da Mota, como Presidente da Sede Regional da ANVFEB – MS, conforme se pode verificar na seguinte passagem do Livro Ata:

Logo após a criação da Associação Nacional da FEB em 1985, realizou a 1º Assembléia Regional da entidade na cidade de Campo Grande do Estado de Mato Grosso do Sul. Sendo realizada esta Assembléia através de uma convocação, que se deu para o dia 17 de Agosto de 1985, na sede regional da ANVFEB-MS, localizada no prédio da Rua 13 de Maio, N 4.101. Esta Assembléia foi presidida pelo então Veterano e Presidente interino José Maravieski, que era o sócio mais antigo da ANVFEB-MS, Matrícula de N 11.258, sendo que o mesmo foi Presidente da Comissão Organizadora da Seção Regional-MS, é que estava sendo dirigida aos Veteranos da FEB, residentes da cidade e outras circunvizinhas do Estado de Mato Grosso do Sul. Como estão os nomes registrados no livro de presença, o Veterano Justiniano Echeverria, matrícula de N 644, foi quem secretariou os trabalhos da presente seção. O Presidente da mesa fez as circunstanciado exposição aos Veteranos da ANVFEB-MS; bem como do pretendido ao ser criado no Estado uma Seção Regional da mesma entidade. Havendo reiniciado os trabalhos no mesmo dia, às 14h30min, o Presidente se fez apresentar ao conhecimento de todo o plenário, que fora apresentada somente uma chapa assim constituída:

Presidente - Veterano Agostinho Gonçalves da Mota matrícula de nº 11.257;

Vice-Presidente – Veterano Alcindo Jardim Chagas;

1º Secretário – Veterano Justiniano Acheverria matrícula de nº 9017;

Diretor Patrimônio – veterano Luiz Gonzaga Ortiz matrícula de nº 11.265;

Diretor de Educação Cívica e Cultural - Veterano Aziz Salamene matrícula de nº 11.269;

Diretor de Promoção Social e Recreativa – Veterano Carlos Cardeal da Rocha matrícula de nº 8.890;

Diretor de Relações Públicas - Veterano Américo Benites matrícula de nº 11.259;

Conselho Fiscal: Membros efetivos Veteranos Toshio Myhaira, matrícula de nº 11.263; Moacir Aleixo matrícula de nº 11.261; Membros Suplentes: Os Veteranos Sebastião Ozias matriculado sob nº 11.270; Igino Alves Machado matrícula de nº 11.272;

Após a nominativa dos diversos companheiros integrantes da chapa apresentada, na forma do preceituado no Art. 2; do Art. 5; do regulamento para seção regional, os veteranos presentes a elegem por “aclamação”. Em seguida, teve uso da palavra o veterano Agostinho Gonçalves da Motta, eleito presidente da regional para, em seu próprio nome e dos demais integrantes da diretoria recém eleita não somente agradecer a acolhida do seu nome, como e principalmente, a todos concitar que se congreguem em torno da fraterna bandeira da FEB, para que assim, unidos, tudo seja feito no sentido de sempre e cada

¹⁰⁵ Estatuto e o Regulamento da Associação da ANVFEB-MS foram aprovados em 17 de Agosto de 1985, através de uma Assembléia Geral da Seção Regional da ANVFEB – MS - Documento em Anexo.

vez mais exaltar os gloriosos feitos de nossa gloriosa FEB e de sua gloriosa e valorosa gente.¹⁰⁶

E assim, a nova diretoria da entidade realizou no cartório do 4º Ofício o “Registro Civil de Pessoa Jurídica” da entidade junto a Comarca de Campo Grande, conforme esta descrita na certidão emitida em 23 de junho de 1986.¹⁰⁷

Nesse momento já havia definido qual seria a sede oficial da Associação, até os dias de hoje, localizada na Rua 13 de maio, nº 4101, Campo Grande, pode-se perceber como ficou o prédio, através da imagem:



Figura 7: Foto tirada da fechada atual da sede da ANVFEB- Secção de Mato Grosso do Sul.
Fonte: Imagem fotográfica do acervo pessoal do autor.

Entretanto, para ocupar esse espaço no centro da cidade, a Associação precisou realizar um “Contrato de Comodato” com a entidade proprietária do imóvel, que era na época “Esporte Clube das Indústrias”, onde foram estabelecidas várias cláusulas de uso e de administração do local pela então Associação da ANVFEB-MS, que foi assinado em 11 de julho de 1985.¹⁰⁸

Mas, para consolidar a sua existência, como nova entidade social dos Veteranos da FEB em Estado de Mato Grosso do Sul, foi preciso realizar um pedido formal à Delegacia Especializada de Ordem Política e Social (DEOSP), em 25 de junho de 1986

¹⁰⁶ Livro de Ata; **Assembléia Geral da Associação Nacional dos Veteranos da FEB – Secção Regional de MS**, 1985, p. 01-02. – (Documento em Anexo).

¹⁰⁷ Documento em Anexo.

¹⁰⁸ Consultar em Documentos em Anexo – 4.

para o funcionamento legal da Associação da ANVFEB- Seção Regional de Campo Grande/MS.¹⁰⁹

Posteriormente à fundação da ANVFEB-MS, já em pleno funcionamento para os veteranos, familiares e comunidade, a Associação acabou conseguindo ser reconhecida como entidade de utilidade pública municipal, através da Lei de Número 2.340, em 10 de setembro de 1986, lei que fora criada na gestão do então Prefeito Juvêncio César da Fonseca.¹¹⁰

Para o completo reconhecimento dessa nova Associação de Veteranos da FEB, então Seção Regional de Mato Grosso do Sul, ainda ficou em falta autorização oficial de funcionamento, algo que foi logo concedido pela Associação Nacional da ANVFEB (Sede localizada no Rio de Janeiro), por isso, realizou-se o pedido formal de autorização do funcionamento da entidade em Campo Grande, e que, tal permissão só veio a sair em 22 de setembro de 1986.¹¹¹

E ainda a ANVFEB-MS conseguiu, através de outra solicitação formal dirigida à Assembléia Legislativa do Estado de Mato Grosso do Sul, ser reconhecida como entidade de utilidade pública estadual, ato que veio a ser publicado no Diário Oficial do dia 04 de julho de 1986.¹¹²

E importante ressaltar que no dia 22 de fevereiro de 1987, foi realizada uma Sessão na sede da ANVFEB-MS para eleger a primeira “Diretoria Feminina”, onde o Presidente Agostinho Gonçalves da Motta se fez apresentar ao conhecimento de todos os membros presente no plenário, que a chapa assim constituída pelos seguintes membros:

Presidente-Honra – Alice Salamene;
Presidente-Executiva – Adalira Chagas;
Vice-Presidente – Orlandina V. da Motta;
1º Secretário – Hermínia V. Aleixo;
1º Tesoureira – Rosa Proença Echeveria;
2º Tesoureira – Brandina Rodrigues da Rocha¹¹³;

Após a nominativa das diversas companheiras integrantes da chapa apresentada, na forma do preceituado no Art. 2; do Art. 5; do regulamento da Seção Regional, os

¹⁰⁹ Consultar em Documentos em Anexo – 5.

¹¹⁰ Consultar em Documentos em Anexo – 6.

¹¹¹ Consultar em Documentos em Anexo – 7.

¹¹² Consultar em Documentos em Anexo – 8.

¹¹³ Ata de Nº 1 – Da Primeira Reunião do Ano de 1987 da ANVFEB-MS

Veteranos e os membros presentes a elegeram por “aclamação” a “Primeira Diretoria Feminina” da ANVFEB-MS.

Contudo, a Associação Nacional dos Veteranos da FEB, desde a sua constituição e consolidação como entidade social, teve por objetivo primordial dar maior apóio social e jurídico aos Expedicionários da FEB e também aos seus familiares, que por ventura tivessem já perdido os seus entes queridos na Segunda Guerra Mundial. Assim, tal entidade, também veio atuar como um meio institucional de intermediação nas reivindicações desses Veteranos da FEB por maiores benefícios e como meio de fiscalização no cumprimento das legislações já pré-existentes no Estado de Mato Grosso do Sul.

Essa luta começou com a constituição de Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, que só veio a ocorrer, logo após a chegada dos Veteranos da Segunda Guerra Mundial no Brasil. Os mesmos foram imediatamente desligados do Exército, sendo que maioria dos cidadãos-soldados já havia recebido a sua baixa do serviço ativo do Exército Brasileiro ainda em território italiano, dias antes de embarcarem de volta para o Brasil.

Isso só ocorreu devido ao fato de que a força política e social que a FEB havia conquistado junto aos Aliados na vitória tão almejada pelos combatentes da Segunda Guerra Mundial, iria agora representar uma ameaça para derrubar o regime do governo autoritário do Estado Novo, que fora constituído por Getúlio Vargas, em 1937, e que já perdurava por mais de oito anos.

Muitos desses veteranos da FEB não tiveram quase nenhum efetivo amparo legal por parte do Estado e do Exército Brasileiro, assim, por iniciativa de alguns cidadãos-soldados, que veio ocorrer à fundação da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil e consequentemente da Associação Nacional dos Veteranos da FEB.

Sendo que estas duas entidades de Ex-Combatentes da Segunda Guerra Mundial buscaram ao longo das últimas décadas, preservar e promover a memória da FEB em vários Estados do Brasil. Um bom exemplo da construção dessa memória específica sobre a participação brasileira no conflito mundial, foi à efetiva participação desses ex-combatentes e veteranos da FEB nas comemorações cívico-militares das principais vitórias da FEB na Itália, ambas sempre promovias pelas Forças Armadas, conforme foi o artigo publicado no dia 21/02/08, no jornal “*Correio do Estado*”, onde o autor da matéria revelou a importância da manutenção dos Veteranos da FEB como um legado as gerações futuras, como retratou no discurso do comandante general Rui Alves Catão:

O discurso realizado na solenidade cívico-militar, onde seis ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira (FEB) lembraram ontem, às 09 horas, no Comando Militar do Oeste (CMO), a tomada de Monte Castelo e Montese, que ocorreu a 63 anos, na Itália. Durante a cerimônia, o general Rui Alves Catão, 62 anos, agradeceu a esses homens a atuação na Segunda Guerra Mundial. “Construindo a grandeza do nosso Exército, sou orgulho pelo que fizeram em nosso país. Este é o nosso Exército, a “esses homens, o nosso muito obrigado”.¹¹⁴

Assim, hoje em dia, ANVFEB-MS tem-se uma maior aceitação diante da comunidade civil e militar do Estado de Mato Grosso do Sul e do Brasil, sendo que a mesma é vista como uma guardiã da preservação da memória da FEB para as gerações posteriores. Com tudo isso, teve-se um dos principais objetivos desta pesquisa, que será despertar entre os familiares e amigos dos Veteranos da FEB e da comunidade em geral uma consciência mais responsável sobre a preservação, não só dos registros materiais bélicos, fotos, documentos e de alguns objetos históricos de valor, que fazem lembrar, como se deu a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, sendo que esses objetos são caracterizados por “lugares de memórias”, que podemos facilmente encontrar expostos em museus e até representados em monumentos históricos espalhados pelo Brasil, mais também da preservação das diversas experiências vivenciadas e adquiridas no conflito através da história oral, para tanto, ainda precisará desenvolver diversas atividades envolvendo a “Educação Patrimonial” nas principais Associações dos Veteranos da FEB.

Mas, também, chamar atenção das autoridades governamentais para a importância da preservação de alguns “espaços de memórias”, lugares estes, que registraram as vivências e experiências positivas e negativas em que passaram os cidadãos-soldado da Segunda Guerra Mundial, como os espaços físicos das Associações da FEB. E ainda, destacar os vários momentos importantes da trajetória do funcionamento dessa entidade e também dos registros de livros de memórias e fontes orais que apresentam riquíssimos detalhes deste processo de reintegração e de convivência social entre os Veteranos da FEB junto ao Estado de Mato Grosso do Sul.

No entanto, é preciso ressaltar que a maioria das Associações da ANVFEB em quase todo o Brasil, possui outras importantes atividades, além de intermediar queixas perante o Estado. As entidades também funcionaram como centros de convivência

¹¹⁴ REZENDE, Vladimir. “Inauguração do Museu da FEB”. Publicado no **Informativo Montese – ANVFEB-MS**, 20/02/2008 - Campo Grande - MS.

social dos veteranos e de suas famílias, onde, por exemplo, proporcionavam-se esclarecimentos sobre os direitos dos afiliados, e inicialmente também realizavam encontros e congressos periódicos, ou então, promoviam visitas às escolas e a outras instituições culturais para realizar a divulgação da memória da participação brasileira durante a Segunda Guerra Mundial.

Assim, pode-se destacar que ANVFEB-MS pode promover dois “Encontros Nacionais dos Veteranos da FEB”. Estes encontros foram desenvolvidos em parceria com o Comando Militar do Oeste – CMO e o 9º Batalhão de Engenharia de Combate, tendo por objetivo, promover a história da FEB e preservar a sua memória, relacionada aos feitos da participação dos soldados brasileiros na Campanha do Brasil no Teatro de Operações do Mediterrâneo.

Isso começou em 1993, quando ocorreu o “VII Encontro Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira”. Esse evento realizou-se entre os dias 12 a 16 de abril entre as cidades de Campo Grande, Aquidauana e Corumbá. Fora nestas localidades que ocorreram as recepções das diversas caravanas de Veteranos da FEB, oriundas de todos os Estados do país.

Entre a programação do evento, prevista para a cidade de Aquidauana, transcorreu a solenidade cívico-militar no quartel do 9º BE Cmb – Carlos Camisão, em comemoração a tomada da cidade de “Montese” na Itália durante a Segunda Guerra Mundial. Esta solenidade ocorreu em 17 de abril de 1993, quando aproximadamente 800 Ex-Combatentes da FEB estiveram participando. E ainda, contou com a presença do Prefeito Municipal José Henrique Gonçalves Trindade, o General Pamplona (Comandante do Comando Militar do Oeste - CMO) e outras autoridades municipais e convidados.

No final da cerimônia de abertura do Encontro Nacional dos Veteranos da FEB, o Prefeito José Henrique, definiu o evento como um “encontro de gerações, um momento de reflexão para os jovens Aquidauanenses no sentido de valorizar e defender sua pátria”. Ainda lamentou as perdas humanas que a FEB teve nos campos de batalha na Itália, principalmente na batalha de Montese, considerada como a mais sangrenta da história da Segunda Guerra Mundial para os soldados brasileiros, sendo que neste local houve a maior perda em número de soldados mortos.

E depois foi a vez do Comandante do CMO, em seu pronunciamento “Fez questão de valorizar a visita dos febianos ao Estado de Mato Grosso do Sul, especialmente ao 9º BE Cmb, que além de ter sido o primeiro Batalhão de Engenharia a entrar em ação na

Itália, tem um passado de glória nas páginas da história do Exército Brasileiro. Essa visita comemorou também o Dia da Engenharia do Exército Brasileiro”.

O então Tenente-Coronel Dorival João Tarallo, comandante do 9º BE Cmb, como anfitrião deste Encontro Nacional em Aquidauana, ao final do dia, ofereceu aos visitantes um churrasco de confraternização com apoio da comunidade civil de Aquidauana. Este momento foi considerado oportuno para a troca de informações e experiências entre duas gerações. O coronel Dorival em sua fala, “destacou o orgulho por estar recepcionando os febianos, cujo trabalho realizado no passado tem norteado parte do desenvolvimento do Exército Brasileiro, servindo como exemplo para esta nova geração de soldados. E ainda ressaltou que em Aquidauana, os Febianos da região sempre colaboram constantemente com o comando do 9º BE Cmb, participando de palestras, encontros e solenidades cívico-militares, e ostentando com orgulho as suas medalhas e condecorações, é um exemplo de amor à pátria”.¹¹⁵

Portanto, os resultados apresentados ao final do evento foram os de que estiveram presentes mais de 992 participantes no “VII Encontro Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira” e que ainda estavam vivos aproximadamente 10 mil Veteranos da FEB em todo o Brasil, e que a maioria das Associações da ANVEB, já foi reconhecida como de utilidade pública Federal, Estadual e Municipal e que através de muita luta junto aos órgãos competentes, conseguiram alguns privilégios para os Febianos. E ainda, segundo estatísticas apresentadas, destacavam que a média de idade dos pracinhas era de 71 anos, sendo registrado de 15 a 20 óbitos por mês em todo o país, gerando uma triste previsão de que em menos de 10 anos, os heróis da FEB seriam lembrados somente através de páginas de livros e fotografias. Pode-se ressaltar que esta previsão não se concluiu, pois atualmente encontra-se ainda um número reduzido de febianos presente em cerimônias cívico-militar.

O segundo encontro dos Febianos realizado em Mato Grosso do Sul, ocorreu em 1993, quando se desenvolveu o “XIV Encontro Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira”, entre os dias 01 a 05 de setembro de 2003, nas cidades de Campo Grande e a Aquidauana. Foi nestas localidades que ocorreram as recepções das diversas caravanas de Veteranos da FEB oriundas de todos os Estados Brasileiros.

¹¹⁵ BARBIERI, Priscila. “VII Encontro Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira”. *Jornal O Pantaneiro*, Aquidauana, 17/04/1993, p. 03 e 04.

Entre os objetivos previstos para este encontro, foi o de lembrar os tempos de batalhas nas trincheiras italianas, homenageando os Ex-Combatentes que já se foram, e de estreitar laços de amizade, camaradagem e principalmente, divulgar a importância da participação do Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. A solenidade de abertura ocorreu no Centro de Convenções Rubens Gil de Camillo, com a presença de 500 Veteranos da FEB, representando 19 delegações de 11 Estados do país.

Neste evento, a convite da ANVFEB-MS, a Fundação Barbosa Rodrigues, através do Projeto CIM (Centro de Imagem e Memória de Mato Grosso do Sul), realizou a distribuição de 500 camisetas, 150 bonés e 500 certificados entre os Veteranos. Dentro da programação do evento, além de brindes, houve a entrega de um Kit do “Projeto Natureza Amiga”, contendo pôsteres dos animais do Pantanal, folders educativos, adesivos e o livreto de lições de história. E também foi apresentado um filme-documentário com o seguinte título, “Os Pracinhas na Segunda Guerra Mundial”, com a duração de 25 minutos.¹¹⁶

No dia 04 de setembro de 2003, ocorreu “Encontro Nacional dos Febianos” no quartel do 9º BE Cmb, na cidade de Aquidauana, onde também houve a comemoração dos 58 anos do fim da Segunda Guerra Mundial. Neste evento, estiveram presentes algumas autoridades civis e militares e membros do Comando do Batalhão de Engenharia de Combate – Carlos Camisão, os quais participaram deste importante momento de rememoração dos feitos dos Ex-Combatentes da FEB na Segunda Guerra Mundial. Alguns participantes do evento podem ser conferidos através da fotografia abaixo:

¹¹⁶ ARRUDA, Daniella. “Os Pracinhas na Segunda Guerra Mundial”. Jornal **Correio do Estado**, Campo Grande, 10/09/2003.



Figura 8: Estavam presentes no evento as seguintes autoridades, da esquerda para direita, 1º Herber Betim (Historiador); 2º Dr. Eduardo Contar (Procurador de Justiça – Ministério Público de Mato Grosso do Sul); 3º Felipe Orro (Prefeito da cidade de Aquidauana); 4º Tenente-Coronel Rubens Alberto Rodrigues Januário (Comandante do 9º BE Cmb); 5º Presidente da Câmara Municipal de Anastácio; 6º Dr. Victor Matisuda; 7º Dona Orlandina Motta (Esposa do Veterano Agostinho da Motta); 8º Sr Agostinho Gonçalves da Motta (Presidente da Associação Nacional dos Veteranos da FEB – Seção Regional) ele está segurando a Giovanna filha do Major Vieira (Comandante da Polícia Exército em Campo Grande) e tendo ao seu lado, a sua esposa Raquel, segurando a sua filha Sara.

Fonte: Acervo histórico do Museu Marechal José Machado Lopes – Aquidauana – MS.

Além de sediar estes Encontros Nacionais no Estado, ANVFEB-MS, também procurou publicar um jornal-informativo, “Montese”, publicou boletins informativos, os veteranos da FEB participavam continuamente de desfiles cívico-militares, realizavam coletas de fundo para construção de monumentos e doavam objetos da guerra para os Museus da FEB, participavam de cerimônias comemorativas das principais batalhas desenvolvidas pela FEB na Segunda Guerra Mundial nos principais quartéis militares do Comando Militar do Oeste, a exemplo, as cerimônias da tomadas de Monte Castelo, Montese, Fornovo, Castel Nuovo, Dia da Vitória, etc.

E ainda alguns membros da ANVFEB-MS chegaram a participar de várias homenagens, aos longos dos últimos 25 anos em Campo Grande, sendo realizadas através do Projeto do Centro de Documentação, Imagem e Memória de Mato Grosso do Sul - CIM, que tinha por gestor a Fundação Barbosa Rodrigues. O Exemplo mais real desse projeto foi homenagem realizada aos Veteranos da FEB em 05 de setembro de 1994, no Centro Cultural José Octávio Guizzo, no centro da cidade de Campo Grande, cujo tema do projeto do CIM apresentado para comunidade local, foi “História de todos

Nós”, que teve por objetivo realizar um resgate histórico que visava explicitar o conceito de “Patrimônio Cultural”, trazendo para atualidade a discussão sobre patrimônio e bem cultural, exposição que foi realizada em parceria com a coordenação do Serviço Social do Comércio - SESC.

Durante a solenidade de abertura do evento, foi apresentado o projeto “Memória Viva”, dirigida por Henedina Hugo Rodrigues e coordenada por Débora Passarelli (da Fundação Barbosa Rodrigues), o qual concedia uma homenagem especial aos pracinhas presentes. Em um clima de muita emoção, os homenageados José Maraviesky, Américo Zeolla e o Presidente da ANVFEB-MS Agostinho Gonçalves da Motta, saíram da platéia e subiram ao palco, cada um portando uma bandeira da FEB. E assim, ambos acabaram assistindo há um vídeo documentário, exibido em um telão, o qual apresentava a fala de alguns dos Veteranos da FEB, lembrando os principais campos de batalhas enfrentados na Europa durante a Segunda Guerra Mundial.¹¹⁷

Entre outras ações que marcaram a história da ANVFEB-MS, houve a criação de Medalhas de honra ao mérito, com a finalidade de reconhecer pessoas ou instituições civis, militares ou eclesiásticas, cujos trabalhos ou ações, tenham ajudado nas atividades da Força Expedicionária Brasileira durante a Segunda Guerra Mundial. E ainda aqueles que tenham prestado em tempos mais recentes, serviços relevantes, por meio de atividades ou contribuições materiais no sentido de promover a memória dos Ex-Combatentes da FEB no Estado, em parceria com ANVFEB-MS e o 9º Batalhão de Engenharia de Combate – Carlos Camisão em Aquidauana.

Para tanto, em 06 de agosto de 2005, reuniram-se na sede da ANVFEB-MS, reuniu-se a sua diretoria, com a finalidade de ouvir o projeto do 1º Sargento Marco Aurélio Nunes Brasil (era Secretário da entidade) e o 1º Sargento Sandro Fabian Francílio Dornelles, sendo que ambos contaram com a pesquisa bibliográfica do homenageado, o historiador José Eber Bentim da Silva (Sócio Especial da entidade) para então criar a “Medalha Marechal Machado Lopes”, que seria uma Medalha destinada a resgatar a memória do Marechal José Machado Lopes, militar que deixou o seu nome marcado na história da Engenharia do Exército brasileiro, fruto da sua ação, enquanto comandante do 9º Batalhão de Engenharia de Combate, que adestrou em Três Rios – RJ e o conduziu à Itália, durante a Segunda Guerra Mundial, acumulou a função

¹¹⁷ BERLAMIA, Patrícia. “Memórias de Mato Grosso do Sul”. Jornal **Correio do Estado**, Campo Grande, 10/11/1994, Ano 41, nº 12.370.

de Chefe do Serviço de Engenharia da FEB. Diante dos fatos apresentados, o Presidente da ANVFEB-MS, Sr Agostinho Gonçalves da Mota, decretou a Portaria de 001 de 06 de agosto de 2005, criando oficialmente a “Medalha Marechal Machado Lopes”.¹¹⁸

Neste mesmo ano, ANVFEB-MS, resolveu criar uma outorga (Medalha) que tivesse a capacidade plena de reconhecer pessoas ou entidades (civil ou militar) cujos trabalhos ou ações mereceram destaque nos serviços prestados, por meio de atividades ou contribuições à ANVFEB-MS. Então a “Medalha do Mérito Força Expedicionária Brasileira”, foi criado em homenagem a todos aqueles Sul-Mato-Grossenses que lutaram na Segunda Guerra Mundial.

Sendo que a referida comenda foi cadastrada com o código 277 no Almanaque do Exército. Entre os idealizadores da Medalha, encontravam-se o Major Áureo Ribeiro Vieira Silva (sócio especial da entidade), o 1º Sargento Marco Aurélio Nunes Brasil (ex-secretário da entidade) e, como colaborador, o 1º Sargento Sandro Fabian Francílio Dornelles.¹¹⁹

E por último, houve em 05 de agosto de 2006, uma Assembléia mensal da ANFVEB-MS, que criou oficialmente uma nova outorga a “Medalha Cruz da Paz dos Veteranos da FEB”. Pode-se considerar que esta Medalha tinha os mesmos objetivos das outras Medalhas. Os seus idealizadores foram o 1º Sargento Marco Aurélio Nunes Brasil (ex-secretário da entidade) e, como colaborador o 1º Sargento Sandro Fabian Francílio Dornelles (era Vice-Presidente da entidade). Esta nova condecoração é alusiva ao sangue derramado pelos pracinhas da FEB em solo italiano durante a Segunda Guerra Mundial, sendo composta por uma cruz pateada branca, com bordadura dourada, carregada com a reprodução estilizada do Monumento ao “Soldado Desconhecido”, representando assim, o sacrifício dos brasileiros que combateram contra o nazi-fascismo. Na base da cruz há um listel, com as cores da bandeira italiana, tendo ao centre a data de 1945, gravada em dourado, referência que alude a libertação da Itália, a sua fita, de gorgorão de sede branca, é cortada verticalmente por uma lista vermelha, seguida, a sua esquerda, por uma lista verde-amarela, conjunto que representa o sangue brasileiro derramado em solo italiano.¹²⁰

¹¹⁸ Sobre os artigos que definiram os parâmetros para fabricação da medalha, consultar Ata de Assembléia Extraordinária 001/05, do dia 06 de agosto de 2005. Documento em Anexo.

¹¹⁹ SILVEIRA, Vanderlei. “Medalha do Mérito Força Expedicionária Brasileira”. **Jornal-Informativo Montese da ANVFEB-MS**, Campo Grande, 2006, p. 04.

¹²⁰ SILVEIRA, Vanderlei. “Medalha Cruz da Paz dos Veteranos da FEB”. **Jornal Informativo Montese da ANVFEB-MS**, Campo Grande, 2006, p. 03.

Assim, levanta-se a hipótese de que a criação dos Museus da FEB nas cidades de Aquidauana, em 1990¹²¹ e de Campo Grande, em 1995¹²², esteve intimamente vinculadas as várias ações que ANVFEB-MS buscou realizar a construção de “Lugares da Memória” e da preservação no Estado. Os Museus da FEB passaram a funcionar como ferramentas fundamentais não só para preservação da memória da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, mas também para a (re)elaboração dessa mesma memória.

Portanto, independentemente das considerações que possam ser feitas a respeito da existência ou não de um planejamento adequado por parte do Estado e da sociedade civil brasileira para recepcionar os Veteranos da FEB, o que se pode observar através dos diferentes registros orais, escritos e da própria historiografia é que:

Tanto para a sociedade quanto para as instituições nacionais, os grupos de combatentes que compuseram a Força Expedicionária tornavam-se um peso para o Estado Brasileiro por sua precariedade, criando um abismo de ressentimento entre os expedicionários que se sentiram desacreditados. Tais sentimentos, somados à falta de credibilidade largamente disseminada entre a sociedade, isso tudo refletiram no pós-guerra, diretamente na memória da FEB e conseqüentemente na reinserção dos expedicionários.¹²³

E acompanhando uma segunda opinião sobre o assunto, a pesquisadora Sirlei Nass, apresenta a seguinte ideia:

[...] a participação brasileira na guerra seguiu uma imagem distorcida dos expedicionários que resultou da própria ação do Estado. Este criou uma barreira entre os ex-combatentes e o povo brasileiro. Não houve uma divulgação para enaltecer a imagem dos febianos e isso foi essencial para que a população esquecesse rapidamente aqueles que representaram a sociedade brasileira em campo de batalha, lutando por ideologias que algumas camadas da sociedade nem acreditavam. Como tudo se processou, tornou-se difícil a consolidação de uma memória identitária e de uma ligação entre a sociedade e os ex-

¹²¹ Trata-se do Museu do 9º Batalhão de Engenharia de Combate - 9º BE Comb, única força militar de Mato Grosso a entrar em combate no front durante a Segunda Guerra Mundial, através da 1ª Companhia do 9º BE Cmb. CRUZ JUNIOR, Raul. **Quebra Canela. A Engenharia Brasileira na Campanha da Itália**. Rio de Janeiro: Ed. Bibliex, 1980, P. 25.

¹²² Instalado, em 1995, no Colégio Militar de Campo Grande, no ano de 2002, por iniciativa do General Gilberto Barbosa de Figueiredo, então Comandante do Comando Militar do Oeste, o Museu da FEB foi transferido para o prédio da 5ª Seção Administrativa da 9ª Divisão Militar, localizado na Avenida Afonso Pena, 2270, onde permanece até hoje. BERLAMIA, Patrícia. “Bravos combatentes preservam sua história”. *Jornal Correio do Estado*, Campo Grande, 05/04/2010.

¹²³ ROSA, Alessandro dos Santos. **A Reintegração dos Ex-Combatentes da Força Expedicionária Brasileira (1946-1988)**. Op. Cit., p. 36.

combatentes no convívio social, logo após o fim da Segunda Guerra Mundial.¹²⁴

Através destas duas passagens podemos afirmar que não houve um apoio efetivo do Estado e da sociedade civil no processo de reintegração social dos Ex-Combatentes do Brasil, entre as décadas de 1950, 1960 e 1970. E diante disso, o que houve em um âmbito regional e nacional após a década de 1980, foi uma maior aproximação do Exército Brasileiro em relação aos Veteranos da FEB, o que levou essa instituição a se tornar, segundo Francisco Ferraz, principal agente no sentido de moldar e preservar a memória daqueles Veteranos da FEB.

Para tanto, no terceiro capítulo será realizada uma análise mais profunda da hipótese levantada deste capítulo, onde terá um panorama das principais ações estabelecidas e desenvolvidas pela entidade da ANVFEB-MS no sentido de promover a constituição do Museu da FEB e da construção de alguns monumentos históricos em homenagem a FEB. Isso tudo só foi possível através das parcerias estabelecidas pela ANVFEB-MS com outras instituições governamentais, como as Câmaras e Prefeituras Municipais de Campo Grande e Aquidauana, e de algumas Unidades Militares (como o Comando Militar do Oeste – CMO, 9ª Região Militar – 9ª RM e o 9º Batalhão de Engenharia de Combate – Carlos Camisão – 9º BE Cmb), além das Fundações Barbosa Rodrigues e Eduardo Contar, ambas as instituições militares e civis participaram, a partir da década de 1990, de um processo de construção e consolidação dos principais “lugares da memória” e da identidade dos Febianos no Estado de Mato Grosso do Sul.

¹²⁴ NASS, Sirlei de Fátima. **Legião Paranaense do Expedicionário: Indagações sobre a Reintegração Social dos Febianos Paranaenses (1943-1951)**. Curitiba: UFPR, Dissertação de Mestrado em História, 2005, p. 71.

Capítulo 3 - A Construção e Preservação do Patrimônio Histórico da Força Expedicionária Brasileira no Estado de Mato Grosso do Sul.

Neste último capítulo, a pesquisa pretende discorrer sobre o processo de construção do patrimônio cultural dos veteranos da FEB no Estado de Mato Grosso do Sul, sendo que em um primeiro momento serão observadas as ações sociais e políticas que levaram à edificação dos Museus da FEB. Em um segundo momento, será analisada a elaboração dos Monumentos sobre a FEB, os quais buscam referendar uma “memória institucionalizada” pelo Exército sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, entre 1944-45. Nesse sentido, faz-se necessário demonstrar e explicar o processo de elaboração e construção desses “Lugares de Memórias”, que a partir da década 1990 passaram a fundamentar uma nova memória dos Veteranos da FEB, dentro e fora da ANVFEB-MS. Para tanto, os Febianos contaram com o apoio institucional do Exército Brasileiro para consolidação dessa memória.

Para dar sustentação à preservação da memória dos Febianos, primeiramente foram criados o Museu da Unidade Militar do 9º BE Cmb – Carlos Camisão, em Aquidauana e o Museu da FEB, em Campo Grande que, enquanto “Lugares de Memória”, passaram a servir como espaços dedicados a relembrar e simbolizar os sentimentos de pertencimento dos veteranos da FEB, através da sua efetiva participação na Segunda Guerra Mundial

Para Pierre Nora, a constituição desses “Lugares de Memória” acabaria afastando a possibilidade de ocorrer o esquecimento dos feitos dos homens no tempo, pois a memória torna-se uma experiência isolada se permanecer dentro dos limites de um determinado grupo social, aumentando ainda, as razões para que se construam “Lugares de Memória”.¹²⁵

No cerne desse movimento para a preservação da memória social de diversos grupos, entre eles os étnico-raciais (indígenas e afrodescendentes), houve a emergência de uma expressão conhecida como “dever de memória”, acrescida da necessidade, em alguns casos, da quase obrigação de lembrar. Desde então, assistiu-se a uma considerável multiplicação de “lugares de memória”: instituições, associações,

¹²⁵ NORA, Pierre. “Entre a Memória e a História. A Problemática dos Lugares”. Tradução de Yara Aunkhoury, **Revista de História do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História da PUC de São Paulo Educ**, nº 10, 1993, p. 21-22.

celebrações, biografias, monumentos, entre outros dispositivos como os definiu Nora¹²⁶. Antes dedicados quase que exclusivamente a preservar e a comemorar a memória de grupos das elites, os “lugares da Memória” passaram a ser disputados também por novos sujeitos políticos e sociais. Assim, ocorreu a criação de novos museus e centros de memória empresariais, a profusão de datas comemorativas, e a exposição e publicações de livros de diversos segmentos da sociedade.

Consequentemente, com a multiplicação desses “lugares de memória”, amplia-se também a heterogeneidade dos discursos que se constroem sobre eles e, sobretudo, a luta por seu controle e pela gestão dos diferentes usos que deles podem ser feitos. Identificar essa polifonia, bem como os sujeitos ou grupos sociais que estão em disputa pelo enquadramento dessas memórias, é tarefa fundamental na investigação dos usos políticos e sociais que o passado pode adquirir em cada presente. Nessa perspectiva, as comemorações ou, como definiu Fernando Catroga, as “ritualizações do passado”, são elementos essenciais, porque são capazes de produzir sentido e unidade ao expressar a relação entre o passado e o presente, no qual as performances ganham forma. Através de gestos, símbolos e práticas, as comemorações presentificam o passado, atribuindo-lhe significados e reconhecimento. Participam, portanto, do conjunto de rituais primordiais para o desenvolvimento das funções sociais da memória, entre as quais se destaca o estímulo aos sentimentos de continuidade e de pertencimento a um determinado grupo social. A despeito disso, tais comemorações não estão isentas de tensões, uma vez que reproduzem, em grande medida, os conflitos de interesses que permeiam a sociedade. Interesses que, na verdade, são tão diversificados quanto à polifonia dos discursos que dão substância as memórias em disputa.¹²⁷

No que se refere à preservação das memórias das entidades civis, militares e particulares, atualmente a sociedade tem dado maior importância para alguns elementos culturais do seu passado, que devem ser preservados e rememorados, a exemplo de objetos, símbolos, nomes, grupos de pessoas e lugares históricos. Já a Academia procurou pensar esses elementos culturais como categorias explicativas e uma determinada construção social de uma coletividade. Portanto, é preciso que sejam

¹²⁶ NORA, Pierre. “Entre a Memória e a História. A Problemática dos Lugares”. Tradução de Yara Aunkhoury, **Revista de História do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História da PUC de São Paulo**: Editora Educ, nº 10, 1993.

¹²⁷ CATROGA, Fernando. “Ritualizações da História”. In: TORRALBA, Luis Reis, MENDES, José Amado e CATROGA, Fernando (Orgs.). **História da história em Portugal, sécs. XIX – XX**. Lisboa: Círculo de Leitores, 1996, p. 547.

explicados, assimilados e relacionados aos aspectos cotidianos das próprias instituições, grupos sociais, entidades civis e militares e da própria vivência do brasileiro diante de várias mudanças na área econômico-social que vêm ocorrendo nas últimas décadas no cenário nacional e mundial.

O esforço visando a construção e a preservação das memórias de veteranos de guerra tem influenciado, em vários países, discussões sobre o processo de sua reintegração social e as consequências sociais e políticas disso. No Brasil, tem estimulado o crescimento de estudos sobre a história militar, em particular pesquisas envolvendo a FEB, além de temas como a dominação cultural norte-americana e a política externa.¹²⁸

Como mencionado, no Mato Grosso do Sul a luta pela preservação da memória dos Veteranos da Segunda Guerra Mundial se materializou por meio da constituição de museus e monumentos da FEB, frutos de um processo de organização e consolidação da Associação Nacional dos Veteranos da FEB no Estado, que nos os últimos anos da década de 1990 desenvolveu ações para realizar uma construção identitária em torno dos seus membros, intrinsecamente relacionada às representações dos Febianos nos museus, monumentos e objetos escolhidos pelo Exército Brasileiro para representar essa identidade histórico-social dos pracinhas na sociedade Sul-Mato-Grossense.¹²⁹

O cenário de desprezo e esquecimento vivido pelos Ex-Combatentes no pós-guerra sofreu mudanças a partir do final da década de 1970, com a “abertura” política, a Lei de Anistia e, posteriormente, com o retorno das práticas democráticas no país materializado, entre outros aspectos, na promulgação da Constituição Federal de 1988, nas eleições diretas para a presidência da República, em 1989, e mesmo no processo de *impeachment* do presidente Fernando Collor, conduzido segundo parâmetros constitucionais. Como não poderia deixar de ser, esse ambiente de mudanças também

¹²⁸ Entre os autores e trabalhos que envolvem tais temáticas destacam-se, entre outros, FERRAZ, Francisco Cesar Alves. **A Guerra Que Não Acabou. A Reintegração Social dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)**. Londrina: Edue1, 2012; BONALUME, Ricardo. **A Nossa Segunda Guerra Mundial: Os brasileiros em combate**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995; MAXIMIANO, Cesar. **Onde estão Nossos Heróis: Uma breve história dos brasileiros na Segunda Grande Guerra**. São Paulo: Ed. Do Autor, 1995; TOTA, A. P. **O Imperialismo Sedutor: A Americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo, Cia das Letras, 2000; ALVES, Vagner Camilo. **Da Itália À Coréia: Decisões sobre ir ou não à guerra**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

¹²⁹ Nesse caso o conceito de Representação, está sendo usado no sentido de explicar que a construção das identidades sociais por meio dos “Lugares da Memória”, é resultante sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição (no caso do Exército), de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma. CHARTIER, Roger. “O Mundo como Representação”. **Revista de Estudos Avançados**, nº 11, 1991.

afetou as Forças Armadas, que no final da década de 1990 passaram por uma reestruturação de comando exemplificada na criação, em 1998, do Ministério da Defesa, sob comando civil.¹³⁰

No que se refere especificamente ao Exército, este procurou readequar, após duas décadas à frente de um regime ditatorial, suas relações institucionais com a sociedade civil, como elucidam a concepção do lema “Exército Brasileiro - Braço Forte, Mão Amiga”, e a idealização do “Dia do Exército” celebrado, a partir de 1994, em 19 de abril, data alusiva à primeira batalha dos Guararapes ocorrida em 1684. Apontado pela chamada “historiografia tradicional” como o momento-chave da expulsão dos holandeses do Nordeste e, simultaneamente, do nascimento da nacionalidade e do Exército Brasileiro, esse evento tem seu aspecto simbólico reforçado pelo “mito das três raças” constitutivas do povo brasileiro – o branco, o negro e o índio - encarnado nas tropas reunidas para a batalha, o que torna Guararapes o exemplo mais recente da tentativa de se atualizar, em um novo contexto histórico, antigas conexões entre o Exército e a nação.¹³¹

Tudo indica que, nesse esforço de promover a efetiva reaproximação em relação à sociedade civil, às Forças Armadas tornou-se fundamental sedimentar uma imagem positiva do papel histórico representado pela FEB em prol da defesa dos valores democráticos durante a Segunda Guerra Mundial, doravante ideologicamente apontada como uma tradição das instituições militares brasileiras desde Guararapes.

Assim, a partir da década de 1990 coube particularmente ao Exército aproximar-se das várias Associações de Ex Combatentes e de Veteranos da Força Expedicionária Brasileira, encetando ações com vistas à consolidação e à preservação da memória dos combatentes brasileiros em solo italiano durante o conflito, o que acabou colaborando para a elevação de sua auto-estima, além de se constituir num elemento a mais para a construção de uma identidade específica dos pracinhas nos meios militar e civil do país. Um exemplo dessas ações foi a criação do painel de retratos homenageando os pracinhas da Associação Nacional de Veteranos da Força Expedicionária Brasileira de Mato Grosso do Sul (ANVFEB-MS). Como descreveu Patrícia Belarmino em artigo publicado no jornal *Correio do Estado*:

¹³⁰ Para maiores detalhes sobre esse processo ver CASTRO, Celso & D'ARAUJO, Maria Celina (Org.). **Militares e Política na Nova República**. Editora FGV, 2001; _____ (Org.). **Democracia e Força Armadas no Cone Sul**. Editora FGV, 2000.

¹³¹ CASTRO, Celso & D'ARAUJO, Maria Celina (Org.). **Militares e Política na Nova República**. Editora FGV, 2001, p. 46.

O painel foi idealizado pelo CMO (Comando Militar do Oeste). A homenagem reúne fotos e nomes de 75 combatentes da 2ª Guerra Mundial. Uma homenagem, mas cheia de significado para os participantes da Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB) – Regional de Mato Grosso do Sul. Inaugurado dia 15 de janeiro de 2011, na sede da Associação, na Rua Treze de Maio o painel reflete a preocupação dos expedicionários em preservar a sua história, que já dura mais de 65 anos. O presidente da Associação Agostinho Mota, 85 anos, não conseguiu disfarçar a emoção de ver um antigo sonho realizado. “Estou muito emocionado de ver o painel pronto. Isso faz parte da história, temos que reviver e lembrar a nossa trajetória”, afirma o expedicionário. O evento contou com a participação de convidados, como o General do CMO, Renato Joaquim Ferrarezi, e de algumas viúvas, filhos e netos dos pracinhas. Para o general “é importante que a população valorize a importância histórica dos expedicionários. É uma oportunidade de ouvir e conhecer a trajetória deles, que foram defender o nosso país e ajudaram a formar o mundo em que vivemos hoje. Muito se deve aos que estiveram nos campos de batalha. O mínimo que podemos fazer é homenagear e cumprimentar seus filhos e netos” ressaltou o general. Cerca de 400 Sul-Mato-Grossenses lutaram na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial. Segundo Mota, hoje só restam 20. “No painel há 75 soldados. O CMO foi o responsável pela restauração das fotos e montagem do painel. É uma ação importante para nós e para as viúvas que ajudam a manter viva a Associação”, frisou o presidente.¹³²

No que diz respeito ao Mato Grosso do Sul, as ações do Exército junto à ANVFEB-MS não se restringiram apenas ao exemplo acima. Ao contrário, estenderam-se à constituição de “lugares da memória” sobre a FEB nas cidades de Aquidauana e Campo Grande.

3.1: Os “Lugares da Memória” sobre a FEB em Aquidauana-MS

Um dos “Lugares de Memória” sobre a participação da FEB na Segunda Guerra Mundial encontra-se no 9º Batalhão de Engenharia de Combate – Carlos Camisão (9º BE Cmb), unidade do Exército Brasileiro sediada na cidade sul-mato-grossense de Aquidauana. Trata-se do Museu Marechal José Machado Lopes. Fundado em 4 de setembro de 1990 como Museu do 9º BE Cmb, única força militar do estado de Mato Grosso do Sul a entrar em combate no *front* italiano durante a Segunda Guerra Mundial através de suas 1ª e 2ª Companhias, seu nome atual é uma homenagem ao comandante do referido batalhão durante as operações de guerra na Europa entre 1944 e 1945.

¹³² BELARMINA, Patrícia. “Painel Presta Homenagem a Veteranos”. **Correio do Estado**, Campo Grande, 15/01/2011, p. C 6.

O 9º BE Cmb foi criado pelo Decreto n.º 4.799, de 06 de outubro de 1942, para “instalação imediata” no Sul do Estado de Mato Grosso. Organizada, em 07 de novembro de 1942, no Quartel do 1º Batalhão de Engenharia do Rio de Janeiro sob o comando inicial do Capitão de Engenharia Francisco de Paula Gonzaga de Oliveira, em 10 de dezembro de 1942 essa Unidade Militar deslocou-se do Rio de Janeiro para a cidade de Aquidauana. Sua importância histórico-militar reside no fato ter sido a primeira tropa militar da Engenharia Brasileira a cumprir uma missão em solo italiano, realizada pelos soldados da 1ª Companhia do 9º BE Cmb. Seu “batismo de fogo” foi registrado pelo General Raul Cruz Lima Junior na seguinte passagem de suas memórias:

Começou o combate. O batismo de fogo das tropas brasileiras se deu em 15 de setembro de 1944, foram três dias de investidas até que os soldados da FEB se sagraram vitoriosos em Camaiore. Daí por diante ocorreram duras jornadas, igualmente vitoriosas, deram aos brasileiros a consagração diante do inimigo. Avançaram a Linha Gótica e tomaram o Monte Prano. Para uma tropa formada às pressas os praças do Brasil surpreendiam não só os inimigos, mas também os Aliados. Desde então, seguiu-se uma sequência de investidas e conquistas de Monte Castello, Castel Nuovo, Montese, Zocca, Colechio e Fornovo. Foram as batalhas mais importantes da FEB que contaram com apoio do 9º BE Cmb. As vitórias sempre vieram acompanhadas de muitos esforços e muitas perdas. No caso da conquista de Monte Castello se destacou a dificuldade de ataque oferecida à tropa brasileira, que atacava de baixo pra cima na elevada região de montanha. Foram quatro investidas sem sucesso. A FEB não contava com apoio aéreo e nem com carros blindados. Depois de três meses os soldados conquistaram a montanha no dia 21 de fevereiro de 1945.¹³³

Para compreender o processo de constituição do Museu Marechal José Machado Lopes é preciso mencionar que, logo após o retorno da FEB da Campanha da Itália, o Aviso Ministerial de nº 217-185, de 06 de julho de 1945, deu início à desmobilização de seus efetivos, dando origem à reorganização de algumas Unidades Militares conforme a nova realidade do pós-guerra. Nesse contexto, o 9º BE Cmb foi reduzido a apenas uma Companhia de Sapadores, procedimento que, segundo seu Comandante Expedicionário Cel. José Machado Lopes, se justificava como “medida de economia, pondo à margem a tradição”¹³⁴. Coube a ele, também, a primeira referência a respeito de ações que interessassem à conservação dos documentos e objetos produzidos ou de posse dessa unidade:

¹³³ LIMA JÚNIOR, Rauz da Cruz. **Quebra Canela. A Engenharia Brasileira na Campanha da Itália.** Rio de Janeiro: Ed. Bibliex, 1980, p. 25.

¹³⁴ LOPES, José Machado. **9º Batalhão de Engenharia de Combate na Campanha da Itália.** Rio de Janeiro: 2ª Ed., publicação pelo próprio autor, 1985, p.141.

Com a chegada ao Brasil e a ordem de desincorporar imediatamente os convocados, de reduzir o seu efetivo a uma simples Companhia, e recolher-se com urgência ao seu quartel em Aquidauana, no Estado de Mato Grosso, portanto, resolvi conservar comigo o arquivo que fatalmente se perderia nesta atribulada e confusa fase que passou o nosso sacrificado Batalhão. [...] mutilado, extinto, reintegrado como Companhia, finalmente restabelecido em toda sua plenitude em 1962, era justo que fosse a ele entregue o seu arquivo de guerra, para guardar como verdadeira relíquia. O ofício do chefe do Estado Maior do Exército acusa o recebimento de quatro volumes encadernados que historiam a vida do 9º BE Cmb, na Campanha da Itália, e que por solicitação deviam ser a ele entregues.¹³⁵

Durante anos esse acervo permaneceu abandonado em uma pequena sala do prédio do Comando daquela Unidade Militar. Isso ficou registrado pelo General Emílio Garrastazu Médici, então Comandante da 4ª Divisão de Cavalaria do II Exército, que em carta enviada, em 23 de abril de 1962, ao Marechal José Machado Lopes, à época Comandante do III Exército sediado no Rio Grande do Sul, solicitou a este ajuda financeira de Cr\$ 500.000,00 para a organização daquele acervo, com o qual entrara em contato durante recente visita realizada ao 9º BE Cmb. De acordo com o General Médici:

Encontrei em um canto de uma sala um amontoado de alguns volumes de caixas, e aí perguntei de que se tratava. Por incrível que pareça, General José Machado Lopes, era o arquivo da FEB – “mais um trambolho para a Unidade” – segundo a opinião de seu comandante. Energicamente determinei ao jovem e inexperiente oficial, que reconsiderasse a sua inexata e impatriótica opinião, pois aquele amontoado de papéis velhos deveria constituir um glorioso orgulho para a Unidade. Ao despedir-me, determinei que fosse posto em ordem o arquivo e orçada a sua encadernação e armários para a sua guarda. Hoje já tenho o resultado desse trabalho. Serão necessários Cr\$ 500.000,00 e, no sentido de obtê-los é que me dirijo ao ilustre chefe. [...] Lembrei-me que meu ilustre chefe, hoje na alta direção do Exército oriundo da Arma de Engenharia e também integrante da gloriosa FEB, onde teve a honra de comandar o 9º BE Cmb, poderia mais uma vez fazer algo por essa Unidade, auxiliando este Comando no afã de recuperá-la de administrações nefastas e irresponsáveis, restituindo-lhe o orgulho de ser o repositório de uma de nossas mais caras tradições militares.¹³⁶

¹³⁵ LOPES, José Machado. **9º Batalhão de Engenharia de Combate na Campanha da Itália**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Publicação do Autor, 1985, pp. 146-153. O ofício a que se refere José Machado Lopes foi assinado pelo General Castelo Branco, primeiro Presidente da República após o regime militar instaurado em 1964, à época Chefe do Estado Maior do Exército.

¹³⁶ Carta dirigida ao Comandante Militar do III Exército, General José Machado Lopes, pelo Comandante da 4ª Divisão de Cavalaria da 9ª Região Militar do II Exército, General Emílio Garrastazu Médici, em 23 de abril de 1962. O documento original pode se encontrado no Anexo 10.

O interesse e os esforços do Marechal José Machado Lopes em preservar a memória do 9º BE Cmb na Segunda Guerra Mundial não foram em vão. Em 4 de setembro de 1990 foi criado o museu que atualmente leva o seu nome, o qual passou a integrar o Espaço Cultural do 9º BE Cmb regulamentado junto ao Exército em 2008.

Na solenidade de inauguração, além de uma homenagem especial alusiva à participação do 9º BE Cmb na Segunda Guerra Mundial, foi homenageada Dona Armandina Machado Lopes, esposa do Marechal José Machado Lopes, falecido pouco antes, em 18 de março de 1990. Devido à idade avançada, Dona Armandina não pôde comparecer à solenidade, sendo representada na cerimônia de descerramento da placa inaugural pelo Cabo Reformado Alírio Verlangiere de Castro, ex-combatente do 9º BE Cmb e o mais antigo dos comandados do então Coronel José Machado Lopes, no Teatro de Operações do Mediterrâneo. (figura 9)



Figura 9: Momento em que o Veterano do 9º BE Cmb, Sr Allyrio Verlangiere de Castro (à esquerda), membro do 6º Pelotão da 2ª Companhia de Engenharia de Combate na tomada de Motese, realiza a inauguração oficial do Museu Marechal José Machado Lopes, em 04 de setembro de 1990.

Fonte: Acervo histórico do Museu Marechal José Machado Lopes – Aquidauana – MS.

Desde então, o Museu Marechal José Machado Lopes tomou para a si a responsabilidade da guarda e preservação de um variado acervo de documentos e objetos, entre os quais os já existentes no 9º BE Cmb e aqueles que viriam a ser doados por outras Unidades do Exército Brasileiro e congêneres estrangeiros, bem como por cidadãos interessados em manter viva a memória da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, a exemplo dos próprios ex-combatentes da FEB, seus familiares e

esposas. Mostra marcante disso é que, após a inauguração do Museu, Dona Armandina Machado Lopes doou, para serem expostos pela instituição, armas, objetos de guerra, insígnias e condecorações do Marechal José Machado Lopes, as quais estão acondicionadas numa caixa de madeira entalhada e envernizada, cujo tampo traz o lendário Castelo da Engenharia, símbolo máximo da Engenharia de Combate. (figura 10)



Figura 10: No lado esquerdo o símbolo da Arma de Engenharia do Exército Brasileiro (O Castelo de Engenharia talhado em Madeira), no lado direito, as condecorações militares que o Marechal José Machado Lopes recebeu durante a Campanha Brasileira na Segunda Guerra Mundial.

Fonte: Acervo histórico do Museu Marechal José Machado Lopes – Aquidauana – MS.

Ao longo do tempo notou-se a falta de um dos grandes troféus conquistados pelo Batalhão de Engenharia durante a Segunda Guerra Mundial: a “Bandeira Nazista”, capturada com os alemães da 148ª Divisão de Infantaria, aprisionados na região de Colecchio no norte da Itália, considerada pelos militares de Engenharia o último e talvez o mais importante troféu de guerra das armas brasileiras durante a Campanha da Itália. O processo de conquista do objeto, bem como o seu detalhamento, vem descrito no documento abaixo:

FEB – 1ª DIE – 9º BTL DE ENGENHARIA – REALIZOU O ACONTONAMENTO EM FRANCOLISE, ITÁLIA, 3 DE JULHO DE 1945 – BOLETIM INTERNO Nº 155 [. . .] 3ª PARTE – ASSUNTOS GERAIS E ADMINISTRATIVOS: - VII – APREENSÃO DE BANDEIRA ALEMÃ – Transcrição de Parte – Carga – Transcreve-se abaixo, a parte s/nº, de 28-06-45, do Capitão Comandante da 2ª Cia de Engenharia, em comunicação com o Coronel José Machado Lopes (Comandante do 9º BE Cmb) passou as seguintes informações. "I – Remeto-vos em anexo, uma bandeira alemã militar, apreendida no dia 30 de maio de 1945, quando esta Cia,

em cumprimento a ordem superior, deslocando-se na véspera para a região de Colecchio, efetuava a recepção e guarda de prisioneiros alemães da 148ª D.I.II - Foi encontrada às 10 horas do dia 30 de maio de 1945, na região da Ponte de Scodogna, pelo 2º Sargento Expedicionário Abreu Pereira do 6º Pelotão da 2ª Cia\9º BE Cmb, o Comandante da Companhia determinou que a mesma deveria ser conservada como troféu de Guerra no gabinete de Comando do 9º Batalhão de Engenharia, sendo que a Bandeira Nazista foi apreendida numa viatura inimiga que se dirigia para o campo de concentração, vinda da região de Fornovo, após a rendição das tropas alemães". Em consequência, seja a referida bandeira (de 1,50 x 2,50) incluída na carga deste Batalhão, devendo ser conservada como troféu de guerra no Gabinete do Comando.

(a) JOSÉ MACHADO LOPES, Cel. Comandante do 9º BE Cmb.¹³⁷

Até o ano de 2008, esse estandarte nazista encontrava-se exposto no Museu da Legião Paranaense do Expedicionário em Curitiba, no Estado do Paraná, um dos principais espaços culturais de conservação das memórias e do acervo da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária / Força Expedicionária Brasileira (1ª DIE/FEB). A informação de que a Bandeira Nazista estava exposta na Casa do Expedicionário no Paraná provocou o questionamento do porquê a mesma não se encontrava no Museu do 9º BE Cmb e o motivo pelo qual a referida bandeira teria sido doada ao Museu de Curitiba.

Após reivindicações realizadas pelo Comando Militar do Oeste, representado na figura do General de Exército José Carlos Denarti, em 27/04/2008 o Museu da Legião Paranaense dos Expedicionários resolveu realizar essa importante doação ao 9º BE Cmb. A rigor essa transferência já havia sido aprovada pelo Boletim Interno nº 155, de 03 de agosto de 2005.¹³⁸

Assim, na manhã de segunda feira, do dia 28 de Abril, o 9º BE Cmb transformou-se em palco de um importante evento cultural e social para a Unidade Militar de Aquidauana, no qual Ex-Combatentes da FEB, juntamente com a corporação do referido Batalhão, recebeu a Bandeira Nazista capturada pela Força Expedicionária Brasileira durante a Segunda Guerra Mundial, na Itália.

Entre as autoridades presentes no evento estavam o Prefeito do Município de Anastácio, Cláudio Valeiro, o Comandante da Polícia Militar de Aquidauana, Tenente Coronel. Judice, o Comandante do Corpo de Bombeiros de Aquidauana, Capitão Rampazo, o Comandante Militar do Oeste, General de Exército Rui Alves Catão, que

¹³⁷ Apud CARNEIRO, David. **Troféus na História do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Bibliex, 1961, pp.148-149.

¹³⁸ OLIVEIRA, Dennison (Org.). **Guia do Museu do Expedicionário – MEXP**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011, p. 24.

presidiu a solenidade recepcionando o Comandante do Exército General Enzo Martins Peri; e Benur Augusto Muniz, Presidente da Legião Paranaense, que conduziu a Bandeira Nazista de Curitiba até Aquidauana, entregando-a para o Comandante do 9º BE Cmb, Tenente Coronel. Abílio Sizino de Lima Filho.

Em uma rápida e sincronizada cerimônia, as Companhias do Batalhão Carlos Camisão desfilaram para as autoridades, entoaram o Hino Nacional e, juntamente com os demais convidados militares e civis, acompanharam a entrega oficial da Bandeira Nazista, que adentrou ao pátio central do quartel em uma caixa carregada pelo soldado Delvale. Por fim, o General de Exército Rui Alves Catão lembrou momentos históricos da participação do Brasil junto às Forças Aliadas em defesa da democracia dos povos no globo, enfatizando: “É uma especial satisfação realizar visita ao 9º BE Cmb e é merecida a estadia da Bandeira neste Museu, uma vez que foi capturada pelo combatente Sargento Meroveu, deste referido Batalhão”.¹³⁹

Logo após a solenidade, civis e militares dirigiram-se ao Museu Marechal José Machado Lopes, instalado na entrada do 9º BE Cmb, onde já podia ser observada, integrada ao acervo, a Bandeira Nazista (figura 11).



Figura 11: Formatura de recebimento da Bandeira Nazista, em 28 de abril de 2008, com a presença dos Veteranos da FEB. Da esquerda para direita, Moacir Aleixo, Guilhermina, esposa

¹³⁹ BARBIERI, Priscila. “Bandeira Nazista conquistada na 2ª Guerra Mundial agora no Museu do 9º BE Cmb”. *O Pantaneiro*, Aquidauana- MS, 29/04/2008.

do veterano, Carlos Cardeal Rocha, Orlândina da Motta, esposa do veterano, Agostinho Gonçalves da Motta, Américo Zeolla, Mário Pereira e Salvador Dias de Souza.

Fonte: Priscila Barbiéri. **O Pantaneiro**, Aquiduaana, 29/04/ 2009.

Nunca é demais destacar, que o mencionado Museu da Legião dos Expedicionários Paranaense também possui um espaço dedicado ao Marechal José Machado Lopes, onde o visitante pode entrar em contato com sua trajetória civil e militar, com uma descrição das suas inúmeras condecorações militares, armas e insígnias, além de um caderno de anotações de ordens de comando, relacionadas às ações de guerra do Batalhão Engenharia. Assim, fica-se sabendo, por exemplo, que após o conflito José Machado Lopes tornou-se comandante do III Exército, com base em Porto Alegre, participou da Campanha da Legalidade, em 1961, além de ter sido presidente da Legião Paranaense do Expedicionário entre os anos de 1948 e 1950.¹⁴⁰

Atualmente o Museu José Machado Lopes possui um variado acervo referente, sobretudo, à participação do 9º BE Cmb na Segunda Guerra Mundial. Reunido ao longo de décadas, os elementos que compõem esse acervo foram catalogados segundo critérios estabelecidos pelo *Manual de Orientação para Preservação e Difusão do Acervo do Exército Brasileiro*, publicado em 1998 pela Diretoria de Assuntos Culturais do Exército Brasileiro (DAC)¹⁴¹, em concordância com as determinações do Conselho Internacional de Museus (ICOM), entidade que define Museu como a “instituição permanente, sem fins lucrativos, aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa e expõe coleções de objetos em caráter cultural ou científico para fins de estudo, educação e entretenimento”.¹⁴²

Dentre as várias orientações a respeito dos procedimentos necessários para a consecução dos objetivos de controlar e preservar documentos e objetos expostos ou depositados na reserva técnica, destacam-se:

- a) Registro – É a atribuição de um número permanente ao objeto, por ocasião de sua entrada no museu, fruto de uma obtenção;
 - 1º) O registro se faz através do preenchimento de uma ficha de entrada ou um livro de capa dura.

¹⁴⁰ OLIVEIRA, Dennison (Org.). **Guia do Museu do Expedicionário – MEXP**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011, p. 76.

¹⁴¹ MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. Secretária-Geral do Exército. Diretoria de Assuntos Culturais - DAC. **Orientação para Preservação e Difusão do Acervo do Exército Brasileiro**. 2º Ed. Rio de Janeiro: EGGCF, 1998, p. 4-5.

¹⁴² **Manual de Orientação Museológica e Museografia**, 2º Edição, São Paulo: Secretaria de Estado de Cultura do Estado de São Paulo, 1987, p. 5.

- b) Numeração – Existem vários sistemas, cabendo a cada museu a escolha do mais adequado às necessidades. O mais simples é o sequencial, a partir do número 1, com 5 dígitos. Exemplo: Objeto nº 00045;
- c) Catalogação – As fichas de catalogação contêm informações sobre cada objeto da coleção do museu. Podem ser implantadas em computador, devendo uma via ser enviada à DAC;
- 1º) Além de realizar a catalogação dos objetos, sempre que possível, recomenda-se serem fotografados com seu número de registro;
- d) Arquivo Documental – Cada objeto do acervo deve ter uma pasta, contendo todas as informações sobre o mesmo (Compondo assim um dossiê do objeto).

O espaço do Museu do 9º BE Cmb está estruturado com duas salas. A primeira, correspondente à sala de exposição principal, mede em torno de 40,8 m². A segunda, medindo aproximadamente 26,5 m², expõe o acervo do 9º BE Cmb (figura 12).



Figura 12: Expositores do acervo histórico do Museu do 9º BE Cmb – em 2013.

Fonte: Acervo histórico do Museu Marechal José Machado Lopes – Aquidauana – MS.

Nesses espaços encontram-se duas mesas usadas como plataformas para exposição de material, ambas obedecendo aos critérios museológicos estabelecidos pela DAC. Como informado, a primeira sala é destinada à exposição do acervo histórico da Segunda Guerra Mundial e a segunda ao acervo do 9º Batalhão de Engenharia, de origem comum ou ordinária, como álbuns de fotografias do dia a dia ou de fatos marcantes (formaturas, visitas, missões, etc.) da vida institucional dessa Unidade

Militar, além de documentos sobre os Febianos, como endereços atualizados e outros. Ainda compõem o acervo dessa sala condecorações e quadros, destacando-se entre estes últimos dois quadros emoldurados em vidro contendo, o primeiro, uma foto em preto e branco do prédio e do pátio central do comando do então 6º BE de Aquidauana, onde hoje se localiza a sede do 9º BE Cmb, tirada em 1923 pelo Exército Brasileiro (figura 13).



Figura 13: Vista panorâmica das instalações do 9º BE Cmb.

Fonte: Acervo histórico do Museu Marechal José Machado Lopes – Aquidauana – MS.

O segundo quadro corresponde a uma foto da tropa do 9º BE Cmb, provavelmente tirada entre 13 de fevereiro 1943 a 12 de abril de 1944, período em que o Batalhão de Engenharia encontrava-se sob o Comando do Tenente-Coronel Silvestre Viana, antecessor do Coronel José Machado Lopes, Comandante da Engenharia Expedicionária na Campanha da Itália entre 1944 e 1945. Observa-se que, no canto alto à esquerda, encontra-se a relação de todos os membros do Batalhão em formação no momento da foto (figura 14).¹⁴³

¹⁴³ O corte na relação de nomes presente na figura é correspondente ao original da foto.

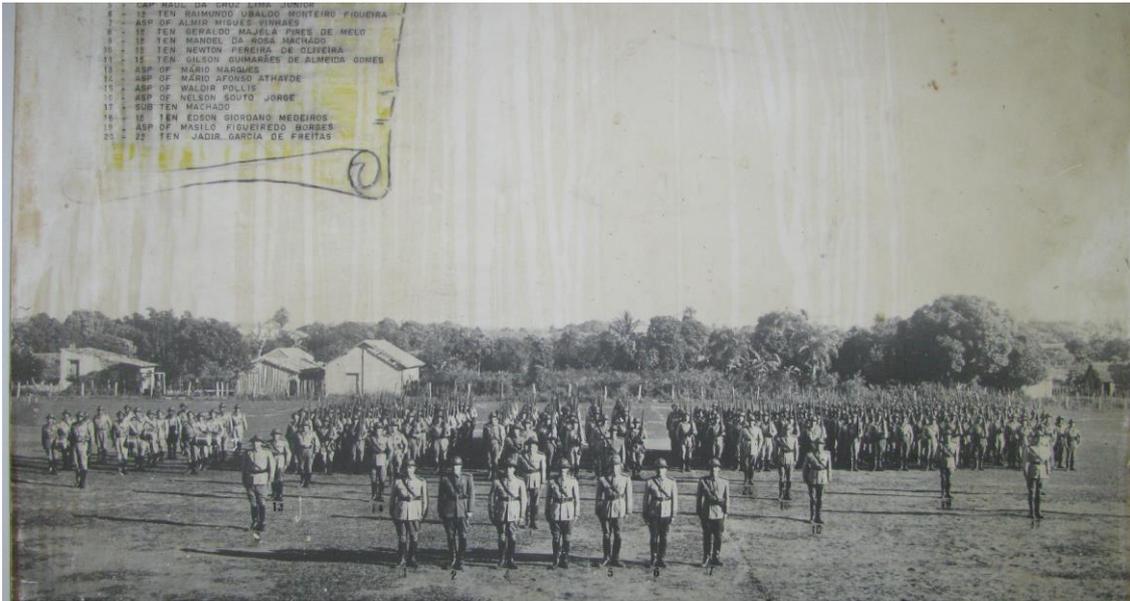


Figura 14: Formatura militar do 9º BE Cmb. De frente para trás e da esquerda para direita, Tenente-Coronel Silvestre Vianna; Major Luiz Figueiredo Lopes; Capitão Francisco de Paula Junior; Capitão Raul da Cruz da Lima Junior (Comandante da 2ª Cia); 1º Tenente Raimundo Ubaldo Monteiro Figueira; Aspirante a Oficial Almir Miguez Vinhaes; 1º Tenente Geraldo Majela Pires de Melo; 1º Tenente Manoel da Rosa Machado; 1º Tenente Newton Pereira de Oliveira; 1º Tenente Gilson Guimarães de Almeida Gomes; Aspirante a Oficial Mário Marques; Aspirante a Oficial Mário Afonso Athaide; Aspirante a Oficial Waldir Pollis; Aspirante a Oficial Nelson Souto Jorge; Sub-Tenente Machado; 1º Tenente Edson Giordano Medeiros; Aspirante a Oficial Masilo Figueiredo Borges e o 2º Tenente Jadir Garcia de Freitas.

Fonte: Acervo histórico do Museu Marechal José Machado Lopes – Aquidauana – MS.

Os materiais expostos na sala principal do Museu Marechal José Machado Lopes são diversos, englobando, entre outros, várias fotos da guerra, medalhas, materiais topográficos, materiais de primeiros socorros, documentos de identificação utilizados pelos soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial. Como mencionado, o museu segue os critérios museológicos de exposição, havendo controle de catalogação do que existe em cada bancada, contam com proteções de vidro para coibir a ação de pessoas que, inadvertidamente, queiram levar uma peça como *souvenir*.

Assim, a primeira sala é a mais rica em termos de guarda de documentos sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, cujas datas de confecção variam de 65 a 70 anos. Portanto, o aspecto de envelhecimento de algumas peças expostas pode ter como explicação, além de outras variantes, a temperatura, fora das especificações recomendadas pela Diretoria de Assuntos Culturais do Exército Brasileiro, ou seja, 24º C, ou ainda a variação na percentagem de umidade relativa do ar, provocada pela quantidade excessiva de calor, que é um fenômeno típico da região.

O Museu possui ainda, em uma área externa, dois equipamentos de engenharia, os quais foram usados durante a Segunda Guerra Mundial. Os mesmos ficam expostos a céu aberto, no pátio chamado de Alameda do Pracinha José Lubas.

O primeiro equipamento corresponde a um compressor de ar de cor amarela, marca Ingersoll-Rand, de fabricação norte-americana, primeira peça de Engenharia incorporada ao Exército Brasileiro na preparação para a Segunda Guerra Mundial. A referida peça foi recebida como uma novidade para a Engenharia Brasileira na década de 1940, havendo inclusive dificuldades para recrutar e formar operadores de marteletes pneumáticos, um dos diversos usos desse equipamento durante a Guerra (figura 15).



Figura 15: Peça da Engenharia de Combate do 9º BE Cmb.

Fonte: Acervo histórico do Museu Marechal José Machado Lopes – Aquidauana – MS.

A segunda peça é uma Motoniveladora, marca Caterpillar, fabricada nos EUA em 1919, de cor amarela, utilizada na Segunda Guerra Mundial para terraplanar terrenos e para a construção de pontes. (figura 16)



Figura 16: Esta peça se encontra exposta a céu aberto, na Alameda Pracinha José Lubas, e faz parte do acervo histórico do 9º BE Cmb.

Fonte: Acervo histórico do Museu Marechal José Machado Lopes – Aquidauana – MS.

Ambos os equipamentos de Engenharia expostos sofrem problemas com as intempéries do clima, pois ficam a céu aberto e acabam por não receber a adequada manutenção. Assim, por se tratar de material construído em ferro, apresentam alguns pequenos pontos de ferrugem, mas com a possibilidade de danos maiores, dada a situação severa de exposição ao tempo. Podendo, por tais motivos, sofrer daqui a algum tempo, a destruição das placas de identificação do material ou a destruição de algumas peças da carcaça.

3.2 – Os Monumentos Históricos do 9º Batalhão Engenharia de Combate - Carlos Camisão

Entre os primeiros monumentos construídos dentro do 9º BE Cmb, há uma pequena igreja, edificada em 1979, durante o comando do Coronel de Engenharia Sá Peixoto e pelo então Major Expedicionário Monsenhor Nilo Kollet, religioso convidado para as comemorações do aniversário do Batalhão. O interior da igreja guarda a imagem de Santa Terezinha do Menino Jesus, que acompanhou o 9º BE Cmb durante toda a Campanha Expedicionária em território italiano (figura 17).

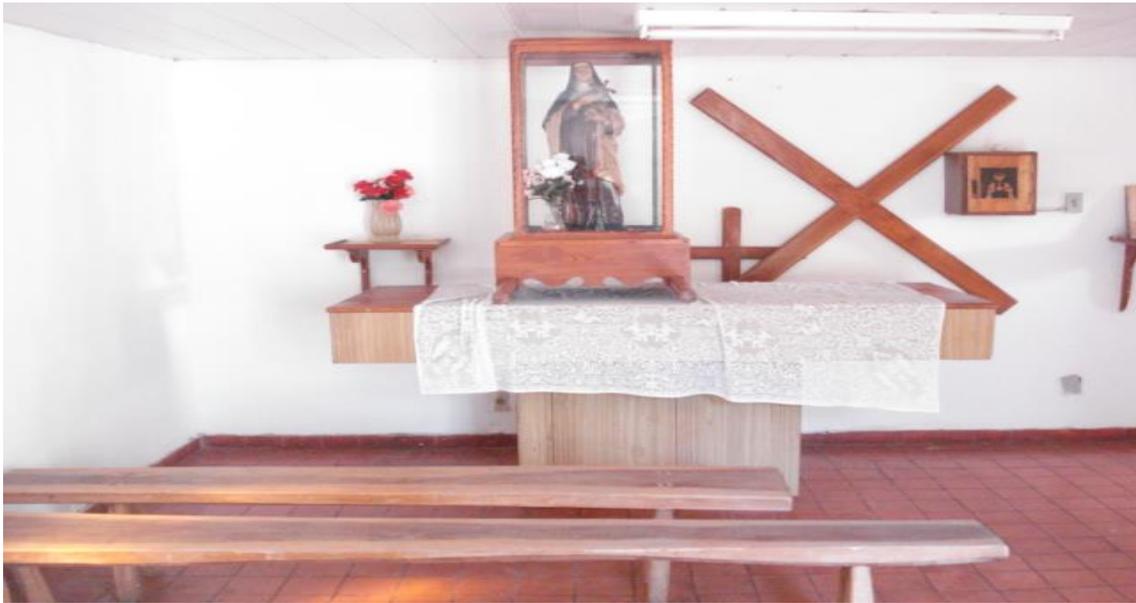


Figura 17: Imagem de Santa Terezinha do Menino Jesus, foi utilizada pelo Capelão Monsenhor Nilo Kollet, durante Campanha da Itália – 1944-1945.

Fonte: Acervo histórico do Museu Marechal José Machado Lopes – Aquidauana – MS.

Em dezembro de 2000, o prédio recebeu uma reforma no telhado, realizado pela 2ª Companhia de Engenharia de Combate, tratamento contra cupim no madeiramento e pintura nova nas paredes nas cores azul e branca. Apresentando, portanto, no momento, ótimo estado de conservação (figura 18).



Figura 18: Igreja de Santa Terezinha do Menino Jesus, localizado do lado esquerdo da entrada principal do prédio do Comando do quartel do 9º Batalhão de Engenharia de Combate em Aquidauana.

Fonte: Acervo histórico do Museu Marechal José Machado Lopes – Aquidauana – MS.

Pode-se considerar como patrimônio histórico do 9º BE Cmb, mais quatro monumentos construídos em homenagem aos febianos. O primeiro deles é o

monumento com um “Fuzil Mauser” e um capacete de aço fixado na coronha desse armamento usado na campanha da Itália, representando uma homenagem aos que tombaram na Segunda Guerra Mundial. Abaixo do fuzil há uma placa indicando o nome de todos os “ponteiros” do 9º BE Cmb (como eram chamados os soldados da Engenharia que, no *front* de combate, limpavam os terrenos das minas antipessoal e antitanque para a passagem das tropas da Infantaria) que pereceram na guerra (figura 19).



Figura 19: Monumento fica localizado no pátio interno do 9º BE Cmb, conhecido oficialmente como a Praça Capitão Líbio King.

Fonte: Acervo histórico do Museu Marechal José Machado Lopes – Aquidauana – MS.

Na parte superior da placa de bronze, encontra-se a seguinte inscrição: “Homenagem aos Heróis mortos na Segunda Guerra Mundial”. Abaixo, os nomes dos soldados do 9º BE Cmb que morreram na Itália, bem como a data de sua morte:

- 1º - Soldado Waldemar Marcelino dos Santos – 21 de novembro de 1944;
- 2º - Soldado José Januário da Costa – 26 de novembro de 1944;
- 3º - Soldado Manoel de Souza – 17 de dezembro de 1944;
- 4º - Soldado José Garcia Lopes Filho - 17 de dezembro de 1944;
- 5º - Soldado Otacílio de Souza – 05 de janeiro de 1945;
- 6º - Segundo Sargento Osvaldino Mendes Rocha – 12 de janeiro de 1945;
- 7º - Soldado Joaquim Pires Lobo – 21 de janeiro de 1945;
- 8º - Terceiro Sargento Luiz Ribeiro Pires – 22 de janeiro de 1945;
- 9º - Cabo Harry Hadlick – 02 de fevereiro de 1945.

O terceiro monumento corresponde a uma pedra em que está fixada uma placa oferecida pela Associação Nacional dos Veteranos da FEB – Seção Regional do Estado de Mato Grosso do Sul, contendo ainda uma inscrição com o símbolo da FEB (a Cobra Fumando), e outra demarcando o tempo decorrido até então do fim da Segunda Guerra Mundial (figura 20).



Figura 20: Monumento comemorativo dos “50 anos da Participação do 9º BE Cmb na Segunda Guerra Mundial”, inaugurado em 06/09/1999 pelo Veterano da FEB Agostinho Gonçalves da Motta (Presidente da Associação Nacional dos Veteranos da FEB- Seção Regional do Estado de Mato Grosso do Sul).

Fonte: Acervo histórico da ANVFEB-MS – Campo Grande – MS.

O quarto monumento, localizado no interior do quartel do 9º BE Cmb, é conhecido como “Monumento aos Heróis Brasileiros do 9º Batalhão de Engenharia” e foi inaugurado em 20 de agosto de 2002 (figura 21)



Figura 21: Foto frontal do Monumento em homenagem à participação dos soldados do 9º BE Cmb na Segunda Guerra Mundial, inaugurado em 20 de agosto de 2002.

Fonte: Acervo do autor.

Sua construção foi fruto de uma parceria entre as seguintes instituições: Fundação Eduardo Contar, Prefeitura Municipal de Aquidauana (representada pelo Prefeito Luiz Felipe Orro), Associação Nacional dos Veteranos da FEB – Seção Regional de Mato Grosso do Sul – ANVFEB-MS (representada na pessoa de seu Presidente, Agostinho Gonçalves da Motta) e do Exército Brasileiro, por intermédio do Comando Militar do Oeste – 9ª Divisão do Exército. A competência da construção do monumento foi delegada ao Comandante do 9º BE Cmb, Tenente-Coronel Rubens Alberto Rodrigues Januário. O papel de cada parte na execução do projeto foi regulado por Termo de Convênio, elaborado a partir de um conjunto de Leis, Decretos e Portarias de âmbito federal, em vigor desde 1986.¹⁴⁴

O Sr Carlos Eduardo Contar, então Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso do Sul e Presidente da Fundação Eduardo Contar, ficou responsável pela elaboração do projeto arquitetônico do monumento, por meio da produção dos desenhos de “croquis” e também do levantamento, junto ao centro de documentação da FEB, no Rio de Janeiro (antigo Ministério da Guerra), da relação do efetivo militar do 9º BE Cmb que foi enviado para Segunda Guerra Mundial, na Itália. A ele coube, ainda, a divulgação da construção do monumento junto à sociedade civil,

¹⁴⁴ Destaque para o Decreto nº 93.872, de 23 de dezembro de 1986, da Portaria Ministerial nº 258, de 22 de abril de 1992 (Ministério do Exército), da Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993, da Portaria nº 010, Diretoria de Material Bélico/Exército Brasileiro, de 04 de junho de 1999, e da Portaria nº 004 da Secretaria de Economia e Finanças/Exército Brasileiro, de 16 de julho de 1999.

buscando assim, colaboração material e financeira. O projeto final do monumento, denominado “Aos Heróis Brasileiros do 9º Batalhão de Engenharia – Morros da Vitória”, foi enviado, por meio do ofício de nº 005/2002, ao Tenente-Coronel Rubens Alberto Rodrigues Januário - Comandante do 9º BE Cmb, no dia 09 de abril de 2002.

Coube ao município de Aquidauana: alocar recursos para o pagamento do material executado, elaborar as especificações técnico-profissionais legais da obra e serviços, emitir ordem de serviço para o início dos trabalhos da construção do monumento, fornecer os Estudos de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental (EIA/RIMA) aos órgãos fiscalizadores do Ministério do Meio Ambiente, dirigir e manter, sob sua inteira responsabilidade, o pessoal civil qualificado necessário à execução dos serviços, assumindo assim todos os encargos de ordem trabalhista e previdenciária correspondentes.

À ANFVEB-MS coube a responsabilidade de abrir, movimentar e encerrar uma Conta Corrente, com a finalidade de receber recursos financeiros a serem alocados exclusivamente na consecução dos objetivos relacionados; fazer a devida prestação de contas aos parceiros; divulgar junto às Associações congêneres nacionais e internacionais os objetivos dessa parceria, solicitando a colaboração necessária. Além disso, teria de fornecer a relação dos “pracinhas brasileiros” residentes ou naturais do Estado de Mato Grosso do Sul, bem como dos seus Associados a serem homenageados, sendo impressos os seus nomes no monumento.

Em 2002, houve uma mobilização por parte ANVFEB-MS no sentido dos associados contribuírem com a quantia de R\$ 30,00, de modo a ajudar na construção, em Aquidauana, do monumento em homenagem aos integrantes da FEB do 9º BE Cmb. Isso ficou expresso no Boletim Informativo da ANVFEB-MS, no qual o Presidente Agostinho Gonçalves da Mota destacou “que esse monumento é uma nova oportunidade para deixar firmado em nosso solo um referencial àqueles soldados que bravamente lutaram nos campos da longínqua Itália”.¹⁴⁵

Ao Exército Brasileiro, por intermédio do 9º BE Cmb, coube cooperar com parte de mão de obra necessária à execução dos trabalhos da construção do monumento, fornecendo ao município de Aquidauana o relatório de indenização das horas trabalhadas e do combustível gasto com o maquinário necessário à sua construção.

¹⁴⁵ Ver Anexo 11.

Estruturalmente, o monumento procura destacar, primeiramente, o cenário geográfico em que se deu a participação brasileira em território italiano, que fazia parte do Teatro de Operações do Mediterrâneo. Assim, no seu conjunto principal a obra é composto por dois arcos em concreto armado em forma de “V”, simbolizando a vitória na Segunda Guerra Mundial. O arco maior, revestido em granito, representa os morros italianos cobertos pela neve do inverno europeu, palco de operações das forças brasileiras de terra e ar. O arco menor, revestido em granito verde escuro, representa os morros que circundam a cidade de Aquidauana, onde está sediado o 9º BE Cmb. As extremidades mais espessas simbolizam as explosões dos artefatos militares, e as mais estreitas os pontos de partida dos soldados de Engenharia para o combate, procurando-se mostrar que, apesar do fogo inimigo, os soldados brasileiros atuaram em defesa da paz.

Ao centro, um mural recoberto com granito negro, constando em sua parte frontal uma placa de bronze em que aparece a seguinte frase “Aos Heróis Brasileiros do 9º Batalhão de Engenharia”. Abaixo se encontra, separadamente, a relação nominal dos 789 integrantes do 9º BE Cmb mobilizados para Campanha Brasileira na Itália. Destes apenas 13 Ex-Combatentes do Batalhão ainda estavam vivos, em 2002, na região de Aquidauana. Coube, ainda, uma homenagem aos intervenientes na construção do monumento - Prefeitura Municipal de Aquidauana, 9º Batalhão de Engenharia de Combate, Fundação Eduardo Contar, Associação Nacional dos Veteranos da FEB - Seção Regional de Mato Grosso do Sul.

Um espelho d’água de formato irregular representa as águas do Rio Aquidauana, à travessia do oceano Atlântico e as águas do Rio Arno, principal rio italiano na região de combate em que a FEB atuou diretamente. Há dois capacetes originais, cravados em aberturas destinadas aos mesmos, sendo um do lado superior esquerdo, significando a sentinela sempre alerta ao chamado da nação brasileira, e outro disposto do lado inferior direito, inclinado, homenageando os combatentes mortos nos campos de guerra.

O piso de todo o conjunto é feito de tijolos na cor vermelha, simbolizando o sacrifício dos pracinhas brasileiros que, no palco da guerra, derramaram seu sangue pela pátria. O acesso ao Monumento se dá por meio de uma passarela, que simboliza as pontes construídas pela engenharia nacional. O conjunto arquitetônico apresenta ainda cinco mastros de bandeiras que comportam, respectivamente, a Bandeira Nacional, a Bandeira do Estado de Mato Grosso do Sul, a Bandeira do município de Aquidauana, a

Bandeira do 9º BE Cmb e a Bandeira da ANVFEB-MS, as quais simbolizam o “mais amplo sentimento nacional aos seus verdadeiros heróis”.¹⁴⁶

Devido ao desgaste causado pelo clima, em 2005 o Monumento recebeu pequenas reformas e algumas modificações, a principal delas correspondente à eliminação do espelho d’água, em razão dos problemas relacionados à dengue na região do quartel.

Além desses quatro monumentos em homenagem aos Veteranos da FEB, o Batalhão ainda possui, na entrada do prédio do Comando, Praça Marechal José Machado Lopes, um monumento, ofertado pelo então presidente Artur da Silva Bernardes, em 1923, alusivo ao episódio conhecido por Retirada da Laguna, ocorrido durante a Guerra da Tríplice Aliança (1865-1870).

Em formato de obelisco, na parte superior desse monumento repousam quatro balas de canhões, representando o papel da arma de Artilharia na defesa do Corpo Expedicionário do Exército Brasileiro, quando da perseguição encetada pela Cavalaria do Exército paraguaio durante a Retirada. Em suas faces encontram-se duas placas de bronze. Uma com o busto em alto relevo do Alfredo D’Escagnolle Taunay, O Visconde Taunay, oficial da arma de Engenharia e responsável por imortalizar o evento por meio do livro *A Retirada da Laguna*. A outra placa, datada de 1989, homenageia os “Heróis do 21º Batalhão de Infantaria” - atual 44º Batalhão de Infantaria Motorizada - que participaram da Retirada da Laguna (figura 22).



Figura 22: Monumento à Retirada da Laguna.

¹⁴⁶ REGIS, Ronaldo. “FEB ganha monumento”. *Correio do Estado*, Campo Grande, 20/ 08/ 2002. Ver Anexo 12.

Fonte: Acervo histórico do Museu Marechal José Machado Lopes – Aquidauana – MS.

As ações desenvolvidas pelo Comando do 9º BE Cmb ao longo dos últimos 70 anos deixam clara sua preocupação em fazer com que esses “Lugares de Memórias”, tenham uma missão: em primeiro lugar, o de exaltação e de glorificação das ações Arma de Engenharia, frente às ações desenvolvidas pelas outras Armas do Exército Brasileiro.

3.3: Os “Lugares da Memória” da FEB em Campo Grande - MS

Para possibilitar o reconhecimento dos feitos dos Ex-Combatentes FEB na Segunda Guerra Mundial e fortalecer a memória da ANVFEB-MS junto à sociedade civil e militar local, na década de 1990 teve início o processo de elaboração do Museu da FEB em Campo Grande.

Inaugurado em 23 de março de 1995 no prédio onde, por dois anos, funcionou o Colégio Militar de Campo Grande, em 1996 o Museu e o Colégio foram transferidos para um novo prédio localizado na Avenida Presidente Vargas, ao lado do quartel do 20º Regimento de Cavalaria Blindada. Seis anos mais tarde, em 12 de abril de 2002, o Museu retornaria ao seu local de origem, na Avenida Afonso Pena, número 2270, ao lado do Hotel de Trânsito do Exército, no centro da cidade, onde permanece até hoje.

O prédio de dois pavimentos que o abriga atualmente foi construído na década de 1920, para atender às necessidades das autoridades do Exército que se instalavam em Campo Grande à época¹⁴⁷. De 1923 a 1982 sediou a 1ª Circunscrição Militar, transferida de Corumbá para Campo Grande em 1922, exercendo as mesmas funções administrativas da atual 9º Região Militar. De 1984 a 1994, tornou-se sede do Comando Geral da Polícia Militar do Estado de Mato Grosso do Sul. No biênio 1995-1996 abrigou o Colégio Militar de Campo Grande, que dali foi deslocado para dar lugar, entre os anos de 1997 a 2001, à 30ª Circunscrição de Serviço Militar, até chegar à atual administração, a cargo do 9º Órgão Pagador de Inativos e Pensionistas do Exército.

Essa inadequação espacial e administrativa levou as autoridades militares a prever a transferência do Museu da FEB de Campo Grande para o futuro Memorial da Cultura Mello e Cáceres, cujo projeto arquitetônico começou a ser desenvolvido, em 2013, pela Fundação de Cultura do Exército.

¹⁴⁷ A área em que esse prédio está localizado foi doada ao Exército pelo Intendente Municipal de Campo Grande, Arlindo de Andrade Gomes, a partir da desapropriação do terreno pertencente à Empresa Manoel Soares & Irmãos, ato publicado no Diário Oficial do Município de 19 de outubro de 1921. **ARCA. Revista do Arquivo Histórico de Campo Grande.** Campo Grande, n° 13, 1990.

Frente ao exposto, é possível notar as dificuldades iniciais enfrentadas pelos Veteranos da FEB, representados pela ANVFEB-MS, para encontrarem, em Campo Grande, um lugar definitivo para a instalação do acervo visando o registro e a preservação da memória de sua participação na Segunda Guerra Mundial.

Com efeito, após sua inauguração, em março de 1995, numa solenidade da qual participaram o Ministro do Exército, General Zenildo de Lucena, e o Comandante Militar do Oeste, General Expedito Hermes Rego Miranda¹⁴⁸, o Museu da FEB de Campo Grande foi fechado em 20 de julho de 1998, só voltando a reabrir em 2002, integrando as ações relativas às comemorações da Semana do Exército, promovidas de 12 a 19 de abril daquele ano. Nessa solenidade de reabertura marcaram presença o General Sérgio Ernesto Alves Conforto, Comandante do CMO/9º RM; o General de Divisão – R1, Pedro Coelho Lima; o General de Brigada Antônio Carlos da Costa Burgos, Comandante do Estado Maior do CMO; o Coronel – R1 Argemiro de Souza Dias Neto, representante da Fundação de Cultura do Exército Brasileiro – FUNCEBE; e o Sr Agostinho Gonçalves da Motta, Presidente da ANVFEB-MS.

Não obstante as dificuldades que enfrentou no início de sua constituição, já em março de 1995 o Museu da FEB de Campo Grande recebeu as primeiras peças para a composição de seu acervo histórico, correspondente a 140 itens sobre a FEB doados ao Comando Militar do Oeste pelo Coronel José Alves Marcondes, ex-comandante da 4ª Brigada de Cavalaria Mecanizada de Dourados¹⁴⁹. Três anos depois, em novembro de 1998, coube ao Presidente da ANVFEB-MS, Sr Agostinho Gonçalves da Motta, doar ao Comando Militar do Oeste, para serem enviados ao Museu, que recentemente havia fechado suas portas, os 101 itens sobre a FEB que integravam todo o acervo daquela entidade desde a década de 1980, composto a partir de doações de seus associados.

Após a reabertura, em 2002, o Museu da FEB de Campo Grande continuou a receber doações de militares, veteranos da FEB e seus familiares, entre outros. Mostra a importância que a instituição paulatinamente acabaria assumindo, em 6 de junho de 2007 o Sr João Baptista Maciel Monteiro Neto, um colecionador de peças e artefatos sobre a Segunda Guerra Mundial, doou uma granada de Morteiro 60 mm e um estojo de

¹⁴⁸ Ver Anexo 13.

¹⁴⁹ O Coronel Marcondes participou da FEB na Arma de Cavalaria. Depois da Guerra, foi assessor do Marechal Juarez Távora em diversas campanhas políticas. Militou nas Associações dos Ex-Combatentes do Brasil, onde desempenhou diversos cargos e comissões, tendo participado do projeto do Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, do Rio de Janeiro. LUCIANO, Luís Carlos. **Triunfo e Glória de Um Guerreiro. A História de Um Herói de Guerra**. Dourados – MS: Ed. UFGD, 2011.

Primeiros Socorros Veicular do Esquadrão de Reconhecimento, Unidade Militar correspondente ao atual 1º Esquadrão de Cavalaria Leve, situado em Valença, Estado do Rio de Janeiro.

Portanto, aos poucos o Museu da FEB de Campo Grande se consolidou, constituindo um significativo e variado acervo sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial. Franqueado à visitação pública em horários que variam das 09h às 11h e das 14h às 16h, de segunda a quinta-feira, e das 08h às 11h, às sextas-feiras, o Museu oferece ao visitante três ambientes distintos.

No primeiro ambiente estão expostas medalhas, distintivos diversos, quadros com fotografias da guerra e pinturas retratando o General Mascarenhas de Moraes, recortes dos jornais “O Cruzeiro do Sul” e “O Globo”, flâmulas diversas¹⁵⁰, panfletos de guerra psicológica, plaquetas de identificação, cédulas de Liria¹⁵¹. No segundo ambiente estão expostos apetrechos, uniformes, fardamentos e utensílios utilizados pelos soldados no *front*, placas de sinalização, cartas topográficas e mapas das regiões de combate, cartões de alimentação de navios de transporte norte-americanos e um pouco de terra (reliquia) do cemitério de Pistóia, na Itália. No terceiro ambiente, estão expostos alguns quadros de armas, morteiros de artilharia, diversas metralhadoras (*Thompson, Broning, Stein*), pistolas italianas e alemãs utilizadas na Segunda Guerra Mundial, além dos equipamentos militares utilizados pelo “Esquadrão de Reconhecimento Pitaluga”.

Além desses espaços de exposição, o Museu da FEB de Campo Grande possui arquivos contendo, entre outros documentos, o registro dos mortos na Campanha da Itália, o número de soldados que tiveram baixas por “pé de trincheira”¹⁵² e aqueles que foram condecorados com a Medalha de Sangue (casos em que os soldados foram feridos em combate), periódicos de campanha, artigos sobre a expedição da FEB publicados em

¹⁵⁰ As Flâmulas eram espécies de bandeira utilizadas pelas Companhias, Batalhões e Regimentos para identificar cada uma destas Unidades Militares.

¹⁵¹ As cédulas de Liria correspondiam ao dinheiro italiano utilizado durante a ocupação alemã, na Itália. Já as plaquetas eram usadas pelos soldados da FEB, onde havia identificação do seu nome, tipo de sangue, o registro militar da FEB e Unidade Militar na qual estava inserido durante a Campanha da Segunda Guerra Mundial.

¹⁵² Refere-se ao problema que acometia com gravidade as tropas empenhadas no *front* durante o inverno, e seus efeitos eram tão preocupantes quanto às baixas causadas pelo inimigo, uma vez que ferimento por exposição ao frio só afetavam as unidades de combate, as quais sempre estiveram em demanda durante a Campanha da Itália. Reza a lenda que a capacidade de improviso dos brasileiros bastou para erradicar o pé de trincheira por meio de um subterfúgio simples, que não havia ocorrido aos americanos: os expedicionários perceberam que, se dispensassem o borzeguim de combate e calçassem as galochas forradas com palha e jornal, manteriam os pés dos soldados aquecidos e a circulação sanguínea adequada. Para maiores informações consultar. MAXIMIANO, César Campiani. **Barbudos, Sujos e Fatigados: Soldados Brasileiros na Guerra Mundial**. São Paulo: Editora GRUA, 2010, p. 176.

jornais da época, mostruários do roteiro que a FEB percorreu na Itália, alguns documentos capturados das tropas alemãs, além de uma biblioteca especializada com mais de 400 exemplares, todos franqueados ao público.

Se, a exemplo do que ocorreu em Aquidauana, com a criação do Museu Marechal José Machado Lopes, a constituição do Museu da FEB de Campo Grande contribuiu para ressaltar a importância e preservar a memória do grupo de veteranos de guerra ligados à ANVFB-MS enquanto participe de um acontecimento histórico mundial, diferentemente daquele, que buscou preservar o acervo histórico do 9º BE Cmb, constituindo assim uma memória específica sobre atuação da Arma de Engenharia de Combate da FEB durante o conflito mundial, este último se dedicou muito mais à preservação da memória da atuação das Armas de Infantaria e da Artilharia da FEB, na Campanha Brasileira da Itália.

Seja como for, também em Campo Grande não pararam na criação e consolidação do Museu da FEB as ações desenvolvidas pela ANVFEB-MS, no intuito de dar maior representatividade e sentido memorialístico aos Veteranos da FEB perante a sociedade civil e militar local. Ao contrário, desde a sua fundação, em 1985, a entidade esteve envolvida em atos de caráter político, que objetivavam constituir novos “lugares de memória” capazes de ampliar a visibilidade dos feitos dos Veteranos de guerra no espaço urbano campo-grandense. Exemplo disso foram os esforços envidados pela ANVFEB-MS junto aos poderes públicos municipal, estadual e às instituições militares locais, para a execução de projetos como a construção Monumento da FEB de Campo Grande, entre outros.

3.4 – Os Monumentos Históricos da FEB em Campo Grande

Para a maioria dos membros entrevistados da ANVFEB-MS, os projetos de construção dos monumentos relativos à participação da FEB na Segunda Guerra se tornaram realidade, por meio de parcerias firmadas entre a sociedade civil, o Exército e a ANVFEB-MS.

A primeira tentativa de parceria nesse sentido ocorreu no início de 1997, quando o vereador Elias Dib (PMDB), à época ocupando o cargo de o Primeiro Secretário da Mesa Diretora da Câmara Municipal de Campo Grande, apresentou aos membros da ANVFEB-MS a minuta de um projeto de lei de sua autoria, que dispunha sobre a construção, pelo Poder Executivo municipal, de um monumento em homenagem aos

“340 sul-mato-grossenses que, em nome do Brasil, participaram da Segunda Guerra Mundial”.¹⁵³

Contando com a colaboração do arquiteto José Marcos da Fonseca para a elaboração do primeiro esboço arquitetônico do monumento, que originalmente iria reverenciar as três armas que integraram a FEB¹⁵⁴, o vereador destacou, em sua justificativa, que esta seria a forma de se prestar uma homenagem aos que perderam suas vidas e aos que enfrentaram as mais diversas barreiras quando de seu reingresso à comunidade e ao convívio social, tais como a falta de oferta de empregos e obstáculos jurídicos que dificultaram o acesso aos seus direitos de assistência e aos meios que permitiam a subsistência desses soldados que experimentaram o *front* de batalha real. Demonstrando sua articulação política junto à ANVFEB-MS, Elias Dib ainda chamou a atenção para o fato de que “as leis de 1955 e de 1963, além dos preceitos da Constituição Federal, promulgada em outubro de 1988, asseguram direitos aos Ex-Combatentes da FEB de acesso ao serviço público, pensões especiais, aposentadoria e atos de reverência à sua participação em guerra”. Por fim, ressaltou que “várias cidades brasileiras já possuíam, nas suas praças públicas, monumentos históricos que reverenciam e homenageiam esses bravos cidadãos brasileiros”.¹⁵⁵

Apesar da aprovação do projeto, não houve verba institucional da Prefeitura de Campo Grande para financiar a construção do monumento. Diante disso, a ANVFEB-MS envidou esforços no sentido de ampliar o número de parceiros, buscando apoio junto às instituições militares sediadas em Campo Grande, como Comando Militar do Oeste (CMO) 9ª Região Militar (9º RM).

Assim, por meio da “Ordem de Serviço nº 001-E5”, assinada pelo então General-Divisão Gilberto Barbosa de Figueiredo, Comandante do CMO¹⁵⁶, em 25 de janeiro de 1999 foi firmado um acordo entre o Comando Militar do Oeste, a ANVFEB-MS e a Prefeitura Municipal de Campo Grande, para a constituição de uma comissão com o objetivo de coordenar e fiscalizar as medidas administrativas visando à construção do Monumento aos Ex-Combatentes da FEB em Campo Grande, estabelecendo-se sua inauguração para as comemorações do centenário da cidade, em 26 de Agosto de 1999.

¹⁵³ “Ex-combatentes da FEB terão monumento”. **Correio do Estado**, Campo Grande, 12/ 03/1997, p. C 2.

¹⁵⁴ **Diário Oficial**. Campo Grande, nº 247, 12 janeiro de 1999.

¹⁵⁵ “Ex-combatentes da FEB terão monumento”. **Correio do Estado**, Campo Grande, 12/ 03/1997, p. C 2.

¹⁵⁶ Ver Anexo de 14.

Composta pelos oficiais da 9ª RM, Tenente Coronel Nascimento (Presidente) e o Capitão Accioli (Auxiliar), pelo Sr Agostinho Gonçalves da Motta, Presidente da ANFVEB-MS, e o Dr. José Marcos da Fonseca, Secretário de Controle Urbanístico de Campo Grande, ainda caberia a essa comissão providenciar os meios necessários para a construção do monumento, incluindo a elaboração de um projeto arquitetônico e a alocação da mão-de-obra e do material, além de estabelecer e esclarecer os objetivos a serem alcançados com a sua construção: revelar ao público externo (civis) o valor que a instituição militar (Exército Brasileiro) dá ao culto às tradições e às virtudes militares; cultivar a memória e divulgar as ações dos Ex-Combatentes da FEB nos campos da Itália durante a Segunda Guerra Mundial e, ainda, participar das comemorações do centenário da cidade de Campo Grande.

Em 1º de fevereiro de 1999, às 15:00 horas, ocorreu, na 5ª Seção do CMO, a primeira reunião da Comissão, que contou a participação do Prefeito de Campo Grande, Sr André Pucinelli. Na ocasião, estabeleceu-se que seria realizado um concurso público para a escolha do projeto arquitetônico do monumento, tendo ANVFEB-MS a atribuição de providenciar a aquisição do material necessário para a sua construção, cabendo à 9ª Região Militar a alocação da verba necessária para o pagamento da mão-de-obra.

No mês de março foi aberto concurso público pela Prefeitura Municipal de Campo Grande para a escolha do projeto arquitetônico, o qual teve 18 inscritos. Em 17 maio de 1999, no gabinete do Prefeito André Puccinelli, foram divulgados os três primeiros colocados, sagrando-se vitorioso o projeto assinado pelo estudante de arquitetura Flávio de Araújo Braga, premiado com três mil reais (figura 23).



Figura 23: Premiação do projeto vencedor do Monumento da FEB de Campo Grande. Da esquerda para Direita, General Bernandi, Comandante do CMO; Agostinho Gonçalves da Motta, Presidente da ANVFEB-MS; André Puccinelli, Prefeito Municipal de Campo Grande; Flávio de Araújo Braga, estudante de Arquitetura da UFMS ganhador do prêmio; e José Marcos da Fonseca, Secretário de Controle Urbanístico de Campo Grande.

Fonte: Folha de Campo Grande, Campo Grande, 23 de Maio de 1999.

O monumento foi edificado na Avenida Afonso Pena, entre as Ruas 13 de Maio e Rui Barbosa, defronte ao Museu da FEB. O evento de inauguração, ocorrido em 24 de agosto de 1999, às 10:00 horas da manhã, contou com a presença de várias autoridades, entre elas o Prefeito André Puccinelli, a Presidente da Fundação Barbosa Rodrigues, Henedina Hugo Rodrigues, representantes do Exército Brasileiro, Ex-Combatentes e Veteranos da FEB e do Comando da Polícia Militar do Estado de Mato Grosso do Sul (figura 24). No discurso proferido na ocasião, o Vice-Presidente nacional da ANVFEB ressaltou que aquele seria um marco a despertar a curiosidade de todos que passassem pelo local, melhorando assim, o conhecimento do povo sobre a FEB¹⁵⁷.

Concretizava-se, assim, o resultado de uma luta de mais de 12 anos, desde a fundação da ANVFEB-MS, que ganharia destaque por meio de trabalhos desenvolvidos pela Fundação Barbosa Rodrigues, como o Projeto Centro de Documentação de Imagem e Memória (CIM). Coordenado por Deborah Passarelli Barros de Souza por mais de uma década, o CIM foi responsável pela elaboração de um documentário sobre os febianos do Estado de Mato Grosso, trazendo depoimentos e fotos da época em que

¹⁵⁷ BELARMINIA, Patrícia. “Monumento homenageia Pracinhas”. *Correio do Estado*, Campo Grande, 25/26/1999.

estes foram mobilizados para a Segunda Guerra Mundial. Através de uma parceria entre a Fundação Barbosa Rodrigues e a Secretaria Municipal de Educação, de 2000 a 2008 esse documentário foi trabalhado em cerca de 30 escolas da Rede Municipal de Campo Grande, sendo assistido por mais de cinco mil estudantes,



Figura 24: Inauguração do Monumento da FEB de Campo Grande. Da esquerda para a direita, o Vice-Presidente Nacional da ANVFEB, Sr Domingos Ventura Pinto Júnior (Boina Azul) e o Presidente da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil (Boina Verde), General-Divisão Gilberto Barbosa de Figueiredo (Comandante do CMO), André Puccinelli (Prefeito de Campo Grande); Tenente-Coronel Nascimento (Representante da 9ª RM), Capitão Accioli (Membro da Comissão da Construção do Monumento da FEB) e o Veterano Agostinho Gonçalves da Motta (Presidente da ANVFEB-MS). No fundo, sentadas, as esposas e viúvas dos Ex-Combatentes da FEB.

Fonte: Acervo histórico da ANVFEB-MS – Campo Grande – MS.

Os objetivos de reverenciar as tradições e as virtudes militares, através do culto às ações dos ex-combatentes da FEB nos campos de batalha da Itália, estão expressos na própria estrutura arquitetônica do monumento. Na base, construída em concreto na forma de um losango em cor amarela, estão inseridas quatro placas: uma com o “Memorial Explicativo” do monumento, outra contendo os nomes dos 80 veteranos que fundaram a ANVFB-MS em 1985, uma terceira com a referência do Comando Militar do Oeste e da 9ª Região Militar à inauguração do monumento e aos parceiros institucionais que contribuíram para a sua execução; e a quarta correspondendo à homenagem prestada pela ANVFEB- Seção Regional de Pernambuco “Aos bravos

filhos de Mato Grosso do Sul, que tomaram no Teatro de Operações da Itália, durante a Segunda Guerra Mundial, entre os anos de 1944-1945”, que traz os nomes dos soldados sul-mato-grossenses que pereceram no *front* de combate, acompanhados de suas unidades militares e das datas em que foram mortos:

- 1° - Soldado Alcebíades Borbadilna da Cunha – 6° RI - 02 de novembro de 1944;
- 2° - Soldado Bernardino da Silva – Esquadrão de Reconhecimento Pitaluga - 22 de abril de 1944;
- 3° - Soldado Gregório Vilalva – 1° RI - 22 de janeiro de 1945;
- 4° - Soldado Hugo Gonçalves - 11° RI - 22 de dezembro de 1944;
- 5° - Soldado João Maria Silveira Marques – 6° RI - 26 de novembro de 1945;
- 6° - Soldado Sebastião Ribeiro – 6° RI - 31 de outubro de 1944;
- 7° - Soldado Simeade Fernandes – 6° RI - 14 de outubro de 1944;
- 8° - Soldado Teodoro Satino – 6° RI - 02 de maio de 1945;
- 9° - Soldado Tomás António Machado – 6° RI - 29 de abril de 1945;
- 10° - Soldado Waldemar Marcelino dos Santos – 9° BE Cmb - 21 de novembro de 1944.

Sobre a base apóia-se uma estrutura de concreto, na cor verde, armada no sentido vertical, ostentando duas siglas vazadas da FEB em sentidos contrários, além de um triângulo que abriga uma chapa giratória, na cor azul. Com o concreto armado buscou-se representar a firmeza dos soldados brasileiros que participaram da FEB, em nome da manutenção da democracia e da liberdade em oposição ao nazi-facismo. As cores e as formas desse monumento buscam evocar a Bandeira Nacional, materializando o reconhecimento àqueles verdadeiros heróis que souberam conduzi-la em solo estrangeiro (figura 25).



Figura 25: Monumento histórico oficial da FEB na cidade de Campo Grande - MS.
Fonte: Acervo do autor.

Além deste, a partir de meados da década de 2000, por ocasião das comemorações dos 60 anos da participação da FEB na Segunda Guerra Mundial, a sociedade civil de Campo Grande assistiu à construção e/ ou reforma de outros monumentos em memória da FEB. Exemplo disso foi a inauguração, em 06 de maio de 2005, da “Placa Alusiva aos 60 Anos da Participação da FEB na Segunda Guerra Mundial”, idealizada pelo Coronel de Cavalaria Marcos Antonio Soares de Melo, comandante do Colégio Militar de Campo Grande.

Praticamente um ano depois, em 03 de agosto de 2006, a ANVFEB-MS encaminhou à Câmara Municipal de Campo Grande, através do gabinete do Vereador Carlos Eduardo Xavier Marum, o Ofício nº 001, contendo um extrato do projeto de recuperação da Praça Newton Campos e do Monumento alusivo à FEB existente naquele local, elaborado por seu Sócio-Especial Vanderley Santos Vieira sob o título “Revitalizando a Praça Newton Campos”. Após uma semana, teve início a reforma da praça e a ANVFEB-MS, através do seu jornal-informativo, datado de 06 de setembro de 2006, publicou uma nota de agradecimento ao Vereador Carlos Eduardo Xavier Marum e ao Secretário de Serviços e Obras Públicas de Campo Grande, Edson Giroto.

No meio militar campo-grandense há dois monumentos importantes em homenagem aos Veteranos da FEB que merecem destaque. O primeiro deles, denominado “Monumento dos Expedicionários da FEB”, está localizado no pátio em frente ao prédio da Companhia de Guarda do Comando da 9ª Região Militar – Melo e Cáceres, tendo sido inaugurado em 06 de agosto de 2005, em comemoração aos 60 anos da vitória da FEB na Itália (1945-2005). Apresenta como características um Fuzil Mauser (armamento utilizado pelos soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial) fixado em um bloco de granito, sobre o qual repousa um capacete de aço, com folhagem, de fabricação norte-americana. Na parte superior do centro do bloco de granito há uma placa com o símbolo da FEB, a “Cobra Fumando”, tendo abaixo a representação de um “V” da vitória em verde e amarelo, representando as cores da bandeira nacional (figura 26). À cerimônia de inauguração compareceram o General de Exército Luiz Cesário da Silveira Filho, Comandante do Comando Militar do Oeste – CMO; o Major Messias Coelho Freitas, Comandante da Companhia de Comando da 9ª RM; todos os soldados da Companhia e os Veteranos da FEB Agostinho Gonçalves da Motta, Américo Zeolla, Benedito Ravedutti e Salvador Dias de Souza.



Figura 26: Ato da inauguração do Monumento dos Expedicionários da FEB. Da esquerda para a direita os veteranos Agostinho Gonçalves da Motta, Salvador Dias de Souza, Américo Zeolla e Benedito Ravedutti.

Fonte: Acervo histórico da ANVFEB-MS – Campo Grande – MS.

O segundo monumento, denominado “Memorial ao Expedicionário”, é o mais conhecido pelos militares de Campo Grande. Está localizado no interior do quartel do 20º Regimento de Cavalaria Blindada (20º RCB), apresentando praticamente as mesmas características de seu congênere descrito acima: um Fuzil Mauser de origem alemã, produzido pela primeira vez em 1895, fixado em um bloco de mármore que representa a Pátria, sobre o qual se apóia um capacete de aço de origem norte-americana. No centro do bloco de mármore, sustentada por um “V” da vitória nas cores verde e amarela, está inserida uma placa comemorativa aos “61 anos de glória da FEB – 1945-2006”, onde consta a seguinte frase de autor desconhecido: “Os que se sacrificaram pela pátria não morrem, fundem-se a ela e passam a viver eternamente” (figura 27).

Na cerimônia de inauguração, em 18 de maio de 2006, o presidente da ANVFEB-MS, Agostinho Gonçalves da Motta, destacou que esse monumento imortalizava memória da FEB no Regimento, ao mesmo tempo em que “materializa a gratidão e o reconhecimento que os militares desta Unidade têm pelos Veteranos e pela pátria”.¹⁵⁸

¹⁵⁸ SANTOS, Vanderley Vieira. “Memorial ao Expedicionário”. **Montese Jornal-Informativo da ANVFEB - MS**, Campo Grande, 03/06/2006.



Figura 27: Inauguração do Memorial ao Expedicionário. Da esquerda para a direita Sr. Agostinho Gonçalves da Motta, Presidente da ANVFEB-MS, e o Comandante do 20º RCB, Tenente Coronel Jorge Antonio Smicelato.

Fonte: Acervo histórico da ANVFEB-MS – Campo Grande – MS.

Localizados nos quartéis mais importantes do Exército Brasileiro em Campo Grande, os dois monumentos descritos remetem a um dos momentos mais dramáticos vividos pelos soldados da FEB no *front* de combate durante a Segunda Guerra Mundial. Nas entrevistas a nós concedidas os Veteranos Agostinho Gonçalves da Motta, Moacir Aleixo, Manoel Siqueira e Marcos Evangelista lembraram que quando um companheiro era atingido, ferido ou morto, deveriam ser retirados o capacete e a plaqueta de identificação, que eram sobrepostos ao fuzil, fincado ao solo no mesmo local em que o soldado havia tombado em combate. Conforme os entrevistados, isso era feito para facilitar o trabalho dos padioleiros, que deveriam retirar os mortos e feridos para a retaguarda e fazer a sua identificação, a fim de repassar as informações ao comandante da Companhia ou Pelotão em que estavam destacados.

Em suma, ao longo de sua trajetória a Associação Nacional dos Veteranos da FEB – Seção Regional do Mato Grosso do Sul promoveu várias ações para a constituição de museus e monumentos da FEB nas cidades de Aquidauana e Campo Grande, que contribuíram não só para consolidar e preservar a memória e a identidade dos Veteranos da FEB no Estado de Mato Grosso do Sul, mas também para a sua reintegração no meio civil e militar. Um exemplo disso está na forma de participação dos mesmos nos desfiles cívico-militares por ocasião do dia 7 de setembro ou 8 de maio (comemorações do dia da vitória final dos países Aliados contra as forças dos países do

Eixo na Segunda Guerra Mundial), ao deixarem de desfilar a pé e no final da apresentação das tropas militares, para passarem a desfilar em carros de combate do Exército Brasileiro, muitas vezes à frente das Unidades Militares (figura 28).



Figura 28: Desfile do dia 7 setembro, ocorrido em 2005, na Rua 14 de julho, no centro de Campo Grande. Conduzidos por um carro de combate do 20º Regimento de Cavalaria Blindado, os Srs. Américo Zeolla, Carlos Cardeal, Toshio Miyahira, Manoel Dutra Martins e Salvador Dias de Souza saúdam as autoridades militares, civis e ao público presente nas arquibancadas
Fonte: Acervo histórico da ANFVEB-MS – Campo Grande – MS.

Considerações Finais

Sobre a construção da memória da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, pode-se concluir que a guerra não se limitou apenas às disputas que se desenrolaram entre as autoridades políticas e militares responsáveis pela consolidação da FEB. Também ocorreram disputas políticas em torno dos direitos sociais dos febianos no pós-guerra no tocante ao processo de reintegração social dos mesmos. Essas disputas ocorreram dentro e fora das Associações de Ex-Combatentes do Brasil, repercutindo entre a sociedade brasileira, que teve a vida dos seus cidadãos-soldados profundamente afetada pelas negociações que se desenrolaram no âmbito da política externa durante a década de 1940, como em nenhum outro momento da história do país até então. Tal constatação foi especialmente notável no caso das classes menos privilegiadas, as quais eram as mais excluídas do processo político e, naquele momento, estavam sendo convidadas a intervir, como combatentes, nos campos de batalha na Itália. A aproximação maior da população com a política internacional teve dobramentos que transformaram essa década em um momento único para análise. São anos em que a política, como se viu, assumiu um ritmo de transformações acelerado, tendo como pano de fundo a questão do nacionalismo, do autoritarismo e da democracia.

Em meados da década de 1940, o Brasil ainda vivia, sob o Estado Novo, regime ditatorial centrado na figura de Getúlio Vargas, que tinha nos militares sua principal base de apoio institucional. Porém, o desenrolar da guerra e a vitória cada vez mais próxima dos Aliados anunciavam o fim desse regime e a necessidade urgente de uma mudança de postura política do presidente. Foi nesse contexto que ocorreu um empenho pessoal de Vargas na consolidação da FEB. Isso pode ser entendido como parte do projeto político de construção de uma imagem para o Brasil no pós-guerra, que deveria estar desvinculada do modelo autoritário, notadamente influenciado pelo fascismo europeu, inaugurado com o golpe de 1937.

Assim, pode-se destacar que, na maioria das experiências de guerra relatadas em entrevistas pelos veteranos da ANVFEB-MS, na leitura da bibliografia que trata do pós-conflito e em livros de memória, existiu algo de significativo entre o grupo de Ex-Combatentes da FEB, que foi possivelmente a preservação do “Espírito de Corpo” com o objetivo de manter e fortalecer a união entre antigos cidadãos-soldados. Essa ação começou a ser gestada desde o processo de recrutamento militar, nas horas de combates

contra os inimigos no *front* e, posterior, na sua volta, se valendo sempre da vontade de justiça e do respeito entre os companheiros de combate.

São vários os motivos para a existência desta união de espírito entre os Febianos: a vontade de construir a identidade social do grupo de Ex-Combatentes, a condição social e a origem da maioria destes cidadãos-soldados, como semi-analfabetos e trabalhadores do campo e de pequenas cidades do interior do Brasil, os quais foram incorporados ao contingente militar da FEB, participando diretamente da campanha brasileira na Itália.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, a maioria dos Ex-Combatentes da FEB acabou organizando-se em Associações de Ex-Combatentes do Brasil, que começaram a funcionar em 1945, no Rio de Janeiro (capital federal) e que, logo depois, iriam se espalhar por outras regiões do país. Essas entidades civis tinham como objetivos iniciais, a realização de uma ajuda social a outros companheiros de *front*, promovendo uma melhor condição para a sobrevivência dos mesmos e também a luta pela promoção e preservação da memória coletiva, que envolvia os seus feitos realizados junto a FEB durante a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial. Essa memória coletiva é entendida, aqui, segundo as ideias desenvolvidas por Le Goff:

Através da evolução das sociedades, na segunda metade do século, elucida a importância do papel que a memória coletiva desempenha. Exorbitando a história como ciência e como culto público, ao mesmo tempo a montante, enquanto reservatório (móvel) da história, rico em arquivos e em documentos/monumentos, e aval, eco sonoro (e vivo) do trabalho histórico, a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando, todas, pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção da memória de novos grupos sociais.¹⁵⁹

A busca pela reintegração social dos Veteranos da FEB, primeiramente através das Associações de Ex-Combatentes do Brasil, só veio a ocorrer porque, nem a sociedade civil, tampouco os militares brasileiros estavam totalmente preparados para esse retorno dos Febianos da guerra, e apesar dos esforços iniciais do governo de realizar o processo de reintegração social da maioria dos Ex-Combatentes da FEB, por meio da criação de vários órgãos assistenciais.¹⁶⁰

¹⁵⁹ LE GOFF; Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003, p. 469.

¹⁶⁰ A Legião Brasileira de Assistência – LBA, criada em 1942, no Rio de Janeiro, e a Comissão de Readaptação dos Incapazes das Forças Armadas – CRIFA, criada em 1945, foi considerada um órgão de auxílio que deveria compor, junto ao Serviço Especial da FEB – SEP, que tinha a missão de ser o depositário das informações sobre os expedicionários, além de expedir atestados, certidões e emitir pareceres sobre os direitos e benefícios requeridos. O SEF era o órgão que as autoridades consultavam

Todavia, as instituições governamentais não conseguiram estabelecer estruturas adequadas para administrar os problemas sociais e profissionais dos veteranos da FEB em todo o país. As dificuldades enfrentadas por esses combatentes de guerra no processo de reintegração social tiveram impactos nos militares de carreira do Exército Brasileiro e naqueles civis que foram recrutados para a Segunda Guerra Mundial. No caso dos expedicionários militares, estes encontraram diversas dificuldades na própria instituição, ainda que possuíssem emprego estável e tivessem assistência médica e psicológica formalmente garantida. Enfrentaram dificuldades de ascensão profissional, a má vontade velada ou explícita de alguns colegas e superiores, transferências para quartéis distantes dos grandes centros urbanos. Eram problemas relevantes e que causaram dissabores, mas não ameaçavam sua sobrevivência material e social. Quanto aos conscritos civis, que retornaram sem a proteção institucional do Exército Brasileiro, os problemas foram muito maiores. As festas da chegada lhe proporcionaram uma falsa impressão de que a reintegração seria tranquila. Para a maioria dos expedicionários, porém, a luta estava apenas começando, pois os objetivos previstos pelos órgãos do Estado no processo de reintegração social dos Febianos, no pós-guerra não ocorreram de forma satisfatória.

Esses problemas de reintegração social de ex-combatentes de guerra, já eram conhecidos pelas autoridades civis e militares brasileiras, no período entre-guerras (1919-1939), pelo qual as principais nações beligerantes tanto da Primeira, como a da Segunda Guerra Mundial tiveram que passar. Aliado a uma dessas nações durante a guerra (os Estados Unidos) e tendo baseado a instrução da maioria de corpo de oficiais em outra nação (a França), as lideranças militares brasileiras desprezaram completamente o impacto militar e social do retorno de seus conscritos, tanto para eles mesmos quanto para a sociedade.

Como conseqüência do despreparo e pouco interesse das instituições militares e civis do Estado na elaboração de uma reintegração social adequada para atender a demanda dos mais de 25 mil soldados que foram incorporados a FEB, esse processo foi em geral bastante problemático. Uma parte dos Ex-Combatentes da FEB conseguiu

para saber se o pleiteante era mesmo expedicionário e se tinha mesmo direito à vantagem requerida. Com todos esses órgãos, formou-se um conjunto institucional voltado ao fomento da reintegração social dos combatentes portadores de incapacidades físicas e psiquiátricas. Para maiores informações, consultar o livro: FERRAZ, Francisco César Alves. **A Guerra que não Acabou: A Reintegração Social dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina – UEL, Ed: Eduel, 2012, p. 160-163.

retomar, dentro do que era possível a alguém que participara de uma guerra, para suas atividades profissionais e seus relacionamentos sociais anteriores a sua convocação. Mas, para outra parte deles, o período pós-guerra foi uma sucessão de dissabores. O desemprego tornava-se rotina para vários grupos de veteranos, considerados como de sociabilidade “difícil”, além de, frequentemente, receberam a pecha de “neuróticos de guerra”. Outros grupos foram recrutados justamente na idade em que deveriam aprender uma profissão e se viram, na volta, sem qualquer qualificação. Outros ainda, depois de conhecer realidades e culturas diferentes das suas, no contato com americanos e italianos na guerra, ansiavam por melhorar de vida e reivindicavam empregos e funções acima das que lhes eram oferecidos.¹⁶¹

Há ainda outro aspecto importante a ser ressaltado durante esse processo de reintegração dos Veteranos da FEB: o Exército Brasileiro não teria se limitado à simples criação de monumentos e museus em memória dos Febianos, mas também há momentos de reconhecimento e valorização da identidade social desses veteranos no meio militar (foi algo construído coletivamente, formando assim um grupo social), que ocorreram através da entrega de medalhas, condecorações e diplomas para aqueles que lutaram na Itália. Como destacou Dennison de Oliveira a respeito das cerimônias de condecorações como parte da hierarquia e da tradição dos Exércitos.¹⁶²

A própria concessão de medalhas é um momento de extrema relevância, pois essas cerimônias são premiações aos esforços destacados, tanto individuais, quanto coletivos. Além de representar um prêmio, é no círculo militar, a representação da coragem, do destemor, que traz consigo a elevação da moral do combatente e também do grupo em que está inserido.¹⁶³

As questões do envolvimento dos Febianos com o Exército Brasileiro, em torno da construção e preservação da memória da FEB, começaram a ser desenvolvidas a partir das ações do Comando Militar do Oeste, junto ao 9º Batalhão de Engenharia de Combate e da ANVFEB-MS, no início da década de 1990, quando ambas as instituições estiveram intimamente vinculados com a criação dos Museus e dos Monumentos da FEB, nas cidades de Aquidauana e de Campo Grande. Transformados em “Lugares de

¹⁶¹ FERRAZ, Francisco César Alves. **A Guerra que não Acabou: A Reintegração Social dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina - UEL: Ed: Eduel, 2012.

¹⁶² OLIVEIRA, Dennison. **Os Soldados Alemães de Vargas**. Curitiba: Edit. Juruá, Coleção Semeando Livros, 2008, p. 94.

¹⁶³ NASS, Sirlei de Fátima. **Legião Paranaense do Expedicionário: Indagações sobre a Reintegração Social dos Febianos Paranaense (1943-1951)**. Op. Cit., p. 71.

Memórias”, tais Museus e Monumentos acabaram funcionando como ferramentas fundamentais, não só para preservação da memória da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, mas também por realizar uma reelaboração desta memória e da consolidação de uma identidade febiana específica no Estado de Mato Grosso do Sul e no Brasil.

Com isso, constatou-se que os Museus e os Monumentos da FEB, no Estado de Mato Grosso do Sul, são resultados de algumas parcerias entre instituições civis, militares e da ANVFEB-MS, em sua elaboração e constituição.

Ana Maria Mauad, em estudo sobre o processo de construção do “Monumento Nacional dos Pracinhas”, no Rio de Janeiro, defendeu que esse processo de construção de monumentos históricos sobre a memória da FEB, pode ser entendido como um discurso militar que confere à morte dos pracinhas um conteúdo cívico, no qual o que importa é “dar a vida pela Pátria”. Dessa forma, não se trata apenas de morrer por ela, mas também de viver por ela. Isso significa ter uma vida pública de sacrifícios em prol da ordem, da disciplina e da unidade da nação, valores bastante prezados pelo Exército. Uma vida pública que significa uma morte pessoal/privada, como afirma a autora. A homenagem ao *Soldado Desconhecido* é um exemplo muito representativo desse contexto: sem nome, sem família e sem memória individual, porque representa, indiscriminadamente, as lembranças de todos os que lutaram pela pátria.¹⁶⁴ Ressaltando, que segundo Le Goff, o monumento tem como característica o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (sendo um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos uma nova memória do passado.¹⁶⁵

Isso tudo fez com que os Veteranos da FEB se sentissem mais integrados à sociedade civil e militar sul-mato-grossense, consolidando assim, uma identidade social que, por vezes pode-se apresentar uma memória fragmentada, mas que ao longo dos últimos anos acabou aglutinando-se em torno de vários interesses em comum dos Ex-Combatentes da Segunda Guerra Mundial. Assim, foi possível observar, por meios de cerimônias cívico-militares e de alguns discursos do presidente da ANVFEB-MS, que já houve a superação de possíveis divergências políticas que puderam existir dentro da ANVFEB-MS no início da sua constituição no Estado.

¹⁶⁴ MAUD, Ana Maria. “Discurso sobre a morte consumada: Monumento aos pracinhas”. In: **Cidade Vaidosa. Imagens urbanas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora Sete Letra, 1999.

¹⁶⁵ LE GOFF; Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003, p. 526.

Nos últimos vinte anos, a imagem pública dos Febianos foi definitivamente vinculada às Forças Armadas e, por conseguinte, às suas práticas políticas. Por outro lado, o impacto negativo do regime militar em alguns grupos políticos e intelectuais brasileiros deixou na FEB uma marca negativa da qual os expedicionários nunca conseguiram se descolar. Para a consolidação dessa percepção de que os Veteranos da FEB sempre estiveram intrinsecamente ligados aos interesses dos militares, contribuíram algumas declarações individuais e coletivas de apoio de Febianos ao golpe militar ocorrido no país em 1964, além do silêncio da maioria das Associações de Veteranos da FEB com relação às denúncias de arbitrariedades, o desrespeito aos direitos humanos e a militarização progressiva de suas cerimônias comemorativas.¹⁶⁶

Atualmente, os veteranos da FEB estão vivendo em grupos cada vez menores nas Associações. Idealizadas como instituições de guarda de memória, tais Associações tiveram, em suas origens, que lidar com questões específicas que diziam respeito à reintegração social dos Ex-Combatentes, especialmente, a orientação jurídica e o atendimento médico e psiquiátrico aos enfermos, mas consolidando-se, sobretudo, como importantes espaços de reivindicação e conquista social. Nos dias atuais, embora não tenham abandonado seu caráter assistencialista, as Associações se caracterizam, por excelência, como redutos de preservação da memória da FEB, que sobrevive graças ao empenho contínuo de seus membros, tornando-se assim a ANVFEB-MS em um “Espaço de Memória”.

A imagem do Veterano da FEB em sua velhice consolidou-se também como alguém que vive rememorando o passado num contexto em que a guerra já não interessa a quase ninguém da sociedade civil. Assim, foi se consolidando, cada vez mais no Exército Brasileiro, a idéia de preservar a memória dos Ex-Combatentes da FEB em monumentos e museus. Afinal, com o passar do tempo, o indivíduo deixa de ser membro ativo da sociedade e passa a assumir a função de lembrar, transformando-se assim em guardião da memória da família, das instituições, grupos e das comunidades sociais.¹⁶⁷

¹⁶⁶ FERRAZ, Francisco César Alves. **A Guerra que não Acabou: A Reintegração Social dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)**. São Paulo: Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP-FFLCH, 2002, p.312-313.

¹⁶⁷ BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velho**. São Paulo: Editora Cia das Letras, 2009, p. 194.

A respeito dos desdobramentos e repercussões que Mato Grosso do Sul teve com a constituição dos museus e monumentos históricos em homenagem à memória da FEB nas cidades de Aquidauana e Campo Grande, pode-se destacar, através de consultas realizadas em registros administrativos e históricos do Museu Marechal José Machado Lopes, a exemplo do livro de visitação, que houve um número expressivo de aproximadamente duzentos visitantes mensais ao museu de Aquidauana, no período de 1990 a 2008, quando o prédio foi reformado e ampliado para receber um maior número de visitantes. Já em outros documentos oficiais do Batalhão de Engenharia de Combate – Carlos Camisão observou-se outro fator importante sobre a preservação da memória da FEB, que foi a mobilização daquela instituição militar no sentido de preservar a história do Batalhão, o que começou a ser gestado a partir dos anos dois mil, quando se realizaram parcerias entre o 9º BE Cmb e outras instituições civis e militares, no sentido de promover e valorizar a memória dos Veteranos da FEB, por meio da construção de alguns monumentos históricos em homenagem aos soldados que estiveram com o 9º BE Cmb durante a Segunda Guerra Mundial. Pode-se verificar que entre os objetivos institucionais do Exército Brasileiro, segundo indicado por Maud, estava à criação na sociedade sul-mato-grossense, de um corpo social, que deveria ser ordeiro e disciplinado, como uma instituição militar.

O Exército Brasileiro, a partir da década de 1990, começou a despertar um maior interesse nas conquistas militares e nas glórias obtidas pelo Brasil, através da sua participação na Segunda Guerra Mundial. Assim, empenhou-se na fabricação de alguns “heróis” da FEB¹⁶⁸ e, simultaneamente, acabaram silenciando outros “heróis” que morreram sem nada, durante o processo de reintegração social, que começou a ser desenvolvido logo após a chegada de todos Ex-Combatentes no Brasil, em 1945. Contudo, conviver com heróis reais e não apenas com uma idealização deles, implicaria, entre outras coisas, ter que dar voz às suas críticas quanto à mobilização e desmobilização da FEB e reconhecer institucionalmente os erros e omissões cometidos pelo Exército e pelo Estado. Essa postura contraditória, de valorização das memórias dos mortos e de desprezo às memórias dos veteranos vivos da FEB, fez com que o Exército mudasse, nos últimos anos, a sua postura institucional em relação aos Ex-Combatentes do Brasil. Buscou-se disseminar entre os Veteranos da FEB e dos seus

¹⁶⁸ O exemplo, mais conhecido, foi a exaltação heróica da atuação no *front* do 2º Tenente Max Wolff Filho (serviu na Unidade Militar da 1ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria da FEB), e dos seus companheiros de Arma.

familiares, um clima de segurança e de confiança na preservação da memória febiana, algo bem ao contrário do que marcou a memória dos mesmos no período do pós-guerra no país.

Entretanto, Associações dos Veteranos da FEB foram sendo reconhecidas pelos diversos governos em diferentes contextos históricos, como uma força potencialmente influente no meio militar e civil. Com isso, os veteranos foram alvo de políticas públicas, de conteúdos de alcance variados, na tentativa de dar conta, em geral, de alguns problemas sociais, como: desemprego, deficiências físicas e traumas psicológicos, adquiridos em combate. Questões que exigiram, entre outras medidas, benefícios como pensões e auxílios financeiros nos casos de invalidez ou morte. No Brasil, ao contrário do que ocorreu na Grã-Bretanha e nos EUA, não houve um planejamento à altura da desmobilização realizada para com os soldados da FEB.¹⁶⁹

Portanto, o método de investigação comparativa que foi proposto no início dessa pesquisa, tinha por objetivo analisar as cidades de Campo Grande e Aquidauana, descrevendo, em qual das duas, houve melhor aceitação e valorização da memória dos Febianos. Assim, pode-se avaliar que na cidade de Aquidauana ocorreu maior assimilação e aceitação dos feitos que envolveram os cidadãos-soldados da FEB durante a Campanha Brasileira, na Itália. Pois, um dos motivos que ajudaram nesse processo foi que naquela cidade do interior, houve um contato mais próximo entre os Veteranos da FEB junto à Unidade Militar do 9º BE Cmb, os quais participaram diretamente do conflito mundial, seus comandantes e a própria comunidade, possibilitando assim, maior integração entre o conhecimento e a importância da preservação da memória e do patrimônio cultural dos Febianos na região, não só pelos militares, mas também pelos civis.

¹⁶⁹ RIBEIRO, Patrícia da Silva. **Em Luto e Luta: Construindo a Memória da FEB**. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado em História Contemporânea do Brasil – CPDOC, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, FGV, 2013, p. 116.

FONTES:

1) Entrevistas realizadas com os Veteranos da ANVFEB-MS:

- Agostinho Gonçalves da Motta (Presidente), em 25 de março 06 de 2011 e 06 Julho de 2012, em sua residência, localizada na Rua Campos dos Elíseos, nº 554, Bairro Vilas Boas – Campo Grande – MS.
- André Ragalzi, em 19 de Julho de 2012, em sua residência, localizada na Rua Iran Pereira dos Reis, Casa 09 – Vila Santa Teresinha – Aquidauana – MS.
- Manoel de Castro Siqueira, em 01 de Novembro de 2012, em sua residência, localizada na Rua Padre Caetano Patane, nº 362, Bairro Belo Horizonte – Campo Grande – MS.
- Moacir Aleixo (1º Secretário), em 13 de Julho de 2013, em sua residência, localizada na Rua Paranaíba, nº 36 – Bairro: Vila Sobrinho – Campo Grande – MS.

2) Documentos da ANVFEB-MS:

- **Livro Ata:** Reunião da Associação dos Ex-Combatentes, 1951, Livro Ata da Assembléia Geral da Associação dos Ex-Combatentes da FEB.
- **Livro Ata:** Assembléia Geral da Associação Nacional dos Veteranos da FEB – Secção Regional de MS, 1982.
- **Livro Ata:** Reunião da Assembléia Geral de Criação da Associação Nacional dos Veteranos da FEB – Seção Regional de Mato Grosso do Sul, 1985.
- **Ata de Nº 1** – Da Primeira Reunião do Ano de 1987 da ANVFEB-MS
- **Estatuto da Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB)**, aprovado em 30 de novembro de 1971 e com as alterações introduzidas em 15 de agosto de 1972, 23 de setembro de 1975, 27 de junho de 1978, 24 de outubro de 1980 e 3 de setembro de 1984.
- **Estatuto da Associação Nacional dos Veteranos da FEB - ANVEB**, aprovado em 30 de novembro de 1971 e com as alterações introduzidas em 15 de agosto de 1972, 23 de setembro de 1975, 27 de junho de 1978, 24 de outubro de 1980 e 3 de setembro de 1984.
- Jornal-Informativo **Montese** da ANVFEB-MS, Campo Grande - MS, 03/06/2006
- Jornal-Informativo **Montese** – ANVFEB-MS, Campo Grande- MS, 20/02/2008.
- Jornal-Informativo **Montese da ANVFEB-MS**, Campo Grande, 05/02/2006.

3) Documentos Oficiais:

- **Manual de Orientação Museológica e Museografia**, 2º Edição, São Paulo: Secretaria de Estado de Cultura do Estado de São Paulo, 1987.
- MINISTÉRIO DO EXÉRCITO, Secretária-Geral do Exército. **Diretoria de Assuntos Culturais - DAC. Orientação para Preservação e Difusão do Acervo do Exército Brasileiro**. 2º Ed. Rio de Janeiro: EGGCF, 1998.
- Conselho Nacional da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil: **A Legislação do Ex-Combatente**. Editora Expedicionária Ltda, Rio de Janeiro – 1978.
- **Ordem de Serviço Nº 001-ES**: Construção de Monumento em Homenagem aos Ex-Combatentes da FEB. Ministério do Exército – Comando Militar do Oeste – 9º Divisão de Exército (Gov. Das Armas Prov. MT/1821) – Publicado em 25 de Janeiro de 1999 – Campo Grande – MS.
- **Termo de Convênio**: entre estas instituições, o qual foi elaborado a partir da Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993, do Decreto nº 93.872, de 23 de dezembro de 1986, da Portaria Ministerial nº 258, de 22 de abril de 1992 – do Ministério do Exército e da Portaria nº 010 – Diretoria de Material Bélico/Exército Brasileiro, de 04 de junho de 1999 e da Portaria nº 004 – Secretaria de Economia e Finanças/Exército Brasileiro, de 16 de julho de 1999.
- Diário Oficial de Campo Grande de nº 247, de 12 janeiro de 1999.
- Revista da **ARCA** (Arquivo Histórico de Campo Grande) de Nº 13 do ano de 1990.

4) Jornais:

- Jornal **O Globo**, Rio de Janeiro, 22/08/1942.
- Jornal **Correio do Estado**, Campo Grande, 10/11/1994.
- Jornal **Edição Extra, Ano VXI**, Edição 599, Campo Grande, 30/05/1999.
- Jornal **Correio do Estado**, Campo Grande, 25/08/1999.
- Jornal **Correio do Estado**, Campo Grande, 25/06/1999.
- Jornal **Folha de Campo Grande**, Campo Grande, 23/05/1999.
- Jornal **O Estado Mato Grosso do Sul**, Campo Grande, 21/10/2010.
- Jornal **Correio do Estado**, Campo Grande, 05/05/ 2010.
- Jornal **Correio do Estado**, Campo Grande, 05/04/2010.
- Jornal **Correio do Estado**, Campo Grande, 15/01/2011.
- Jornal **O Pantaneiro**, Aquidauana, 29/04/2008.
- Jornal **O Pantaneiro**, Aquidauana, 17/04/1993.

Referências Bibliográficas:

ARRUDA, Democrático Calvacante & Outros. **Depoimento de Oficiais da Reserva sobre a FEB.** Rio de Janeiro, Editora Cobraci Publicações em 1962.

ALVES, Vagner Camilo. **Da Itália À Coréia: Decisões sobre ir ou não à guerra.** Belo Horizonte, Editora UFMG, 2007.

BONALUME NETO, Ricardo. **A nossa Segunda Guerra:** os brasileiros em combate, 1942-1945. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 1995.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velho.** São Paulo, Editora Cia das Letras, 2009.

BARROSO, Gustavo. **Introdução à Técnica de Museus.** Vol. 01. Informativo do Sistema de Museus do Exército. DEP-DAC. Rio de Janeiro, Agosto de 1995, Ano III, Nº 04.

BARBIERI, Priscila. “Bandeira Nazista conquistada na 2º Guerra Mundial agora no Museu do 9º BE Cmb”. **O Pantaneiro**, Aquidauana- MS, 29/04/2008.

BARBIERI, Priscila. “VII Encontro Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira”. **Jornal O Pantaneiro**, Aquidauana, 17/04/1993.

BELARMINA, Patrícia. “Painel Presta Homenagem a Veteranos”. **Jornal Correio do Estado**, Campo Grande, 15/01/2011, p. C6.

BELARMINIA, Patrícia. “Bravos Combatentes Preservam a sua História”. **Jornal Correio do Estado**, Campo Grande, 05/05/ 2010.

BERLAMIA, Patrícia. “Memórias de Mato Grosso do Sul”. **Jornal Correio do Estado**, Campo Grande, 10/11/1994.

BERLAMIA, Patrícia. “Bravos combatentes preservam sua história”. **Jornal Correio do Estado**, Campo Grande, 05/04/2010.

BRAGA, Rubem. **Crônicas de Guerra com a FEB na Itália.** Rio de Janeiro: Editora do autor, 1964.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular – História da Imagem.** Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004.

BURKE, Peter. **História e Teoria social.** São Paulo: Unesp, 2000.

CARVALHO, Virginia Mercês Guimarães. **Ex-Combatentes do Brasil: Entre a História e a Memória – 1945-2009.** Dissertação de Mestrado em História-Social, Recife – Pernambuco – Universidade Federal de Pernambuco – UFPR, 2009.

CASTRO, C. Izecksohn, V. Kray, H. “Da História Militar à “Nova” História Militar”. Int: CASTRO, Celso & IZECKSOHN, V. Kray. **Nova História Militar Brasileira.** Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004.

CASTRO, Celso & D'ARAUJO, Maria Celina (Org.). **Militares e Política na Nova República**. Editora FGV, 2001.

CASTRO, Celso. **A Invenção do Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2002.

CRUZ JUNIOR, Raul Da. **Quebra Canela. A Engenharia Brasileira na Campanha da Itália**. Rio de Janeiro. Editora Bibliex, 1980.

CATROGA, Fernando. “Ritualizações da História”. In: TORGAL, Luis Reis, MENDES, José Amado e CATROGA, Fernando (Orgs.). **História da história em Portugal, sécs. XIX – XX**. Lisboa, Círculo de Leitores, 1996.

CHARTIER, Roger. “O Mundo como Representação”. **Revista de Estudos Avançados**, nº 11, texto 12 – Programa de Estudos de Pós-Graduação em História da PUC de São Paulo: Editora Educ, 1991.

CARDOSO, Ciro Flamarion. “Propriedade de terra e técnicas de produção nas colônias escravistas da América Latina e das Antilhas no século XVIII”. In, CARDOSO, Ciro Flamarion (Org). **Agricultura, Escravidão e Capitalismo**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1979.

CARNEIRO, David. **Troféus na História do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Bibliex, 1961.
D'ARAUJO, Maria Celina & CASTRO, Celso (Org.). **Democracia e Força Armadas no Cone Sul**. Editora FGV, 2000.

FLOHLICH, Sírio Sebastião. **Longa jornada: Com a FEB na Itália**: Editado pelo autor – Brasília – Distrito Federal, 2011.

FERRAZ, Francisco César Alves. **A guerra que não acabou: A reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)**. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

FERRAZ, César Alves. “As Guerras Mundiais e seus Veteranos: Uma Abordagem Comparativa”. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 28, nº 56, 2008.

FERRAZ, Francisco César Alves. “Os veteranos da FEB e a sociedade brasileira”. In: CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor & KRAAY, Hendriy (Orgs) **Nova História Militar Brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

FERRAZ, Francisco César Alves. **Os Brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro, Editora Jorge Zahar, 2005.

FERRAZ, Francisco César Alves. **A guerra que não acabou: A reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)**. Universidade Estadual de Londrina - Paraná: Ed: Eduel, Londrina, 2012.

- FRANK, D. Mccan, Jr. **Aliança Brasil e Estados Unidos – 1937-1945**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995
- FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando. **Brasil e Argentina. Um ensaio de história comparada (1850-2002)**. São Paulo: Editora 34, 2004.
- GONÇALVES, Paiva, **Seleção Médica do Pessoal da FEB**. Rio de Janeiro, Editora Bibliex , S/ Ano.
- HOBSBAWM, Eric. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, Ed. Unicamp, 2003.
- LINS, Maria de Lourdes Ferreira. **A Força Expedicionária Brasileira: Uma tentativa de interpretação**. São Paulo, Editora Unidas Ltda, 1975.
- LOPES, José Machado. **O 9º Batalhão de Combate na Campanha da Itália**. Rio de Janeiro, Ed. Fonte/Seleta, 1981.
- LUCIANO, Luís Carlos. **Triunfo e Glória de um Guerreiro: A História de um Herói de Guerra**. Dourando, MS, Editora UFGD, 2011.
- MAUD, Ana Maria. “Discurso sobre a morte consumada: Monumento aos parcinhas”. In: **Cidade Vaidosa. Imagens urbanas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora Sete Letra, 1999.
- MOTTA, Jehoval. **Formação do Oficial do Exército: Currículos e Regimes na Academia Militar (1810-1944)**. Rio de Janeiro, Editora Bibliex, 1998.
- MELLO; José Luiz Ribeiro. **A Legislação do Ex-combatente**. Rio de Janeiro: Ed. Expedicionária, 1978.
- MAXIMIANO, César Campiani. **Barbudos, Sujos e Fatigados: Soldados brasileiros na Guerra Mundial**. São Paulo, Editora GRUA, 2010.
- MAXIMIANO, César Campiani. **Onde estão nossos heróis: Uma breve história dos brasileiros na Segunda Guerra Mundial**. São Paulo, Ed. do autor, 1995.
- MORAES; João B. Mascarenhas. **A FEB pelo seu Comandante**. Rio Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005.
- McCann, Frank. **Aliança Brasil - Estados Unidos – 1937-1945**. Rio de Janeiro, Editora Bibliex, 1995.
- NEVES, Luis Lefipe. **A Força Expedicionária Brasileira: Uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro, 1922.

NASS, Sirlei de Fátima. **Legião Paranaense do Expedicionário: Indagações sobre a Reintegração social dos Febianos Paranaenses – 1943-1951**. Curitiba: Dissertação de Mestrado em História-Social pela Universidade Federal do Paraná – UFPR, 2005.

NORA, Pierre. “Entre a Memória e a História. A Problemática dos Lugares”. Tradução de Yara Aunkhoury, **Revista de História do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História da PUC** de São Paulo: Editora Educ, nº 10, 1993.

OLIVEIRA, Denison. **Os Soldados Alemães de Vargas**. Curitiba, Edit. Juruá, Coleção Semeando Livros, 2008.

OLIVEIRA, Dennison (Org.). **Guia do Museu do Expedicionário – MEXP**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

PIMENTEL, Carlos Henrique. **Confronto Político nas Forças Armadas: A Associação de Ex-Combatentes do Brasil**. Artigo publicado nos Anais do IV Seminários de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina – UEL-PR, 2010.

SILVEIRA, Joaquim Xavier. **A FEB Por Um Soldado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

SILVEIRA, Vanderlei. “Medalha do Mérito Força Expedicionária Brasileira”. Jornal-Informativo **Montese da ANVFEB-MS**, Campo Grande, 2006.

SILVEIRA, Vanderlei. “Medalha Cruz da Paz dos Veteranos da FEB”. Jornal **Informativo Montese da ANVFEB-MS**, Campo Grande, 2006.

SILVEIRA, Joel. **O inverno da guerra: Jornalismo de guerra**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

SANTOS, Vanderley Vieira. “Memorial ao Expedicionário”. Jornal-Informativo **Montese da ANVFEB**, Campo Grande - MS, 03/06/2006.

SCALO, Livia; LORENZ, Sandra da Rosa; LIMA, Thiara (Orgs). **Herói de Duas Guerras: Jornada de um Ex-combatente**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2006.

STEPAN, Alfred. **Os Militares na Política**. Rio de Janeiro, Editora Arte Nova, 1975.

RIBEIRO, Patrícia da Silva. **Em Luto e Luta: Construindo a memória da FEB**. Tese (Doutorado em História Contemporânea do Brasil - CPDOC) – Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Rio de Janeiro, 2013.

REZENDE, Vladimir. “Inauguração do Museu da FEB”. Campo Grande, publicado no Jornal-Informativo **Montese – ANVFEB-MS**, 20/02/2008.

ROSA, Alessandro dos Santos. **A Reintegração dos Ex-Combatentes da Força Expedicionária Brasileira (1946-1988)**, Curitiba: UFPR, Dissertação de Mestrado em História Social, 2010.

RICOUER, Paul. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Campinas: Edunicamp, 2007.

TAVARES, Aurélio de Lyra. **História da Arma de Engenharia: Capítulo da FEB**. João Pessoa, Paraíba. Editora Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 1996.

TOTA, A. P. **O Imperialismo Sedutor: A Americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo, Cia das Letras, 2000.

VIGEVANI, Tullo. **Origens e Desenvolvimento da Segunda Guerra: Considerações sobre a querela dos historiadores**. Artigo publicado no livro. **Segunda Guerra Mundial: Um balanço histórico**. (Org.) por Osvaldo Coggiola, São Paulo, FFLCH – História – USP, 1995.

Obras Consultadas:

ALMEIDA, Ademar Rivermar de. **Montese – Marco glorioso de uma trajetória**. Rio de Janeiro: Editora da Bibliex, 1985.

BRAYNER, Floriano de Lima. **A Verdade sobre a FEB; Memórias de um chefe de Estado Maior na campanha da Itália**. Rio de Janeiro: Ed; Civilização Brasileira S.A, 1968.

DIEHI, Astor Antonio. **Historiografia: Memória, Identidade e Representação**. Bauru, SP, EDUSC, 2002, p.211

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffter, São Paulo. Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: O breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guaracira Lopes Louro, 11º Ed. – Rio de Janeiro: Editora DP & A, 2006.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Artigo publicado pela Revista Brasileira de Estudos Históricos, V.5, N10: 200-212 Rio Janeiro, 1992.

SILVEIRA, Joel. **Segunda Guerra Mundial: todos erraram inclusive a FEB**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

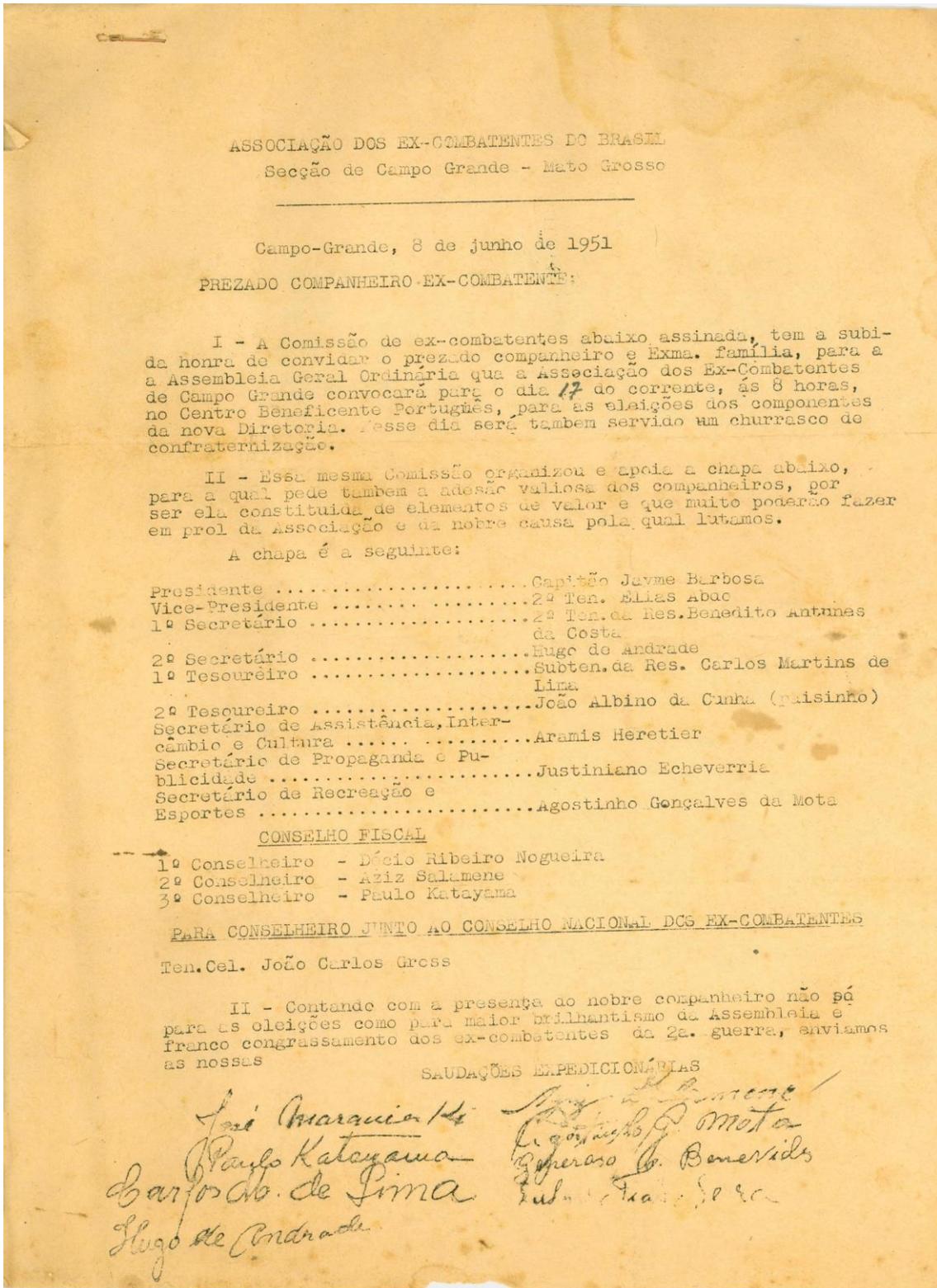
KEEGAN, John. **A face da batalha**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, Ed. 2000.

KEEGAN, John. **Uma História Da Guerra**. Tradução Pedro Maia Soares – São Paulo: Co-Edição Biblioteca do Exército e Cia da Letras, Ed. 1995.

WWIGLWY, Russel. (org.). **Novas Dimensões da História Militar**. Rio de Janeiro – RJ, Editora Bibliex, 1981.

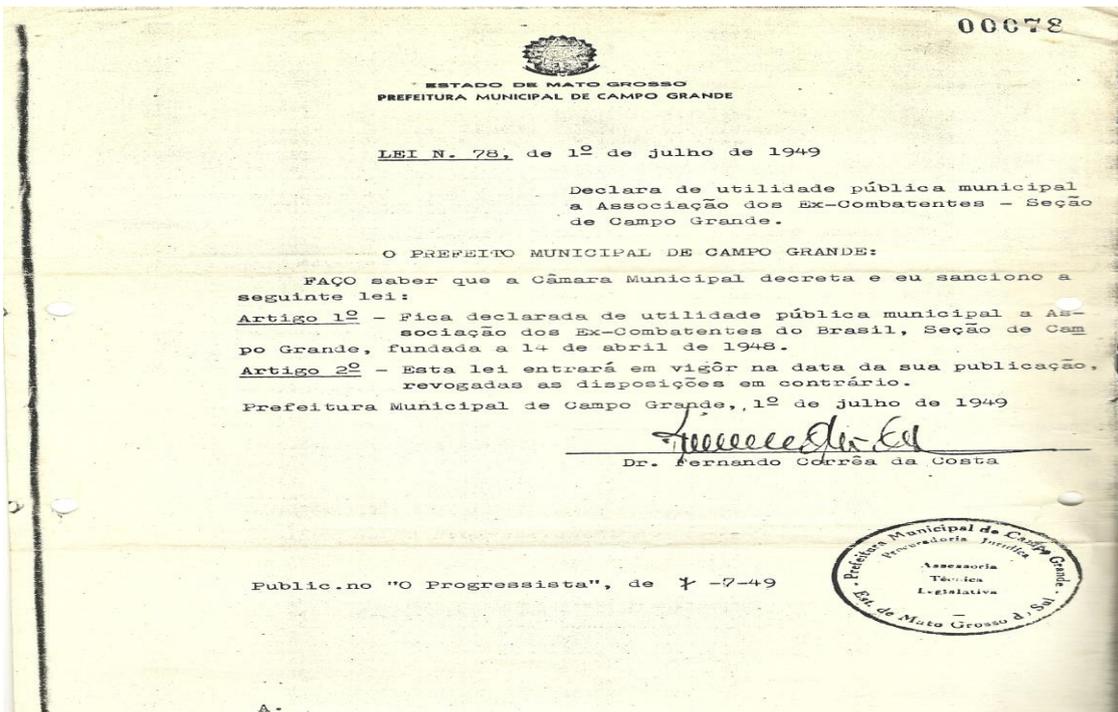
WAACK, William. **As duas faces da glória: A FEB vista pelos seus aliados e inimigos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

Anexos:



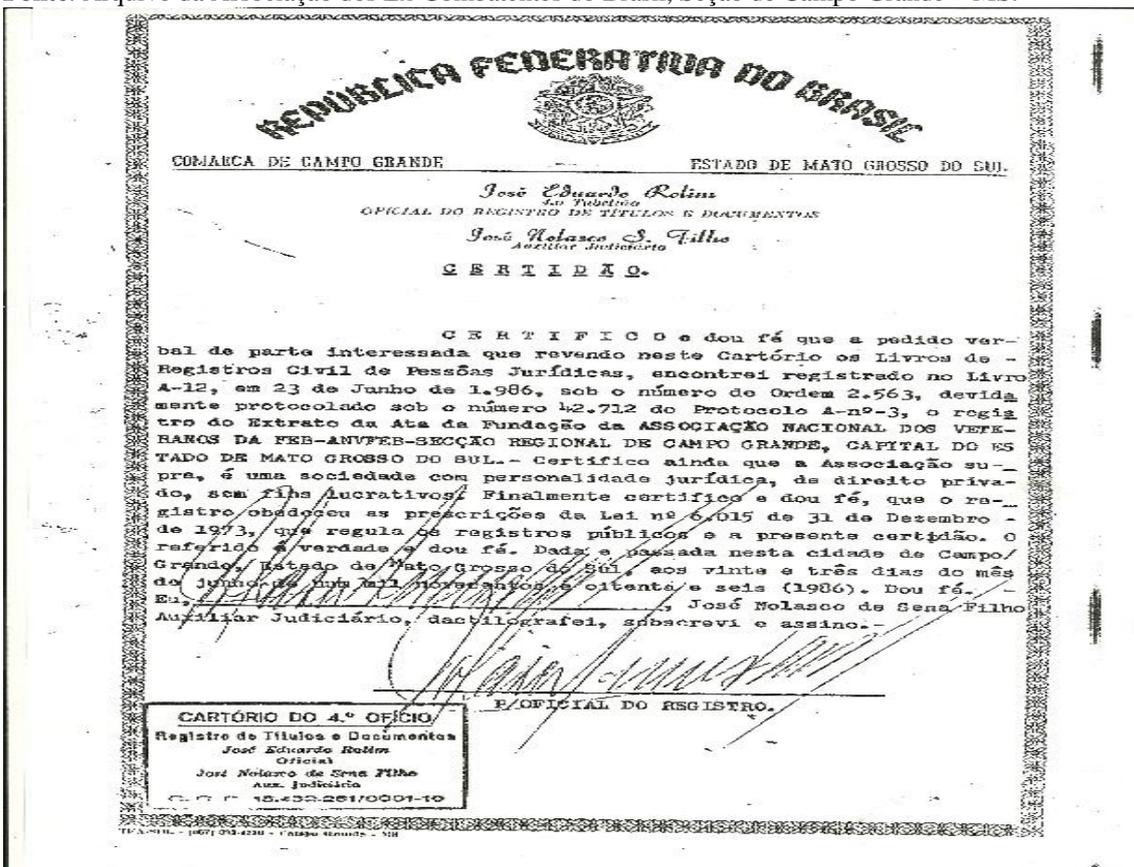
Anexo 1: Ata de eleição da Diretoria da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, Seção de Campo Grande – MT, de 8 de junho de 1951.

Fonte: Arquivo da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, Seção de Campo Grande – MS.



Anexo 2: Reconhecimento oficial da AECB- Seção Campo Grande como de utilidade Pública Municipal, de 1º de julho de 1949.

Fonte: Arquivo da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, Seção de Campo Grande – MS.



Anexo 3: O reconhecimento legal e autorização de funcionamento da pessoa jurídica representada através da entidade da ANVFEB-MS em Campo Grande, de 23 de junho de 1986.

Fonte: Arquivo da Associação Nacional dos Veteranos da FEB, Seção de Campo Grande – MS.



FORTE PAGO DE/MS
ISR-57-109/81

DIÁRIO OFICIAL

DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL

ANO VIII - Nº 1021 - 24 JULHO DE 1986 - GRUPO EDITORIAL - FORTI - 1984 - Nº DE TIRAGEM DE 1500 - R\$ 1,00

Parte I Poder Executivo

Lei Complementar Nº 011 de 1986 - 24 de julho de 1986 - 1986 - MS 1.006

Art. 1º - Fica instituída a Comissão de Iniciação de Atividades Públicas e Profissionais em Mato Grosso do Sul, com sede em Itapetininga - MS.

O Governador do Estado de Mato Grosso do Sul, no uso de suas atribuições legais, decreta o seguinte:

Art. 1º - Fica instituída a Comissão de Iniciação de Atividades Públicas e Profissionais em Mato Grosso do Sul, com sede em Itapetininga - MS.

Art. 2º - Fica instituída a Comissão de Iniciação de Atividades Públicas e Profissionais em Mato Grosso do Sul, com sede em Itapetininga - MS.

Art. 3º - Fica instituída a Comissão de Iniciação de Atividades Públicas e Profissionais em Mato Grosso do Sul, com sede em Itapetininga - MS.

Art. 4º - Fica instituída a Comissão de Iniciação de Atividades Públicas e Profissionais em Mato Grosso do Sul, com sede em Itapetininga - MS.

Art. 5º - Fica instituída a Comissão de Iniciação de Atividades Públicas e Profissionais em Mato Grosso do Sul, com sede em Itapetininga - MS.

Lei Nº 057 de 03 de Julho de 1986

Art. 1º - Fica instituída a Comissão de Iniciação de Atividades Públicas e Profissionais em Mato Grosso do Sul, com sede em Itapetininga - MS.

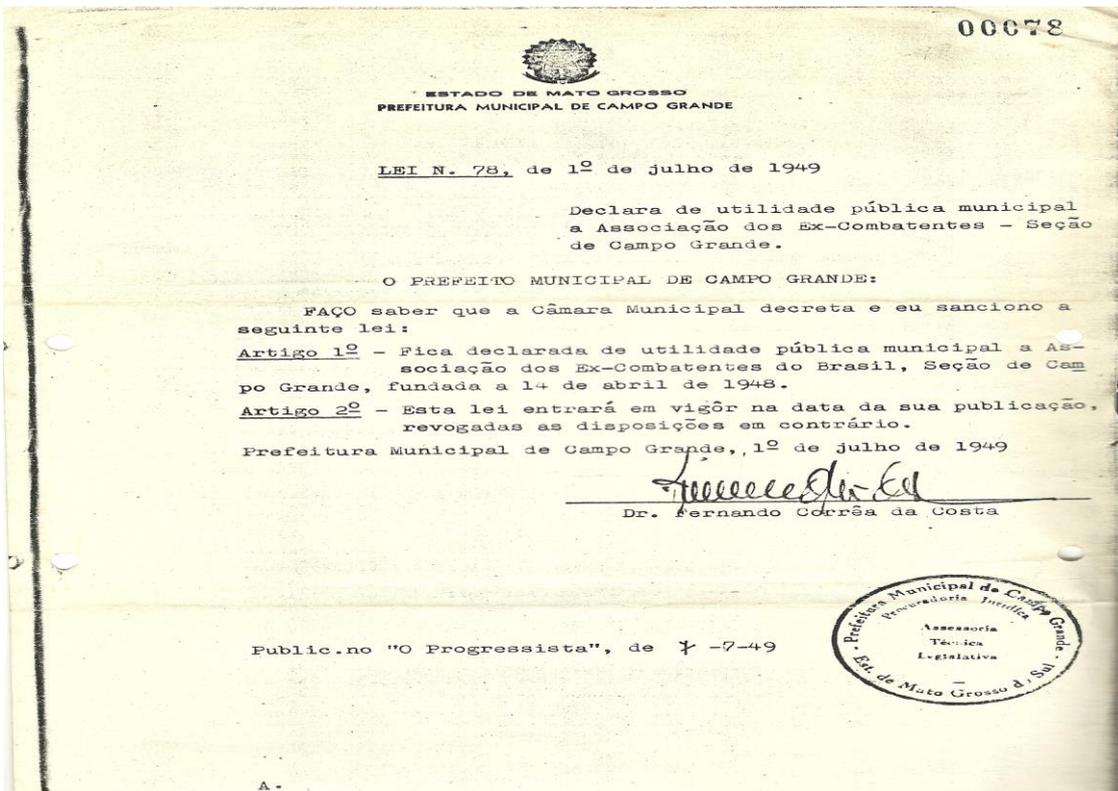
O Governador do Estado de Mato Grosso do Sul, no uso de suas atribuições legais, decreta o seguinte:

Art. 1º - Fica instituída a Comissão de Iniciação de Atividades Públicas e Profissionais em Mato Grosso do Sul, com sede em Itapetininga - MS.

Art. 2º - Fica instituída a Comissão de Iniciação de Atividades Públicas e Profissionais em Mato Grosso do Sul, com sede em Itapetininga - MS.

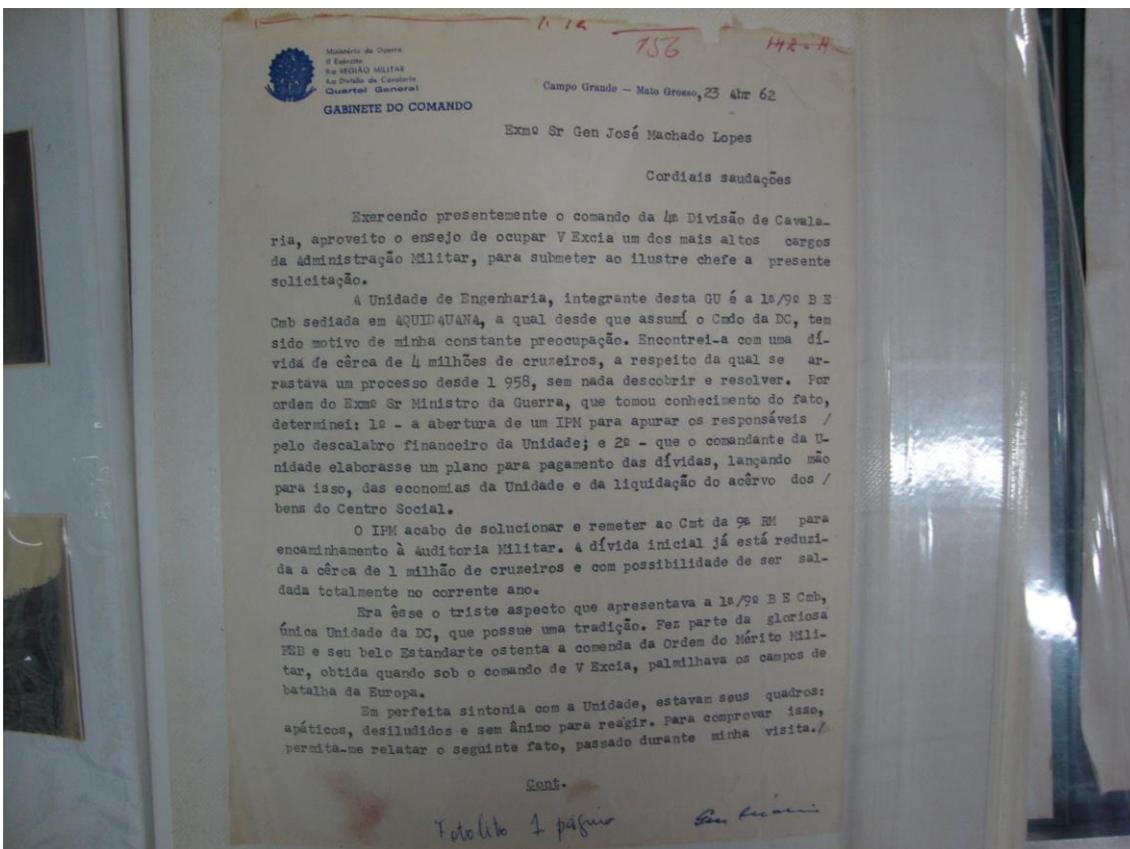
Art. 3º - Fica instituída a Comissão de Iniciação de Atividades Públicas e Profissionais em Mato Grosso do Sul, com sede em Itapetininga - MS.

Anexo 8: Reconhecimento oficial da ANVFEB - Seção Campo Grande como de utilidade Pública Estadual, publicado no Diário Oficial, foi realizado durante o Governo de Wilson Barbosa Martins, de 25 de Julho de 1986. Fonte: Arquivo da Associação Nacional dos Veteranos da FEB, Seção de Campo Grande - MS.



Anexo 9: Declaração Oficial da que a Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, Seção de Campo Grande – MT, é uma entidade de utilidade pública municipal – 01 de Julho de 1949.

Fonte: Arquivo da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, Seção de Campo Grande – MS.





Ministério da Guerra
II Exército
9.ª REGIÃO MILITAR
4.ª Divisão de Cavalaria
Quartel General

996 1511
Campo Grande — Mato Grosso

GABINETE DO COMANDO

Encontrei a um canto de uma sala um amontoado de volumes e perguntei de que se tratava. Por incrível que pareça, General Machado Lopes, era o Arquivo da FEB - "mais um trambolho para a Unidade" - segundo opinião do seu Cmt. Enérgicamente determinei a êsse jovem e inexperiente oficial, que reconsiderasse sua inexata e impatriótica opinião, pois aquêlo amontoado de papéis velhos deveria constituir um glorioso orgulho para a Unidade. Ao despedir-me, determinei que fôsse posto em ordem o Arquivo e orçada sua encadernação, e armários para sua guarda. Hoje já tenho o resultado dêsse trabalho. Serão necessários Cr\$ 500 000,00 e, no sentido de obtê-los, é que me dirijo ao ilustre chefe. A Unidade, sob nova direção, trata com afinco a / sua recuperação financeira, não podendo em curto prazo, arcar com / mais essa despesa. Lembrei-me que meu ilustre chefe, hoje na alta direção do Exército, oriundo da Arma de Engenharia e também integrante da gloriosa FEB, onde teve a honra de comandar o 9º B E Cmb, poderia mais uma vez fazer algo por essa Unidade, auxiliando êste comando no afã de recuperá-la de administrações nefastas e irresponsáveis, restituindo-lhe o orgulho de ser, o repositório de uma de nossas mais caras tradições militares.

Muito grato pela atenção que deu a esta

Do subordinado e admirador

Gen Emílio Garrastazu Médici

Fotolito 1 pag.

Anexo 10: Carta dirigida ao Comandante do III Exército Marechal José Machado Lopes, enviada pelo Comandante da 4ª Divisão de Cavalaria, da 9ª Região Militar, Emílio Garrastazu Médici, em 23 de abril de 1962.



Associação Nacional dos Veteranos da F. E. B.

ENTIDADE DE UTILIDADE PÚBLICA FEDERAL, ESTADUAL E MUNICIPAL
CEP 79002-353 - RUA 13 DE MAIO 4101 - 384-5220
SEÇÃO REGIONAL - MS CAMPO GRANDE - MS

Campo Grande-MS,

BOLETIM INFORMATIVO

Em decorrência do valor histórico e da alegria sentida pelos Sebianos e familiares quando da inauguração do Monumento da FEB/MS em nossa Capital em agosto de 1999, a diretoria desta Associação, tomou a iniciativa de promover a construção do monumento à FEB em Aquidauana-MS, no histórico em 9º B.E., salientando que, para a construção do monumento, não contaremos com o apoio governamental. O empreendimento será levado adiante, com a ajuda dos brasileiros e companheiros febianos que servindo no B.E. e residente em Aquidauana.

Alertamos que no monumento, será destacado o nome dos companheiros, que efetivamente prestarem a contribuição mínima de R\$ 30,00 (trinta reais).

Esta é mais uma oportunidade para deixar firmado em nosso solo um referencial, àqueles que bravamente lutaram nos campos da longínqua Itália.

Certos de contar com a compreensão e colaboração de todos os interessados,

Saudações Febianas.

Agostinho
AGOSTINHO GONÇALVES DA MOTA
PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA F.E.B.

Os interessados deve entrar em contato pelos telefones 67-7845220 ou 7419346

Anexo 11: Boletim Informativo, produzido pela ANVFEB-MS no sentido de recolher fundos financeiros para ajudar na construção do Monumento Histórico do 9º BE Cmb, produzido em 01 de Junho de 2002. **Fonte:** Arquivo da Associação dos Veteranos da FEB – Seção de Campo Grande – MS.

CORREIO DO ESTADO Campo Grande, MS | Terça-feira, 20 de agosto de 2002

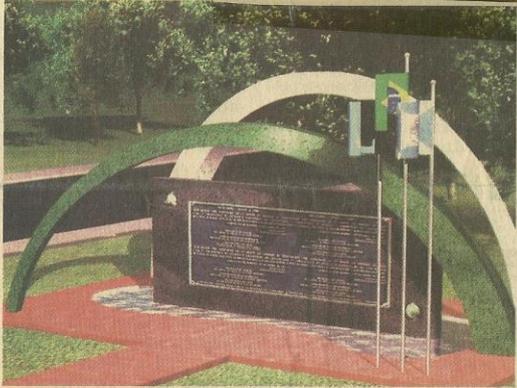
FEB ganha monumento

Ronaldo Regis
Aquidauana

Um monumento, medindo cerca de sete metros de altura, será inaugurado hoje em Aquidauana, a 140 quilômetros de Campo Grande, para homenagear os veteranos da Força Expedicionária Brasileira – FEB. O marco histórico vai destacar os 789 integrantes do 9º Batalhão de Engenharia de Combate que lutaram nos campos minados da Itália durante a 2ª Grande Guerra.

A idealização e a criação arquitetônica do monumento foram realizadas pela Fundação Eduardo Contar, em parceria com a Prefeitura de Aquidauana, Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira (ANVFE) e Comando Militar do Oeste (CMO), através do 9º Batalhão de Engenharia de Combate (9º BE Comb).

O conjunto principal do



Arte gráfica do monumento da Força Expedicionária Brasileira

marco é composto de dois arcos em concreto armado que permitem, numa vista aérea, a forma de um "V", símbolo da vitória. Os arcos são revestidos de granito branco e verde-escuro. O branco simboliza os morros da Itália cobertos pela neve do inverno europeu. O verde representa os morros que circundam Aquidauana, sede da unidade histórica do Exército brasileiro.

No mural de sete metros de comprimento, recoberto de granito negro, está fixada a relação nominal dos 789 integrantes do batalhão. Destes, apenas 13 estão vivos e residem na região de Aquidauana. Um espelho d'água representa as águas do Rio Aquidauana, a travessia do Oceano Atlântico e as águas do Rio Arno (principal rio italiano na região de combate).

Depoimentos contra Razuk são adiados

Élvio Lopes
Dourados

Em razão de justificativa de ausência de duas das oito testemunhas de acusação arroladas pela Justiça Federal, em oitiva que aconteceria ontem à tarde, o juiz federal redesignou para a próxima sexta-feira a mesma audiência, no processo em que o empresário e candidato a deputado estadual Roberto Razuk (PDT) é acusado de crime contra o sistema financeiro nacional.

As demais testemunhas arroladas no processo, que residem em outros municípios, como Corumbá, serão ouvidas mediante cartas precatórias encaminhadas pela Justiça Federal local. Razuk continua preso desde o dia 4 de agosto na Polícia Federal de Dourados.

Anexo 12: Nessa reportagem, ressaltou-se que o monumento da FEB contaria com um mural de sete metros de comprimento, recoberto de granito e fixado a relação nominal dos 789 integrantes do 9º BE Cmb. **Fonte:** Acervo histórico do Museu Marechal José Machado Lopes – Aquidauana – MS.

Ministro do Exército inaugura museu da FEB

O general Zenildo Zoroastro de Lucena fica no Estado até hoje e prefere não falar sobre os salários dos militares

O ministro do Exército, general Zenildo Gonzaga Zoroastro de Lucena, esteve ontem em Campo Grande para participar da inauguração do Museu da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Ele chegou às 9h30m, na Nona Região Militar, onde assistiu à formatura da tropa.

O ato militar teve a presença de autoridades das unidades de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, que assistiram ao desfile das tropas, canto da Canção do Exército e um discurso do ministro onde ele elogiou o grau de disciplina e profissionalismo que as tropas têm mantido, apesar das dificuldades que o exército passa devido às conjunturas econômicas.

Após a cerimônia, o Ministro se dirigiu ao Colégio Militar na Avenida Afonso Pena para descer a placa de inauguração do museu da FEB, instalado em uma das salas do estabelecimento. "Os colégios militares são de

grande importância não só para a família militar, mas também para a civil, pois eles são modelares. Em algumas capitais como Recife, Belo Horizonte e Curitiba, onde houve o fechamento destes colégios houve campanhas da população e estímulo dos governos para que eles fossem reabertos. É a primeira vez que venho conhecer esta região como ministro, mas ainda não pude perceber se Campo Grande também tem essa consciência," disse o general.

Exército e Governo
Indagado a respeito das aposentadorias especiais e da mudança do pagamento dos militares estipulada por José Serra, o ministro não entrou em detalhes sobre o assunto justificando que apesar de fazer parte do Governo, essa é uma questão que deve ser resolvida apenas pela equipe econômica. A possibilidade de evasão da corporação militar devido ao baixo salário, na visão de Lucena não é um fator predomina-



O ministro descerrou a placa inaugural do museu, no Colégio Militar

te, uma vez que "o que vale no Exército é o entusiasmo pela profissão."

Durante o restante do dia, Lucena visitou outros estabelecimentos militares e as obras do novo prédio do colégio militar. Ho-

je, o ministro parte às 7h30m para Corumbá onde deve seguir o mesmo roteiro de visitas de caráter militar e de lá também parte para visitar as regiões militares de Dourados e Ponta Porã, para depois retornar à Brasília.

Tribunal de Justiça empossa novo desembargador

Anexo 13: Nessa reportagem, destaca-se o monumento da inauguração do Museu FEB em Campo Grande, em 23 de Março de 1995. **Fonte:** Acervo histórico do Museu da FEB – Campo Grande – MS.

5. ORDEM DOS ELEMENTOS SUBORDINADOS

a. 5ª Seção do CMO/9ª DE

- 1) Elaborar e distribuir a presente Ordem de Serviço.
- 2) Contactar com o Sr Agostinho Gonçalves da Mota, dando ciência do evento, bem como das reuniões.
- 3) Divulgar junto ao público externo, por ocasião da inauguração do monumento.
- 4) Coordenar a reunião inicial, a ser realizada em 01 Fev 99.

b. 9ª RM

- 1) Designar um Oficial da CRO/9 para participar, acompanhar e assessorar tecnicamente a construção do monumento da FEB.
- 2) Alocar a verba necessária para o pagamento da mão-de-obra do referido monumento, conforme contatos já estabelecidos com o Chefe da CRO/9, em 1998.

6. PRESCRIÇÕES DIVERSAS

- A primeira reunião da comissão será na 5ª Seção do CMO/9ª DE, às 15:00 hs de 01 Fev 99, com a presença do Ch 5ª Sec CMO/9ª DE; do Dr José Marcos da Fonseca, Secretário de Controle Urbanístico de Campo Grande (telefones: 721-4202 e 982-5383), e dos integrantes da Comissão de Construção.

Gen Div GILBERTO BARBOSA DE FIGUEIREDO
Comandante Militar do Oeste / 9ª DE

DISTRIBUIÇÃO:

- CMO / 9ª DE 07
- 9ª RM 02
- ANVFEB - MS 01

CONFERE COM O ORIGINAL:


FLÁVIO DA CUNHA VIANNA - Cel
CH EM CMO/9ª DE

Anexo 14: O acordo foi firmado em 25 de janeiro de 1999, por meio da "Ordem de Serviço nº 001-E5, entre a 9ª Região Militar com a ANVFEB-MS. **Fonte:** Acervo histórico da ANVFEB-MS – Campo Grande – MS.

Autorização para Reprodução

Autorizo a reprodução deste trabalho.

Dourados, _____ de _____ de _____

Márcio Aparecido Pinheiro da Silva